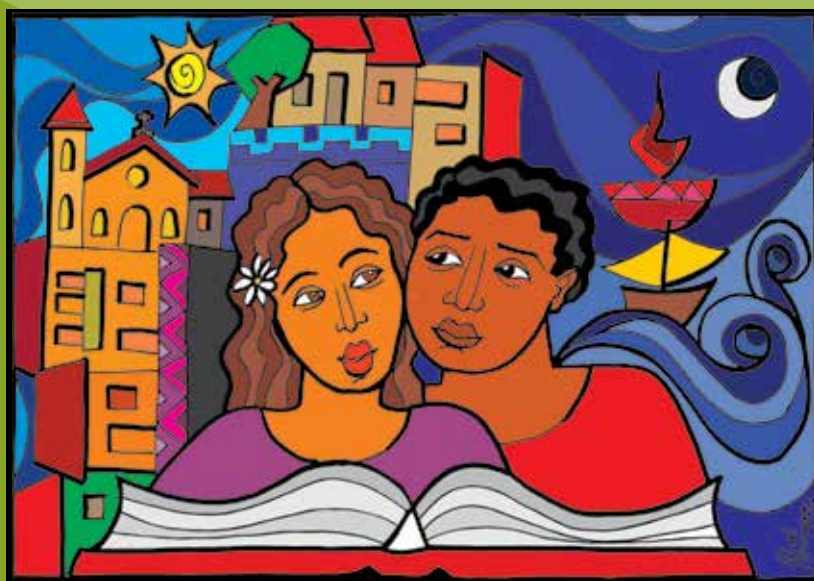


A alegria do amor



03 O agir pastoral que integra e não marginaliza

Pe. Geraldo Martins Dias

21 O sacramento da reconciliação: contribuições teológico-pastorais

Pe. Francesco Sorrentino

11 Anotações teológico-pastorais sobre “*Amoris Laetitia*”

Uma apreciação do capítulo IV

Pe. Márcio Pimentel

29 Dom Helder: um testemunho para os presbíteros

Pe. Ivanir Antonio Rampon

33 Roteiros homiléticos

Pe. José Luiz Gonzaga do Prado

ISSN 0507-7184



9 770507 718005 06

SAZONAL PAULUS 2017



Imagens meramente ilustrativas.

Calendários

- 1 Calendário de parede paisagem
- 2 Calendário de parede santos
- 3 Calendário bíblico
- 4 Calendário de mesa

Agendas

- 5 Agenda Liturgia da Palavra de cada dia
- 6 Agenda de Planejamento
- 7 Agenda Catequética

Dia a dia com o Evangelho

- 8 Livro
- 9 Capa couro
- 10 Capa floral
- 11 Capa neutra
- 12 Capa Devocional N.Sra. Aparecida – Espiral
- 13 Capa Devocional N.Sra. Aparecida – Cristal
- 14 Capa Devocional Maria – Espiral
- 15 Capa Devocional Maria – Cristal
- 16 Capa Devocional Jesus, o Salvador – Espiral
- 17 Capa Devocional Jesus, o Salvador – Cristal

PAULUS,
dá gosto de ler!

paulus.com.br
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br


PAULUS

Prezados irmãos e irmãs,

Graça e Paz!

Antes de tudo, o amor. Aquele amor paciente, prestativo, que não se vangloria. Não se alegra com a injustiça. Alegra-se com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta (1Cor 13). Nada de palavreado rebuscado ou uso da língua com termos arcaicos, por vezes distantes do cotidiano da vida, com suas alegrias, tristezas, angústias e esperanças. Muito rebuscamento, bom sinal não é. O que conta, de verdade, é o amor. Tudo mais são enfeites. E enfeitar em demasia cansa a visão e enjoa o coração. O amor é simples. Por isso, marca a existência com o gosto da eternidade. O amor tem íntima relação com a alegria. Quem tem amor tem alegria, e vice-versa. E isso não quer dizer ausência de problemas e sofrimentos.

O papa Francisco, em sua primeira exortação, fez da palavra alegria o ponto de partida do seu ministério como bispo de Roma: “A alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria” (EG 1). No início da exortação após o Sínodo da Família, retoma o termo: “A alegria do amor que se vive nas famílias é também o júbilo da Igreja” (AL 1).

A alegria, pois, é o combustível que nos impulsiona no caminho da vida. Ser alegre tem que ver com ser animado, vivaz! Tem que ver também com ânimo, isto é, ter alma. A alegria, portanto, é o estado de estar vivo, de estar repleto do Espírito. “Deus modelou o homem com o pó do solo, soprou-lhe nas narinas um sopro de vida” (Gn 2,7). O sopro divino nos enche de entusiasmo, isto é, torna-nos

seres vivos repletos de Deus. O pecado, porém, é o que estraga a alegria. Mas não tem poder sobre quem está entusiasmado, sobre quem tem em si o sopro de Deus.

Jesus ressuscitado, a plenitude da alegria, dá aos discípulos o dom da verdadeira alegria: soprou sobre eles, dizendo: “Recebam o Espírito Santo” (Jo 20,22). O mesmo Espírito, presente na criação, renova e impela a comunidade no caminho. Os que seguem Jesus são guiados pelo espírito da paz, da ternura, da misericórdia. “Deus não nos deu um espírito de covardia, mas de força, amor e sobriedade” (2Tm 1,7).

Por meio do espírito, a comunidade é feliz, é fértil. É produtiva. E produtividade aqui não se relaciona a esta coisa que o mercado tanto explora. Trata-se de produzir no sentido de gerar coisas boas para o mundo. Não permitir que o nosso coração se endureça; mas que seja sensível. E haja mais amor às pessoas do que às máquinas. Mais amor à natureza do que às máquinas. Mais amor às formigas do que aos aviões, aos carros velozes.

Nesse sentido, concluindo mais um ano, renovemos em nós a alegria verdadeira. No início, no meio e no fim do caminho, a liberdade é a meta. Somente os livres são felizes, e quem tem a alegria do alto é livre. Nada nem ninguém pode deter quem se deixa guiar pelo Espírito. Por isso, o caminho é aberto, é horizonte de amor. Quem persiste nesse horizonte espera atento a chegada do Amor. O Amor bate à porta. Acolhê-lo é ser plenamente feliz.

Nosso sincero desejo de alegria verdadeira para você!

Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito, ssp
Editor

Editora PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO
Diretor Pe. Claudiano Avelino dos Santos
Editor Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito
MTB 11096/MG
Conselho editorial Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito,
Pe. Claudiano Avelino dos Santos,
Pe. Darci Marin e Pe. Paulo Bazaglia
Ilustrações internas Luís Henrique Alves Pinto
Editoração Fernando Tangi

Revisão Caio Pereira, Alexandre Santana e Jennifer Almeida
Assinaturas assinaturas@paulus.com.br
(11) 3789-4000 • FAX: 3789-4011
Rua Francisco Cruz, 229
Depto. Financeiro • CEP 04117-091 • São Paulo/SP
Redação © PAULUS – São Paulo (Brasil) • ISSN 0507-7184
vidapastoral@paulus.com.br
paulus.com.br / paulinos.org.br
vidapastoral.com.br

Vida Pastoral – Assinaturas

A revista *Vida Pastoral* é distribuída gratuitamente pela Paulus. A editora aceita contribuições espontâneas para as despesas postais e de produção da revista.

Para as pessoas que moram em cidades onde não há livraria Paulus e desejam receber a revista, as assinaturas podem ser efetuadas mediante envio dos dados para cadastro de assinante (nome completo, endereço, telefone, CPF ou CNPJ) e de contribuição espontânea para a manutenção da revista. Para os que já são assinantes e desejam renovar a assinatura, pede-se acrescentar aos dados também o código de assinante.

Para contato:

E-mail: assinaturas@paulus.com.br

Tel.: (11) 3789-4000

Fax: (11) 3789-4004

Para a efetuação de assinaturas, enviar dados e cópia de comprovante de depósito da contribuição para despesas postais para: Revista *Vida Pastoral* – assinaturas

Rua Francisco Cruz, 229 – Depto. Financeiro
04117-091 – São Paulo – SP

Contas para depósito de contribuição para despesas postais:

Banco do Brasil: agência 0646-7, conta 5555-7

Bradesco: agência 3450-9, conta 1139-8

Livrarias Paulus

APARECIDA – SP

Centro de Apoio aos Romeiros
Lojas 44,45,78,79
(12) 3104-1145
aparecida@paulus.com.br

ARACAJU – SE

Rua Laranjeiras, 319
(79) 3211-2927
aracaju@paulus.com.br

BELÉM – PA

Rua 28 de setembro, 61 –
Campina – (91) 3212-1195
belem@paulus.com.br

BELO HORIZONTE – MG

Rua da Bahia, 1136
Ed. Arcângelo Maleta
(31) 3274-3299
bh@paulus.com.br

BRASÍLIA – DF

SCS – Q.1 – Bloco I – Edifício
Central – Loja 15 – Asa Sul
(61) 3225-9847
brasilia@paulus.com.br

CAMPINAS – SP

Rua Barão de Jaguara, 1163
(19) 3231-5866
campinas@paulus.com.br

CAMPO GRANDE – MS

Av. Calógeras, 2405 – Centro
(67) 3382-3251
campogrande@paulus.com.br

CAXIAS DO SUL – RS

Av. Júlio de Castilho, 2029
(54) 3221-7797
caxias@paulus.com.br

CUIABÁ – MT

Rua Antônio Maria Coelho, 180
(65) 3623-0207
cuiaba@paulus.com.br

CURITIBA – PR

Pça. Rui Barbosa, 599
(41) 3223-6652
curitiba@paulus.com.br

FLORIANÓPOLIS – SC

Rua Jerônimo Coelho, 119
(48) 3223-6567
florianopolis@paulus.com.br

FORTALEZA – CE

Rua Floriano Peixoto, 523
(85) 3252-4201
fortaleza@paulus.com.br

GOIÂNIA – GO

Rua Seis, 201 – Centro
(62) 3223-6860
goiania@paulus.com.br

JOÃO PESSOA – PB

Praça Dom Adauto, S/N
Junto à Cúria – Centro
(83) 3221-5108
joao Pessoa@paulus.com.br

JUIZ DE FORA – MG

Av. Barão do Rio Branco, 2590
(32) 3215-2160
juizdefora@paulus.com.br

MANAUS – AM

Rua Itamaracá, 21, Centro
(92) 3622-7110
manaus@paulus.com.br

NATAL – RN

Rua Cel. Cascudo, 333
Cidade Alta – (84) 3211-7514
natal@paulus.com.br

PORTO ALEGRE – RS

Rua Dr. José Montauray, 155
Centro – (51) 3227-7313
portoalegre@paulus.com.br

RECIFE – PE

Av. Dantas Barreto, 1000 B
(81) 3224-9637
recife@paulus.com.br

RIBEIRÃO PRETO – SP

Rua São Sebastião, 621
(16) 3610-9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

RIO DE JANEIRO – RJ

Rua México, 111-B
(21) 2240-1303
riodejaneiro@paulus.com.br

SALVADOR – BA

Rua Direita da Piedade, 75
Barris (71) 3321-4446
salvador@paulus.com.br

SANTO ANDRÉ – SP

Rua Campos Sales, 255
(11) 4992-0623
stoandre@paulus.com.br

SÃO LUÍS – MA

Rua do Passeio, 229 – Centro
(98) 3231-2665
saoluiz@paulus.com.br

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP

Rua XV de Novembro, 2826
(17) 3233-5188
riopreto@paulus.com.br

SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ

Praça da Sé, 180
(11) 3105-0030
pracase@paulus.com.br

SÃO PAULO – RAPOSO TAVARES

Via Raposo Tavares, Km 18,5
(11) 3789-4005
raposotavares@paulus.com.br

SÃO PAULO – VILA MARIANA

Rua Dr. Pinto Ferraz, 207
Metrô Vila Mariana
(11) 5549-1582
vilamariana@paulus.com.br

VITÓRIA – ES

Rua Duque de Caxias, 121
(27) 3323-0116
vitoria@paulus.com.br



O agir pastoral que integra e não marginaliza

Pe. Geraldo Martins Dias*

O objetivo deste artigo é ajudar os agentes de pastoral a ter visão geral da Amoris Laetitia e apontar-lhes algumas chaves de leitura na perspectiva vivencial e pastoral. Início com uma breve contextualização do processo que a precedeu. Em seguida, dou uma visão geral de sua estrutura e convido o leitor a mergulhar em seu conteúdo em três momentos. No primeiro, queremos descobrir a intenção do papa ao reafirmar o pensamento da Igreja sobre a família. No segundo, buscaremos as novidades apresentadas na Exortação para, finalmente, determo-nos nas chamadas situações “de fragilidade ou imperfeição”.

*Pe. Geraldo Martins Dias, presbítero da Arquidiocese de Mariana, é coordenador arquidiocesano de pastoral e pároco da paróquia Nossa Senhora da Glória, em Passagem de Mariana (MG). Formado em jornalismo, foi assessor de imprensa e político da CNBB. E-mail: martinsdias1988@gmail.com.

Introdução

Aguardada com expectativa e ansiedade, a Exortação Apostólica Pós-Sinodal do papa Francisco, *Amoris Laetitia*, tem despertado grande interesse dos mais variados grupos. Muitos especialistas, teólogos, pastoralistas, sociólogos, entre outros, têm se pronunciado a seu respeito, avaliando suas novidades e limites. Ofereço também minha contribuição, simples, despretensiosa, nascida de um olhar pastoral, e não acadêmico ou



técnico. O objetivo é ajudar os agentes de pastoral a ter uma visão geral da Exortação e apontar-lhes algumas chaves de leitura na perspectiva vivencial e pastoral. Assim, apresento breve contextualização do processo que a precedeu para, em seguida, mostrar sua estrutura.

Iniciando a reflexão sobre o conteúdo do documento, convidado o leitor a perceber, em primeiro lugar, a intenção do papa Francisco ao reafirmar o pensamento da Igreja sobre a família e a realidade que a envolve. Num segundo momento, desejo provocar a busca das novidades apresentadas na Exortação para, finalmente, deter-me na questão relativa aos que vivem nas chamadas situações “de fragilidade ou imperfeição”.

1. Surpresas de Francisco

“Deus surpreende-nos sempre, rompe os nossos esquemas, põe em crise os nossos projetos.” Essas palavras pronunciadas pelo papa Francisco na missa da Jornada Mariana, em outubro de 2013, bem que poderiam aplicar-se a ele mesmo. Afinal, desde que foi eleito bispo de Roma, Francisco não cessa de surpreender, seja pelos gestos simples e eloquentes, seja pelos pronunciamentos proféticos e ousados ou pelas atitudes que revelam sua determinação em tornar a Igreja “pobre para os pobres”, “em saída”, “hospital de campanha”, que dialoga com o mundo e serve tendo a misericórdia como sua “arquitrave”.

Não foi diferente quando anunciou o Sínodo sobre *A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo*, que se realizou em outubro de 2015. Nesse caso, a primeira surpresa foi seu desejo de ouvir “as bases” da Igreja por meio de um questionário aberto e corajoso, em preparação ao Sínodo. Essa atitude,

própria de quem é livre no Senhor. A segunda foi a realização de um Sínodo extraordinário que preparasse o ordinário a partir das respostas ao questionário sobre o tema enviado às dioceses do mundo inteiro. A terceira, segundo relatos de padres sinodais, ficou por conta da metodologia adotada no Sínodo, muito

inspirada nas Conferências Gerais dos Bispos da América Latina.

Por todas essas características e pela relevância do tema, é provável que esse tenha sido o Sínodo mais acompanhado pela população mundial desde que foi instituído, há cinquenta anos. É natural, portanto, que fosse aguardado com ansiedade e expectativa o documento que o papa publicaria após o Sínodo como resultado de suas reflexões. Que surpresas sairiam das mãos e do coração de Francisco depois de ouvir os padres sinodais? O mistério se desfez no dia 8 de

abril, pouco mais de cinco meses após o encerramento do Sínodo, com a publicação da Exortação Pós-Sinodal “A alegria do amor”.

Tão logo foi publicada, *Amoris Laetitia* tornou-se manchete na grande imprensa mundial, que, focada em apenas um aspecto do documento, condicionou o olhar dos mais desavisados a um único ponto do que disse o papa num texto de 325 parágrafos. Uma leitura apressada da Exortação, desaconselhada pelo papa (n. 7), privará o leitor da riqueza deste documento que, em muitos momentos, fala mais pelas entrelinhas, numa sutileza própria de quem quer propor caminhos novos sem rupturas, divisões ou traumas.

2. Conhecendo para amar

A alegria do amor chama a atenção, em primeiro lugar, por sua extensão, com seus mais de trezentos parágrafos distribuídos em nove capítulos e 200 páginas. Alguns capítu-

“Uma leitura apressada da Exortação privará o leitor da riqueza deste documento que fala mais pelas entrelinhas, numa sutileza própria de quem quer propor caminhos novos sem rupturas, divisões ou traumas.”



los têm a leitura mais pesada por causa de extensas citações, que somam 391 ao longo do texto. O destaque dessas citações fica por conta dos relatórios dos dois Sínodos, num total de 133 (53 de 2014 e 80 de 2015) e 142 dos papas Francisco (81), João Paulo II (51) e Bento XVI (10). Aparecem ainda entre os papas, mas com poucas referências, Paulo VI, Leão Magno e Pio XI. Citado 19 vezes, Santo Tomás aparece especialmente no capítulo IV (15 vezes), em que Francisco discorre sobre “O amor no matrimônio”. Aparecem, ainda, entre as citações, Conferências Episcopais (9), o *Catecismo da Igreja Católica* (14), além de outros, incluindo o Vaticano II, especialmente a *Gaudium et Spes*, e até poetas.

A variedade de citações de nove Conferências Episcopais (espanhola, coreana, argentina, mexicana, colombiana, chilena, australiana, italiana e do quênia) e de outros autores confirma o estilo de Francisco, que pensa uma Igreja realmente universal. Em capítulos como o primeiro, o quarto e o nono, em que cita menos ou nem cita os relatórios dos dois Sínodos, o texto é mais leve, de leitura mais agradável, além de profundo e atraente, como é próprio de Francisco. Nesse momento, especialmente, ele deixa falar sua alma de pastor que percorria as periferias de Buenos Aires para levar misericórdia aos que se encontravam nas “periferias existenciais”.

A disposição dos capítulos sugere que Francisco seguiu o método ver, julgar e agir, tão próprio da Igreja na América Latina, mesmo considerando a inovação do papa ao abrir a Exortação com o olhar bíblico. Assim, o capítulo segundo (“A realidade e os desafios da família”) seria o ver; o terceiro (“O olhar fixo em Jesus: a vocação da família”), o quarto (“O amor no matrimônio”) e o quinto (“O amor se torna fecundo”) estariam na ordem do julgar; o sexto (“Algumas perspectivas pastorais”), o sétimo (“Reforçar a educação dos filhos”), o oitavo (“Acompanhar, discernir e integrar a

Amoris Laetitia: sobre o amor na família **Exortação Apostólica Pós- Sinodal do Papa Francisco**

Papa Francisco



O livro *Amoris Laetitia* é fruto de dois sínodos nos quais papa Francisco discorre sobre a importância do amor na família. Para o Sumo Pontífice, a alegria do amor que se vive nas famílias é também o júbilo da Igreja. Apesar dos numerosos sinais de crise no matrimônio – como foi observado pelos padres sinodais –, Francisco observa que “o desejo de família permanece vivo nas jovens gerações”.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





fragilidade”) e o nono (“Espiritualidade conjugal e familiar”) apontam para o agir.

Perceber essa arquitetura da Exortação certamente facilitará sua leitura e assimilação, mesmo que alguém opte por lê-la a partir do capítulo que tenha lhe despertado maior interesse.

3. Não revogar, mas aperfeiçoar

O processo de preparação e realização do Sínodo, nas suas duas fases, com grande colaboração da imprensa, ajudou a criar muita expectativa em relação a mudanças na doutrina da Igreja em questões relativas à situação dos que vivem sem o sacramento do matrimônio, no que diz respeito, especialmente, à sua participação nos sacramentos da confissão e da eucaristia. A expectativa não era menor também em relação à posição da Igreja sobre a união homoafetiva, ao uso de contraceptivos e a participação dos homossexuais na comunidade eclesial.

O papa parece jogar um balde de água fria nos que alimentavam essa expectativa ou outras semelhantes quando afirma logo no início de seu documento: “Recordando que o tempo é superior ao espaço, quero reiterar que nem todas as discussões doutrinárias, morais ou pastorais devem ser resolvidas através de intervenções magisteriais” (n. 3). Ele deixa claro que não é sua proposta mudar a doutrina da Igreja nessas questões. Os caminhos parecem, então, fechar-se, mas, imediatamente, ele esclarece e revela o caminho que percorrerá ou convidará a Igreja a trilhar:

Naturalmente, na Igreja, é necessária uma unidade de doutrina e de práxis, mas isso não impede que existam maneiras di-

ferentes de interpretar alguns aspectos da doutrina ou algumas consequências que decorrem dela [...]. Além disso, em cada país ou região, é possível buscar soluções mais inculturadas, atentas às tradições e aos desafios locais (n. 3).

“Uma coisa é compreender a fragilidade humana ou a complexidade da vida, e outra é aceitar ideologias que pretendem dividir em dois os aspectos inseparáveis da realidade.”

Sua palavra faz-nos lembrar Jesus, no Sermão da Montanha: “Não pense que vim revogar a Lei e os Profetas. Não vim revogá-los, mas dar-lhes pleno cumprimento” (Mt 5,17). Vai na direção de uma Igreja de porta aberta e não controladora da graça, como se fosse uma alfândega (FRANCISCO, 2013, p. 42). É com esse espírito que devem ser lidos especialmente os capítulos terceiro, quinto e oitavo, em que Francisco retoma a doutrina da Igreja sobre o sacramento do matrimônio e a vocação da família.

A diferença está no seu olhar de pastor, com o qual revisita o pensamento da Igreja e lhe dá uma roupagem nova, como ocorre ao dizer, por exemplo: “Quando dois cônjuges não cristãos recebem o batismo, não é necessário renovar a promessa nupcial, sendo suficiente que não a rejeitem, pois, pelo batismo que recebem, essa união torna-se automaticamente sacramental” (n. 75).

O mesmo ocorre quando trata da chamada ideologia de gênero. “Uma coisa é compreender a fragilidade humana ou a complexidade da vida, e outra é aceitar ideologias que pretendem dividir em dois os aspectos inseparáveis da realidade” (n. 56). Ou ainda:

É preciso reconhecer que há casos em que a separação é inevitável. Por vezes, pode tornar-se até moralmente necessária, quando se trata de defender o cônjuge mais frágil, ou os filhos pequenos, das feridas mais graves causadas



pela prepotência e a violência, pela humilhação e a exploração, pela alienação e a indiferença (n. 241).

Ao que parece, o papa propõe retirar a ênfase que, por longo tempo, ficou na doutrina e trazê-la para a pessoa, a exemplo da prática de Jesus. Ele chama a Igreja a fazer uma autocrítica a esse respeito logo no início da Exortação, quando analisa a realidade e os desafios da família. “Muitas vezes apresentamos de tal maneira o matrimônio que o seu fim unitivo, o convite a crescer no amor e o ideal de ajuda mútua ficaram ofuscados por uma ênfase quase exclusiva no dever da procriação” (n. 36). E acrescenta:

Durante muito tempo pensamos que, com a simples insistência em questões doutrinárias, bioéticas e morais, sem motivar a abertura à graça, já apoiávamos suficientemente as famílias, consolidávamos o vínculo dos esposos e enchíamos de sentido as suas vidas compartilhadas. Temos dificuldade em apresentar o matrimônio mais como um caminho dinâmico de crescimento e realização do que como um fardo a carregar a vida inteira. Também nos custa deixar espaço à consciência dos fiéis, que muitas vezes respondem o melhor que podem ao Evangelho no meio dos seus limites e são capazes de realizar o seu próprio discernimento perante situações onde se rompem todos os esquemas. Somos chamados a formar as consciências, não a pretender substituí-las (n. 37).

De maneira especial, o capítulo seis é um convite a rever a prática pastoral junto às famílias, constituindo referência de primeira grandeza, especialmente para os responsáveis pela preparação dos que são vocacionados ao matrimônio. A Pastoral Familiar e os movimentos ligados à família têm aí a novidade do olhar paternal, diria mesmo maternal, do papa so-

bre como guiar e ajudar os noivos, os casais e as famílias a fazer do matrimônio um caminho de santidade. O mais interessante é o tom terno e acolhedor dado pelo papa, sobretudo situações mais exigentes, que ele classifica como “algumas situações complexas” (n. 247-252). É o caso, por exemplo, das famílias que vivem a experiência de ter em seu seio pessoas com tendência homossexual.

Reconhecendo tratar-se de uma questão difícil tanto para os pais quanto para os filhos, o papa mostra que a solução está na acolhida, e nunca na discriminação:

Desejo, antes de tudo, reafirmar que cada pessoa, independentemente da própria orientação sexual, deve ser respeitada na sua dignidade e acolhida com respeito, procurando evitar “qualquer sinal de discriminação injusta” e particularmente toda forma de agressão e violência (n. 250).

4. Jeito novo de falar sobre coisas antigas

Embora toda a Exortação seja merecedora de nossa atenção, dada a riqueza de seu conteúdo e o modo como é apresentado, destaco os capítulos primeiro, quarto e oitavo como os que mais evidenciam o estilo pessoal de Francisco. Ao contrário do oitavo, os outros dois trazem apenas brevíssima citação do Sínodo.

Inspirado no Salmo 128, o papa inicia sua Exortação discorrendo sobre quatro realidades fundamentais da vida familiar: o casal, os filhos, o sofrimento e o trabalho. Trata-se de um jeito novo e leve de falar da vocação da família à luz da Bíblia. Nada pesado nem maçante. Ele fala dos deveres do casal de forma mística. “O amor fecundo chega a ser o símbolo das realidades íntimas de Deus [...]. A capacidade que o casal humano tem de gerar é o caminho por onde se desenrola a história da salvação” (n. 11).



Fonte salutar para a vida das pessoas e dos casais, de maneira particular, é o capítulo quarto, em que Francisco navega de forma poética sobre as virtudes do amor. Com seu jeito paterno de tratar o cotidiano, de maneira simples e direta, ele nos ajuda a mergulhar no profundo mistério do amor. Anima-nos a fazer uma revisão de como o praticamos em nosso dia a dia, ou melhor, de como às vezes nos faltam as virtudes que de fato caracterizam o amor cristão.

“Enquanto o amor nos leva a sair de nós mesmos, a inveja leva a centrar-nos em nós próprios” (n. 95), lembra ele, por exemplo, em relação à inveja, tão presente na vida humana. “Ser amável não é um estilo que o cristão possa escolher ou rejeitar: faz parte das exigências irrenunciáveis do amor” (n. 99), exorta acerca da amabilidade. “Deve-se evitar dar prioridade ao amor a si mesmo, como se fosse mais nobre do que o dom de si aos outros” (n. 101), adverte em relação ao desprendimento que cada um deve ter de si mesmo. “Faz falta rezar a própria história, aceitar a si mesmo, saber conviver com as próprias limitações e inclusive perdoar-se, para poder ter essa mesma atitude com os outros” (n. 107), ensina sobre o perdão.

5. O novo olhar que pode gerar nova prática

O capítulo oitavo é, sem dúvida alguma, o mais procurado da Exortação. Para os que só sentem segurança com normas bem determinadas, o papa foi uma decepção nessa parte. Afinal, ele não definiu o que pode e o que não pode com relação às situações concretas que angustiam pastores zelosos. Muitos desses pastores vivem cotidianamente o constrangimento de dizer não a casais sem o sacramento do matrimônio que se apresentam seja para receber o sacramento da confissão ou da eu-

caristia, seja para ser padrinhos de batismo ou desempenhar outras atividades na Igreja. As famílias que protagonizam essas situações também devem ter sentido uma espécie de frustração, sobretudo se ficaram com a “verdade” divulgada pela imprensa acerca da Exortação.

Contudo, se soubermos ler bem o que Francisco propõe, constataremos que ele revoluciona na forma e no conteúdo. Antes de tudo, apresenta o princípio que deve fundamentar a ação da Igreja e, conseqüentemente, a de seus pastores: reintegrar, e não marginalizar. “O caminho da Igreja é o de não condenar eternamente ninguém” (n. 296). Eis aí o critério à luz do qual todas as chamadas situações “irregulares” (entre aspas, como escreve o papa) devem ser tratadas:

Trata-se de integrar a todos, deve-se ajudar cada um a encontrar a sua própria maneira de participar na comunidade eclesial, para que se sinta objeto de uma misericórdia “imerecida, incondicional e gratuita”. Ninguém pode ser condenado para sempre, porque essa não é a lógica do Evangelho! Não me refiro só aos divorciados que vivem numa nova união, mas a todos seja qual for a situação em que se encontrem (n. 297).

O papa propõe, então, um itinerário a ser percorrido pelo pastor junto à sua ovelha mais sofrida a fim de ajudá-la a se encontrar no amor de Deus. O objetivo é integrar a ovelha ao rebanho, fazê-la sentir-se membro do redil. O discernimento é que iluminará a norma para levar à integração. Nesse sentido, toda possibilidade parece aberta. É o que se pode deduzir quando fala a respeito dos “divorciados e recasados”:

**“Faz falta rezar a
própria história,
aceitar a si mesmo,
saber conviver com as
próprias limitações e
inclusive perdoar-se,
para poder ter essa
mesma atitude com
os outros.”**



A lógica da integração é a chave do seu acompanhamento pastoral, para sabermos que não só pertencem ao Corpo de Cristo que é a Igreja, mas podem também ter disso mesmo uma experiência feliz e fecunda. São batizados, são irmãos e irmãs, o Espírito Santo derrama neles dons e carismas para o bem de todos. A sua participação pode exprimir-se em diferentes serviços eclesiais, sendo necessário, por isso, discernir quais das diferentes formas de exclusão atualmente praticadas em âmbito litúrgico, pastoral, educativo e institucional possam ser superadas. Não só não devem sentir-se excomungados, mas podem viver e maturar como membros vivos da Igreja, sentindo-a como uma mãe que sempre os acolhe, cuida afetuosamente deles e encoraja-os no caminho da vida e do Evangelho (n. 299).

Se, por um lado, o papa reconhece ser impossível estabelecer uma norma única para uma variedade de situações, por outro, ele encoraja a busca do discernimento para os casos particulares. Já que os graus de responsabilidade são diferentes (e isso é reconhecido pelos próprios padres sinodais), “as consequências ou efeitos de uma norma não devem ser necessariamente os mesmos” (n. 300). Eis a chave revolucionária da *Amoris Laetitia*!

Essa afirmação do papa fica ainda mais clara quando nos voltamos para a nota que a acompanha, de autoria do próprio Francisco: “E também [as consequências e os efeitos] não devem ser sempre os mesmos na aplicação da disciplina sacramental, dado que o discernimento pode reconhecer que, numa situação particular, não há culpa grave. Nesse caso, aplica-se o que afirmei noutro documento [*Evangelii Gaudium*, n. 44-47]” (nota 336).

A leitura atenta desse capítulo, especialmente por parte dos ministros ordena-

dos, provocará revisão profunda no exercício de seu ministério em relação a esses casos que há anos os afligem, bem como aos que neles se encontram. Como não rever nossa posição quando o Papa diz, por exemplo, que “já não é possível dizer que todos os que estão em uma situação chamada ‘irregular’ vivem em estado de pecado mortal, privados da graça santificante” (n. 301)? Ou quando sustenta que o pastor “não deve sentir-se satisfeito apenas aplicando leis morais aos que vivem em situações ‘irregulares’, como se fossem pedras que se atiram contra a vida das pessoas” (n. 305)?

Este mesmo parágrafo 305 mostra que uma pessoa, “no meio de uma situação objetiva de pecado”, pode não ser subjetivamente culpável, vivendo assim na graça de Deus. O caminho é o do discernimento, e os padres são chamados a ajudar a trilhá-lo. Há uma nota explicativa dessa afirmação, de autoria do próprio papa, que merece toda a atenção. Segundo Todd A. Salzman e Michael G. Lawler (2016), essa nota oferece a possibilidade de que casais sejam admitidos aos sacramentos em certas circunstâncias.

Em consonância com esse tema geral da misericórdia e caridade, ele [papa Francisco] ressalta que a eucaristia “não é um prêmio para os perfeitos, mas um remédio generoso e um alimento para os fracos”. O papa não chega a expressar uma permissão geral da admissão à comunhão das pessoas divorciadas e recasadas sem anulação, mas está claro que ele deixa a admissão aberta em casos com discernimento. Não abre automaticamente a porta para a mudança, mas certamente nos informa onde está a chave da porta, a saber, como já explicamos, sob o capacho do discernimento pastoral orientado e da decisão de uma consciência informada.



O que deve prevalecer, portanto, é a misericórdia, e isso vai exigir da Igreja verdadeira conversão, uma vez que temos dificuldade, na pastoral, de dar lugar “ao amor incondicional de Deus”. “Pomos tantas condições à misericórdia que a esvaziamos de sentido concreto e real significado, e esta é a pior maneira de frustrar o Evangelho” (n. 311).

O caminho é longo e está apenas começando. A tríade estabelecida pelo papa Francisco – acompanhar, discernir e integrar – exigirá, sobretudo, dos bispos e presbíteros, o compromisso de novas leituras e práticas do que até então vigora nas orientações da própria Igreja. Os princípios estão postos, as diretrizes estão dadas. E tudo de acordo com a prática de Jesus conforme nos ensina o Evangelho.

Conclusão

O que mudará na Igreja com a *Amoris Laetitia*? É difícil prever. Pode-se, contudo, afirmar que provocará muitas inquietações e suscitará novo olhar sobre questões que pareciam cristalizadas. Daí a esperança de que também ajude a descobrir novas práticas, considerando as brechas sugeridas pelo papa Francisco. Segundo Francis DeBernardo, em entrevista à *Revista IHU*, *Amoris Laetitia* “pode transformar a Igreja se os bispos aplicarem os seus princípios nos cuidados pastorais”. Trata-se, em sua opinião, do documento mais poderoso publicado pelo papa Francisco. “Ele tem o potencial de transformar a Igreja. É um radical deslocamento do caráter julgador e punitivo do passado. Será o documento pelo qual Francisco será mais lembrado” (DeBERNARDO, 2016, p.45). ●

Bibliografia

DeBERNARDO, F. “Potência transformadora e conservadorismo num mesmo ato”. *IHU Online — Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, n. 483, ano XVI, p.45 abr. 2016.

FRANCISCO, Papa. *Amoris Laetitia — sobre o amor na família*. São Paulo: Paulus, 2016.

_____. *A alegria do Evangelho*. São Paulo: Paulus:Loyola, 2013.

SALZMAN, T. A.; LAWLER, M. G. “Sinalização do início de abertura na Igreja”. *IHU Online — revista do Instituto Humanitas Unisinos*, n. 483, ano XVI, p.30 abr. 2016.

Liturgia diária

O periódico LITURGIA DIÁRIA facilita o contato com a Palavra de Deus na liturgia e na leitura pessoal; favorece uma melhor assimilação e compreensão da liturgia da missa.

As edições são mensais e trazem as leituras e orações da missa de cada dia, comentários, preces, pequenas biografias dos santos das memórias a serem celebradas, partes fixas da missa, orações eucarísticas e roteiros de outras celebrações.

Para fazer assinatura entre em contato com o setor de assinaturas da Paulus:

Tel.: (11) 3789-4000 • 0800-164011

E-mail: assinaturas@paulus.com.br



Anotações teológico -pastorais sobre “Amoris Laetitia” Uma apreciação do capítulo IV

Pe. Márcio Pimentel*

A Exortação Apostólica do Papa Francisco, Amoris Laetitia (AL), resposta e apelo pastorais ao Sínodo Extraordinário e Ordinário dos Bispos – 2014/2015, não versa exclusivamente sobre “família”. Seu assunto é o amor, suas concreções e, dentre estas, sua realização na vida e relações familiares.

* Pe. Márcio Pimentel é presbítero da Arquidiocese de Belo Horizonte, assessor eclesial para a Liturgia e pároco das Paróquias São Sebastião e São Vicente. Especialista em Liturgia pela PUC-SP e em Música ritual pela Faculdade Campo Limpo Paulista. Músico e compositor, licenciando em Educação Musical pela UEMG. É articulista do Jornal de Opinião (revista eletrônica da Arquidiocese de Belo Horizonte). E-mail: mafpimentel@gmail.com

Que amor?

Seguindo o conselho de Thomas Reese, padre jesuíta e jornalista (IHU, 2016), tomo como referência o capítulo IV, no qual o papa discorre sobre o amor. Sua referência primeira é a Sagrada Escritura, a primeira carta de São Paulo aos Coríntios, o “Hino ao Amor”. Com uma rápida exegese, retoma e esclarece as notas próprias do amor: paciente, servicial, humilde, amável, não ciumento, desprendido, pacífico, reconciliador, honroso, atenuante, confiante, esperançoso e resiliente. Esses termos denotam as vias de realização do amor. Por essas características, o amor deixa de ser ideal e torna-se possível. Isso é importante porque o pontífice deseja checar a aplicabilidade desse amor na vida matrimonial.

Curiosamente, o papa não faz exegese do termo grego empregado por Paulo no



trecho bíblico em questão para dizer “amor”. Na verdade, nesse capítulo, o papa arrisca uma tradução simples, embora interessante. Citando Tomás de Aquino, escreve: “O amor de amizade chama-se ‘caridade’, quando capta e aprecia o ‘valor sublime’ que tem o outro” (AL 127). Mas, antes de ser *caritas*, o amor de que Paulo fala se escreve “ágape”.

Ágape é uma dessas palavras curiosas que, na Sagrada Escritura, se reservava para alguns usos. Em grego, pode-se dizer amor de várias formas: *porneia*, *eros*, *filia* e *agape*. Bom exemplo para captarmos a diferença entre *ágape* e os outros tipos de amor encontramos no diálogo de Jesus com Pedro, após a Páscoa. Quando pergunta a Pedro se ele o ama, o evangelista põe na boca do Senhor a palavra *agape*. Pedro responde, as três vezes, utilizando a *filia*.

Jesus quer iniciá-lo ao *Agape*, ao *Agape* que é o amor gratuito, que não espera retorno [...]. Pedro ainda não está à altura do *Agape*. Este é um ensinamento interessante para nós. Nós estamos num caminho, e quanto mais avançamos, mais formas de amor nós descobrimos (LELOUP, 2013, p.184).

A nosso ver, Francisco propõe uma atitude pastoral pautada na compreensão qualificadora do amor *agape*. Uma vez que, na Sagrada Escritura, este amor gratuito e também solidário coincide com o jeito de Deus amar, o pontífice o toma como norma na consideração de todas as outras formas de amor. Sendo “amor de Deus”, é necessariamente o amor com o qual Jesus ama e, conseqüentemente o amor, que solicita a seus discípulos no cuidado que devem prestar ao rebanho: “Pedro, tu me amas

mais do que estes? [...] apascenta meus cordeiros” (Jo 21,15ss).

Jesus, que deseja confiar a Pedro o cuidado dos que creem, solicita primeiro a confirmação do seu amor e, portanto, de sua fidelidade irrestrita a ele mesmo, Pastor único. A tripla pergunta: “tens amor a mim?” é feita na linguagem joani-

na do amor; na terceira vez, porém, com o verbo *fileo*, que geralmente exprime a ternura das relações humanas, e que também pode incluir tanto o elemento meramente humano quanto o amor inspirado por Deus (DUFOUR, 1998, p.207).

A pergunta à qual o pontífice tenta nos encaminhar seria: em que medida nossas relações e, nelas, nossos amores traduzem o nosso amor de Jesus ou são impelidos por esse amor? Seja no amor entre irmãos, entre

amigos ou entre esposos. O Hino ao Amor é transmitido por Paulo aos cristãos de Corinto como um lembrete. Sendo uma comunidade enriquecida em tudo pelo Evangelho, é admoestada pelo apóstolo para que não se perca na divisão. Seus membros pertencem somente a Cristo, e ele é a medida do amor e o nexos das relações. Distinções ideológicas não devem ferir esse princípio de unidade e comunhão. Para Paulo, a comunidade se funda no amor de Cristo. Para ele, “amar os outros é a característica mais importante da vida cristã e o centro do modo de vida cristão. [...] Todo conceito paulino de vida santa é dominado pelo amor” (MOHRLANG, 2008, p.67).

O contexto do “Hino ao Amor” ontem e hoje

O segundo capítulo da Exortação Apostólica é dedicado à contextualização. Francis-

“Amar os outros é a característica mais importante da vida cristã e o centro do modo de vida cristão. Todo conceito paulino de vida santa é dominado pelo amor.”

co pauta sua reflexão em dois polos: a Sagrada Escritura (capítulo primeiro) e os fatos (capítulo segundo). Quando, no capítulo quarto, enfatiza o amor em perspectiva escriturística, o faz depois de argumentar sobre os acontecimentos pertinentes à vida matrimonial e familiar.

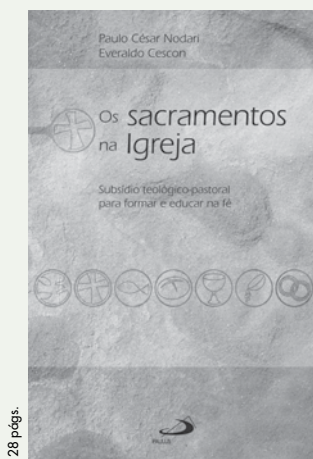
Na primeira Carta aos Coríntios, são Paulo utiliza o mesmo recurso. Encontramos espalhadas por toda a carta as ponderações do apóstolo, pondo de um lado a realidade da vida de fé da comunidade coríntia, e de outro a perspectiva vocacional à qual foram chamados. A comunidade coríntia experimentava tensões muito sérias. O grande problema era uma espécie de gnosticismo pneumático: a posse do Espírito Santo, manifesta das mais variadas formas, sobretudo por meio dos *karismata*, ou “dons do Espírito”, que fornecia um determinado tipo de conhecimento sobre as coisas: “Essa posse separa os cristãos em duas classes, os pneumáticos ou ‘perfeitos’, por um lado, e os sárquicos (carnais) ou de menoridade (os imaturos) de outro lado”. (VIELHAUER, 2015, p.162)

A crítica paulina ao partidarismo, extremamente nocivo à vida comunitária, transparece como fio condutor da carta. O papa Francisco toca essa questão em AL logo de início. Ao manter o caráter sinodal na Exortação, recolhendo todas as contribuições possíveis para jogar luz sobre a pluralidade de situações pelas quais passam a vida matrimonial e familiar, o pontífice se posiciona contra qualquer tipo de polarização. O partidarismo é prejudicial exatamente por identificar a verdade com a idiossincrasia de um grupo. Outro elemento importante é a propensão de Francisco a ampliar o debate ao invés de encerrá-lo em definições legais ou doutrinárias. Também não o satisfaz aceder às decisões rápidas, sem suficiente estudo e construção coletiva de um consenso que permite – é claro – governabilidade de um lado e aplicação consciente na pastoral, por outro (AL 2).

Os sacramentos na Igreja

Subsídio teológico-pastoral para formar e educar na fé

Everaldo Cescon e Paulo César Nodari



128 págs.

Este livro é fruto de uma reflexão amadurecida ao longo dos anos, especialmente a partir da atuação pastoral junto às comunidades do povo de Deus em diversos lugares e regiões. Busca auxiliar as pessoas na sua formação pastoral cristã, iniciando sua reflexão com a indagação a respeito de quem é o ser humano e de sua possibilidade de chegar a Deus. Jesus Cristo, plenitude do acolhimento do amor do Pai, deixa à Igreja o compromisso de ser no mundo sinal desse acolhimento.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





Mas é AL 3 que merece uma atenção de maneira mais especial. A nosso ver, são as poucas palavras de Francisco nesse número que melhor oferecem o espírito da Exortação. Curto, direto e denso. Este número, em especial, rendeu ao papa uma crítica do controvertido Cardeal Burke segundo o qual de *Amoris Laetitia* não ser magisterial, o que equivale a não ser um ensino oficial da Igreja. Nossa análise do número três é exposta a seguir:

Primeiro, considerar que o tempo é superior ao espaço é de grande importância no que tange ao elemento convival, que é o escopo de um ensino que verse sobre matrimônio e vida familiar. Como na maioria dos fenômenos humanos, as coisas não estão prontas. A dimensão histórica, processual deve ser ressaltada e considerada seriamente. Não há receitas que dão conta da dinamicidade da vida. Não há regras que definam exaustivamente um relacionamento. Podemos propor balizas. Vislumbrar horizontes. Nesse sentido, o tempo é fundamental. Pensando, por exemplo, no casamento, isso serve tanto para os que apressadamente querem se unir ou separar quanto para os que pensam ter todas as soluções ou arrogam para si o direito de se considerarem casal/família perfeita. Estamos todos a caminho, em peregrinação, até que o Espírito nos conduza à verdade completa.

Um segundo elemento, que não é menos importante e mais de cunho teológico, é respeitar a progressividade da Revelação. Embora completa em Cristo, está em desvelamento em nós. O que é pleno em Jesus é ainda iniciação para nós. Como afirma o salmista, somos obra começada. Até que Cristo seja tudo em todos, há que se respeitar o ritmo de nossa vida. Esse ritmo é plural porque suas narrativas são múltiplas, e variadas são as cultu-

ras que nascem da criatividade do Espírito do Senhor. Dessa teologia tão fiel ao Mistério da Encarnação — o próprio Filho de Deus cresce... — brota uma pastoral, isto é, uma forma de cuidar do rebanho, das pessoas.

O terceiro aspecto: nenhum documento do Magistério eclesial tem as respostas para tudo, e — conforme as palavras do papa — não se pode, simplesmente, esperar por

eles. Na colegialidade em no respeito à unidade tanto doutrinal quanto prático, há que se deixar espaço àquilo a que Deus mesmo nos possa impelir a partir dos lugares onde estamos e respeitando o contexto em que vivemos. Isso nos parece uma tentativa de levar os bispos das Igrejas locais à responsabilidade de ou-

sar pelo bem do Evangelho, pela felicidade da criação inteira, e não permanecer à espera de posicionamentos pontifícios.

Parece-nos bastante positiva a avaliação de Andrea Grillo sobre este número da AL:

É preciso notar que, enquanto a auto-limitação do magistério que tivemos que registrar com João Paulo II e com Bento XVI estava propensa a encerrar os debates, a reprimir a liberdade de palavra, a marginalizar a dissidência, neste caso, Francisco quer quase estimular a discussão, renunciando a intervir com um “pronunciamento resolutivo”.

No primeiro caso, a autoridade está pela proteção do *status quo*, enquanto, no segundo caso, a autoridade permite uma mudança e uma variação. Neste caso, poderíamos dizer, assume-se a autoridade de reconhecer outras autoridades, para deixar iniciar, no tempo, processos de autoridade.

O princípio da superioridade do tempo sobre o espaço é, na realidade, uma

“O que é pleno em Jesus é ainda iniciação para nós. Até que Cristo seja tudo em todos, há que respeitar o ritmo de nossa vida.”

precisa e poderosa teoria do exercício do magistério. Que reconhece a prioridade paciente do fato de iniciar processos inclusivos, em vez da de ocupar espaços excludentes e exclusivos. “Dar prioridade ao tempo é ocupar-se mais com iniciar processos do que possuir espaços” (*Evangelii Gaudium*, n.223). (GRILLO, 2016).

As características do amor

Citando o *Catecismo da Igreja Católica*, Francisco afirma objetivamente que o matrimônio cristão visa “aperfeiçoar o amor dos cônjuges”. (AL 89) O *Ritual do Matrimônio* fala em “enriquecimento” do sacramento do batismo, dotando a relação conjugal e familiar de eclesialidade e livrando-a da autorreferência. (Ritual do Matrimônio.) Casa-se na Igreja, isto é, no contexto de uma vida fraterno-familiar, como desdobramento daquela relação operada por Cristo entre ele e o Pai, aberta a todos os que desejem tomar parte, o que se realiza pelos sacramentos da iniciação: batismo-crisma-eucaristia. Essa referência do papa ao Amor é axial. Esse amor, já o sabemos, não diz respeito apenas à afetividade do casal, mas é a presença do Espírito Santo que em nós faz conhecer as palavras e gestos do Filho e, por ele, o abraço santificador do Pai.

Francisco passa à explicação do “amor cristão”, tomando como referência um trecho breve da primeira carta aos coríntios. Uma coleção de atributos é apresentada e, um a um, são interpretados. É importante compreendermos que não se trata de um “ideal” de amor, mas de um amor possível porque é realização do *ágape* de Jesus. O pontífice o diz com todas as letras: “Isso se pratica e cultiva na vida que os esposos partilham dia a dia entre si e com os seus filhos” (AL 90). Pelos sacramentos da iniciação e, claro, pela celebração do matrimônio por motivo de enriquecimento, somos todos mergulhados nesse amor. No entanto, é pos-

Manual de liturgia III A celebração do mistério pascal – Os sacramentos: sinais do mistério pascal

Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM)



Os sacramentos são os sinais sensíveis produtores da graça, instituídos por Jesus como auxiliares indispensáveis para a pessoa conseguir a salvação eterna. Por isso, é de fundamental importância penetrar no verdadeiro valor e significado de cada um dos sacramentos. O volume III da série *Manual de Liturgia*, fruto do trabalho de renomados liturgistas latino-americanos, aborda os sete sacramentos cristãos, analisando-os a partir da perspectiva da iniciação cristã.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





sível estarmos nele submersos, mas revestidos de impermeabilidade. Deixar-se empapar por esse amor é condição para o sucesso da vida matrimonial e familiar, e isso Francisco deixa claro ao abordar a necessidade de crescer na caridade conjugal:

O cântico de são Paulo, que acabamos de repassar, permite-nos avançar para a caridade conjugal. Esse é o amor que une os esposos, amor santificado, enriquecido e iluminado pela graça do sacramento do matrimônio. É uma “união afetiva”, espiritual e oblativa, mas que reúne em si a ternura da amizade e a paixão erótica, embora seja capaz de subsistir mesmo quando os sentimentos e a paixão enfraquecem. (AL 120)

Ao destrinchar o significado bíblico do amor conjugal e familiar – que, na verdade, diz respeito ao amor de Cristo que foi derramado no coração dos cristãos, parafraseando são Paulo –, Francisco apresenta a sacramentalidade própria do matrimônio. Em algumas homilias, por ocasião de núpcias em nossa comunidade paroquial, costumamos dizer que o relacionamento dos esposos é tornado pela celebração da Igreja, a pedido dos cônjuges, um monumento. Qual obra de arte, esculpida na dureza da rocha, é um registro e um lembrete da beleza do Amor de Deus, que se tornou claro como o dia, em Jesus. O casal, nessa perspectiva, assume o compromisso de ser, permanentemente, para a comunidade de fé e para todos quantos com ele convivam, a prova viva desse amor. As leituras bíblico-litúrgicas, a eucologia, os cantos na celebração matrimonial devem explicitar essa vocação. Assim como a vida conjugal e familiar tornada sa-

cramento não é uma autocelebração, isto é, uma experiência autorreferencial do amor, também a liturgia que os legitima e insere nesse caminho não pode esgotar-se no romantismo dos cônjuges.

Mas, conforme se autodefiniu em seu discurso aos luteranos, Francisco experimenta seu ministério de confirmar os irmãos e irmãs na fé como um pároco universal; move-se com

“Não se deve atirar para cima de duas pessoas limitadas o peso tremendo de ter que reproduzir perfeitamente a união que existe entre Cristo e a sua Igreja.”

o coração de pastor. Por essa razão, após iluminar a vida matrimonial e familiar com a beleza do amor de Cristo, deixa claro que isso não pode ser vivido como uma carga: “Não se deve atirar para cima de duas pessoas limitadas o peso tremendo de ter que reproduzir perfeitamente a união que existe entre Cristo e a sua Igreja”. (AL 122) O jogo do amor há que de ser leve. Como na tradição rabínica, o jogo diz respeito

àquela característica mais específica do mestre que o discípulo é chamado a imitar e, por essa imitação, absorver e tornar um traço próprio. O matrimônio, como enriquecimento da vida batismal, não pode se tornar um peso. Por essa razão, faz-se necessário lembrar-se das fragilidades de toda experiência humana e – com compaixão e misericórdia evangélicas – experimentar o avanço gradativo no exercício dessa vocação.

Onde está a “glória” de Deus no relacionamento conjugal?

Em *A arte de se salvar*, o rabino Nilton Bonder traz dois conceitos judaicos provocativos que desejamos utilizar aqui para interpretar algumas afirmações de Francisco sobre a vida matrimonial e familiar e o exercício do Amor ao qual são vocacionados. São eles a noção de *Aiê* e *Malê*.

A primeira expressa dúvida e angústia, e a segunda, certeza e fé. A palavra

Aié (“onde?”) denota a busca existencial. A mesma palavra – *aieka* – é utilizada na Bíblia, no episódio em que o Criador procura Adão no Paraíso, logo após este ter provado da Árvore da Sabedoria. “*Aieka*” significa: “Onde está você, Adão?”, no sentido existencial (em vez de espacial) “neste momento? Por onde anda a tua alma?”. (BONNER, 2011, p.22)

O rabino, com esse trecho, fala do aspecto de velamento que a vida possui no que diz respeito ao seu sentido, às suas possibilidades, aos direcionamentos possíveis. Não há no mundo clareza ou obviedade para tudo. Assim é a vida matrimonial e familiar tal e qual conduzida na reflexão de Francisco. Muito embora o pontífice paute e estabeleça o horizonte teológico e também doutrinal do matrimônio cristão como tradução existencial do amor de Cristo, ele mesmo exprime seu caráter desafiante. O número 122 da *Amoris Laetitia* trata exatamente disso, de conceber o amor matrimonial como tarefa para além do dom. O contrário disso é um amor enfermo que se torna “incapaz de aceitar o matrimônio como um desafio que exige lutar, renascer, reinventar-se e recomeçar sempre de novo até a morte” e, é claro, não consegue “sustentar um nível alto de compromisso”. (AL 122) Estamos diante da exigência do cuidado, da verificação permanente, da vigília carinhosa do vínculo. O pontífice parece dizer: “pergunte-se, sempre, onde você está em relação ao Amor que é dom e tarefa”. Este amor que “‘não foi instituído só em ordem à procriação’, mas para que o amor mútuo ‘se exprima convenientemente, aumente e chegue à maturidade’”(AL 125) necessita ser buscado, discernido, compreendido, educado, transformado. Os números 126 a 141 vão tratar basicamente do desafio laborioso do amor.

Sacramentos em sua vida

Padre José Bortolini



Este curso versa sobre os sete sacramentos, em linguagem simples e popular. O livro é destinado à catequese e às comunidades sem padre. É uma coletânea dos artigos publicados em *O Domingo – Culto Dominical*. O texto foi revisto, corrigido e desenvolvido. Obra de fundamental importância para a formação catequética, apresenta uma visão completa dos sacramentos, seus fundamentos bíblicos e teológicos, seus elementos simbólicos e suas implicações pastorais.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





Voltando ao rabino Nilton Bonder, tomemos o segundo termo judaico, *Malé*:

Por sua vez, o conceito *Malé* (a terra está repleta da Sua glória) representa o mágico momento em que a ordem se decodifica de maneira clara e cristalina. Como na visão do profeta Isaías (6,3), de onde a frase é retirada, os seres celestes anunciam a presença da glória divina sem máscaras ou véus. Tal conceito representa os momentos em que somos tocados pela existência, em que não temos dúvida sobre a existência da ordem, ou os momentos nos quais o prazer e a alegria de estar vivo são tão sólidos que nos fazem perceber o mundo como calçado por um chão de paz e certeza. (BONNER, 2011, p.23)

Na Exortação Apostólica, os números 142 ao 152 evocam aqueles aspectos da relação amorosa que causam prazer e são explicitamente belos. O papa comenta sobre o mundo das emoções como sendo uma das características mais basilares de nossa humanidade: “O ser humano é um vivente desta terra, e tudo o que faz e busca está carregado de paixões”. (AL 143) Assim, não sendo intrinsecamente bom ou mau – seja a atração, seja a repulsa –, as emoções das quais decorrem opções e consequentes atos devem ser observadas e verificadas como realização livre, consciente, límpida do amor de Cristo, ao qual estão chamados os esposos e a família como um todo. Em particular, fala-se do exercício da sexualidade como dom que embeleza a vida conjugal. Tomando como referência estas concreções da vida matrimonial — as emoções e suas

consequências, bem como a vida sexual — e lendo-as à luz do conceito judaico *Malé*, podemos chegar à constatação de uma ordem nas relações, bem como da gratidão necessária para que o matrimônio se sustente e a convivência siga em frente.

O matrimônio, portanto, não pode ser lido e experimentado isoladamente apenas com base em um dos conceitos, mas somente

na dinâmica dialógica dos dois: *Aié* e *Malé*. Utilizando as referências do próprio papa ao falar, por exemplo, da violência e da manipulação nos números 153 a 157, podemos constatar que a degradação da relação conjugal e familiar se estabelece quando o amor se perverte. Em quaisquer dos aspectos que o revelam: sexualidade, afetividade, alteridade. Essa percepção surge do uso de uma boa dose de *Aié* e *Malé*, isto é, da capaci-

dade de buscar sentido e reconhecê-lo. Sabedoria ao aplicar as seguintes frases ao relacionamento: onde está a glória de nosso relacionamento? Aqui está a glória de nosso relacionamento! Sobretudo tendo como referência o amor de Cristo, modelo e meta para a vida conjugal e familiar.

Conclusão

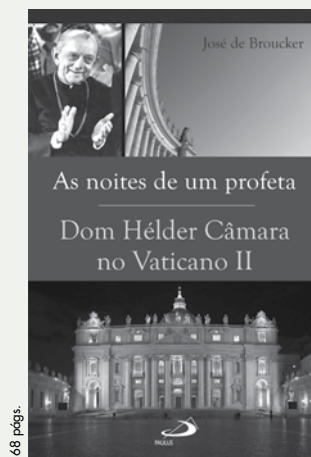
Nos últimos números do capítulo IV, o papa fala da “transformação do amor”. Francisco aborda a necessária metamorfose pela qual o amor dos cônjuges deve passar para que a relação se sustente e seja fecunda. Depois de quatro, cinco décadas juntos, como manter a vitalidade no casamento quando já não vicejam aqueles aspectos “originais”: quicã a paixão, a libido, as expectativas...? O papa afirma que é possível ter “um projeto comum estável”, de modo que o amor não seja apenas abordado pelas vias da afetividade, mas como

“As emoções das quais decorrem opções e consequentes atos devem ser observadas e verificadas como realização livre, consciente, límpida do amor de Cristo.”

um compromisso motriz. É nesse ponto que nos vem à memória uma breve consideração do Rabino Bonder ao tratar da relação entre o amor e a verdade. Contando uma pequena parábola sobre um paciente que, medicado em sua enfermidade, deveria tomar pílulas que vinham recobertas por uma camada de açúcar e aromatizantes, mas simplesmente não melhorava porque, em vez de engoli-las, chupava-as, absorvendo apenas o doce e cuspiendo o remédio, ele nos oferece a seguinte constatação: “Absorvemos nossas experiências do dia a dia de maneira semelhante, pois integramos o doce (a estrutura do amor) e ‘cuspimos’ a componente Verdade”. (BONNER, 2011, p.42) A verdade em um relacionamento matrimonial e familiar é a vida divina à qual são convocados a participar e anunciar existencialmente. Essa graça, que é sacramental, isto é, dá-se a conhecer “nas alegrias e tristezas” da existência concreta da família, respectivamente, ora como epifania (*Malé*: Aqui está!), ora desvelando-se (*Aiê*: Onde está?), é suportada virtude da estrutura oferecida pelo amor de Cristo. Um amor pascal, que não mascara porque não é puramente cosmético e, portanto, superficial. É estruturante e orientador de uma vida inteira para a verdade sobre os cônjuges, sobre a família, sobre o mundo, sobre Deus. Um amor que é puro Espírito porque é memória da oblatividade do Filho nas experiências vitais do casal. Um amor que excede o sentimento e evoca a razão da mútua entrega celebrada diante do altar, entoada pelos enamorados no Cântico dos Cânticos: *Ani le dodi ve dodi li*: Eu sou do meu Amado e o meu Amado é meu. ●

As noites de um profeta Dom Hélder Câmara no Vaticano II

José de Broucker



Quando um homem fora do comum – Dom Hélder Câmara – encontra um acontecimento excepcional – o Concílio Vaticano II –, a história que eles escrevem juntos vale a pena ser contada. Noite após noite, Câmara, que ainda não era a “voz dos sem voz”, não cessou de “conscientizar” e de “articular” os atores do Concílio, teólogos e bispos, até o papa, acerca de um programa claro: a edificação de uma outra Igreja, servidora e pobre, por um mundo mais justo e fraterno.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



Bibliografia

BONDER, N. *A arte de se salvar. ensinamentos judaicos sobre o limite do fim e da tristeza*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

GRILLO, A. *Descobrimos a "Amoris Laetitia": como muda o Magistério e como se traduz a doutrina*. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/553719-descobrimos-a-qamoris-laetitiaq-como-muda-o-magisterio-e-como-se-traduz-a-doutrina-artigo-de-andrea-grillo>. Acesso em: 19 de abr. de 2016.

LELOUP, Jean-Yves. *Caminhos da realização*. Petrópolis: Vozes, 2011

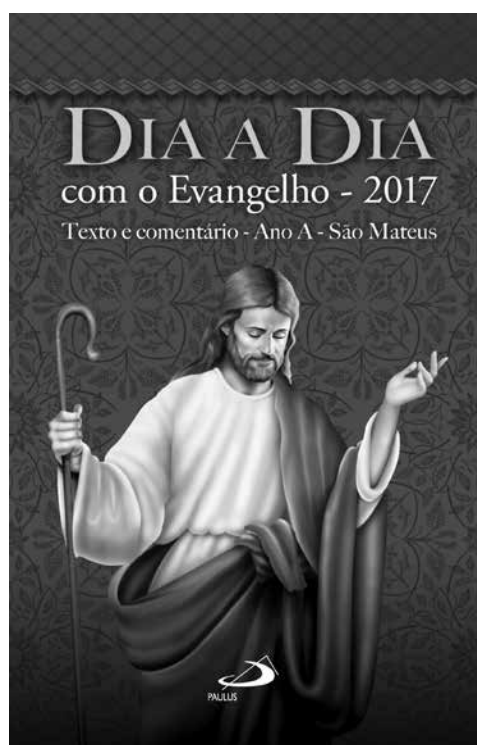
LÉON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho Segundo João*. Vol. IV. São Paulo: Loyola, 1998.

VIELHAUER, P. *História da literatura cristã primitiva. introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Academia Cristã, 2015.

Dia a dia com o Evangelho 2017

Texto e comentário – Ano A – São Mateus
Padre Luiz Miguel Duarte

O **Dia a dia com o Evangelho** é uma ótima opção para quem busca um modo de organizar as atividades diárias e meditar a leitura do evangelho do dia com uma reflexão do Pe. Luiz Miguel Duarte. O material traz espaço para anotações, trecho da Boa-nova de cada dia lido na liturgia, uma reflexão, centrada no texto bíblico ou no tema da liturgia do dia e indicações das leituras da liturgia do dia. **Dia a dia com o Evangelho** é um auxílio precioso para que, no cotidiano cada vez mais marcado pela pressa, nossas irmãs e nossos irmãos possam sentir a presença de Cristo e, assim, animar-se na missão de amar a Deus e ao próximo como a si mesmo.



Imagens meramente ilustrativas.

PAULUS,
dá gosto de ler!

paulus.com.br
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br


PAULUS



O sacramento da reconciliação: contribuições teológico-pastorais

Pe. Francesco Sorrentino*

Este artigo ressalta, em primeiro lugar, a gratuidade do amor de Deus que se faz presente no sacramento da reconciliação. Em seguida, quer oferecer uma compreensão teológica do pecado e da conversão e, finalmente, tenta apontar possíveis desdobramentos catequéticos, litúrgicos e pastorais.

*Missionário do Pontifício Instituto das Missões (Pime), mestre em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Faje (Belo Horizonte [MG], 2014). É autor do livro *Em que posso servir?: O serviço no testemunho de Dom Luciano M. de Almeida* (Paulinas, 2015). Na Diocese de Macapá (AP), coordena a Pastoral Universitária e a Equipe a Serviço da Palavra, e é vigário paroquial da Paróquia São José. E-mail: sorrentino.francesco@pime.org

Introdução

Aproxima-se o encerramento do Jubileu Extraordinário da Misericórdia. Desde a proclamação do Ano Santo, o papa Francisco exortou-nos para que, “com convicção, ponhamos novamente no centro o sacramento da Reconciliação, porque permite tocar sensivelmente a grandeza da misericórdia” (MV 17).

Apesar de todos os sacramentos serem canais de transmissão da Misericórdia de Deus, essa função é desempenhada, por excelência, pelo sacramento da reconciliação. Contudo, “nenhum outro sacramento esteve



e ainda está em tão sério perigo como o sacramento da reconciliação; isso talvez por causa de seu rígido esquema ritual e de uma praxe mais ou menos legalista, dissociada da vida” (HÄRING, 1998, p. 32). Além disso, em muitas paróquias, já não é mais praticado como antigamente. Quem até décadas passadas se confessava com frequência atualmente não se confessa mais.

Diante dessas observações, percebe-se a relevância do tema abordado nas páginas que se seguem.

1. Reconciliação: sacramento do amor primeiro de Deus

O Novo Testamento conceitua a plenitude do amor entre Deus e o ser humano e dos seres humanos entre si através do termo “ágape”, que indica um amor descentrado de si, totalmente voltado ao bem do outro, oblato e gratuito (Mt 5,38-48). Este amor que não conhece fronteiras é o eixo hermenêutico de toda a mensagem cristã. João escreve:

Nisto se manifestou o amor de Deus por nós: Deus enviou o seu Filho único ao mundo para que vivamos por ele. Nisto consiste o amor: não fomos nós que amamos a Deus, mas foi ele quem nos amou e enviou-nos o seu Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados (1Jo 4,9-10).

Trata-se de um “amor primeiro”. Brota, exclusiva e diretamente, da bondade de Deus. Não é suscitado pelas qualidades humanas. Paulo o explicita muito bem quando afirma: “Mas Deus demonstra seu amor para conosco pelo fato de Cristo ter morrido por nós quando éramos ainda pecadores” (Rm 5,8). Tal afirmação possui como pano de fundo a visão hebraica de misericórdia, ligada ao útero ma-

terno, onde a vida humana é amada e acolhida antes de nascer e de poder retribuir. Nesse sentido, então, Paulo escreve a Tito:

Mas quando a bondade e o amor de Deus, nosso Salvador, se manifestaram, ele salvou-nos não por causa dos atos justos que havéssimos praticado, mas porque, por sua misericórdia, fomos lavados pelo poder regenerador e renovador do Espírito Santo, que ele ricamente derramou sobre nós, por meio de Jesus Cristo, nosso Salvador, a fim de que fôssemos justificados pela sua graça e nos tornássemos herdeiros da esperança da vida eterna (Tt 3,4-7).

O sacramento da reconciliação torna visível este amor primeiro de Deus que se manifestou em Jesus Cristo: “Tudo nele fala de misericórdia. Nele, nada há que seja desprovido de compaixão” (MV 8). Por isso, antes da confissão dos pecados vem a confissão do amor gratuito de Deus, ou, para usar uma expressão da Igreja oriental, a *confessio laudis*.

Confissão dos pecados para o louvor da misericórdia divina, da qual resulta a conversão para uma espiritualidade na qual o homem que foi perdoado continua louvando a Deus na sua vida, principalmente por causa da sua pronta disposição para perdoar, restabelecer as relações desarticuladas, tornando-se um instrumento de paz e de reconciliação para a vida inteira (HÄRING, 1998, p. 36).

Na dinâmica desse sacramento, o primado não é do arrependimento do ser humano, apenas após o qual seria seguido pelo perdão de Deus. Se fosse assim, o “ágape” divino perderia sua dimensão de gratuidade, porque

“O sacramento da reconciliação torna visível o amor primeiro de Deus que se manifestou em Jesus Cristo: “Tudo nele fala de misericórdia.”



estaria submisso ao bem-querer humano. Cair-se-ia numa forma legalista de celebrar a reconciliação. Na realidade, o arrependimento do pecador é possível porque a bondade de Deus o precede.

Na parábola do Pai Misericordioso (Lc 15,11), é evidente que, antes da tomada de consciência do próprio pecado, o que move o filho ao retorno à casa paterna, se por um lado é a fome, por outro é a lembrança da bondade do pai até com os empregados, aos quais oferece comida com fartura (Lc 15,16-17).

Finalmente, com base em uma visão que prioriza a gratuidade do amor de Deus será possível recuperar a dimensão pascal do sacramento da reconciliação. Com efeito, o perdão dos pecados, a intervenção de Deus que perdoa, em nossa existência, acontece antes de tudo e uma só vez por todas e apenas na Cruz de Cristo; todo o resto é só o tornar-se eficaz dessa ação reconciliadora de Deus em Cristo (Rahner *apud* RAMOS-REGIDOR, 1989, p. 293).

Dissociado do evento pascal, do qual é sinal, o sacramento da reconciliação se reduz a um mero ato judicial no qual o pecado só espera sua condenação. Dentro de uma perspectiva pascal, o pecado qualifica-se como “feliz culpa”, isto é, a oportunidade para experimentar o perdão salvador de Deus. Nesse sentido, pode ser considerado a porta de acesso ao sacramento da reconciliação.

2. O pecado: porta de acesso ao sacramento da reconciliação

Quando o assunto é “pecado”, a pastoral se encontra diante de um duplice desafio. Por um lado, percebe-se certa necessidade de superação da visão tradicional objetivista que apresentava as coordenadas necessárias para pautar a vida moral. Sabe-se que a modernidade é contrária a uma objetividade que não envolva o todo do ser humano. Por outro lado, sabe-se que uma negação da realidade do pecado levaria a uma desvalorização da redenção

Dom Helder Câmara Profeta para os nossos dias

Marcelo Barros



“Não deixe cair a profecia!”

Essas foram as últimas palavras que Dom Helder Câmara disse a Marcelo Barros, monge que havia muitos anos o assessorara para assuntos ecumênicos. Este livro foi escrito como um modo de cumprir aquele pedido. Marcelo se dirige especialmente aos jovens e leitores que não puderam conhecer diretamente Dom Helder, lembrando as experiências de convívio e a colaboração pastoral vividas com esse grande profeta.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





de Jesus Cristo e a uma relativização da responsabilidade humana diante do mal que acontece (cf. LIBANIO, 1976, p. 15).

Do ponto de vista da fé, o pecado, antes de ser uma transgressão de normas e preceitos, é um estado no qual a pessoa, livre e espontaneamente, se encontra no relacionamento com Deus. O Antigo Testamento o identifica como orgulho do ser humano diante de Deus (Gn 11,1-9; Dt 7,25; 11,35) e causa de relação perversa para com Deus (Gn 2,18-23), com a natureza (Gn 4,24) e com o semelhante (Gn 4,8). Dessa forma, o pecado, traduzido com o hebraico *het'* (lit. "errar o alvo"), impede a pessoa de alcançar seu objetivo, distorcendo seu juízo sobre a realidade. Para o Novo Testamento, o pecado é uma realidade que jaz no coração humano (Mc 7,21ss); como uma força que leva a preferir as trevas à luz (Jo 3,19) e se manifesta como ódio, homicídio e mentira (Jo 8,4; 1Jo 3,12-15). Desde Adão, escraviza o ser humano e em Cristo encontra sua superação (Rm 5,12-19; 7,1-25) (MACKENZIE, 1984, p. 705-709).

Quanto mais o homem se fecha em si, menos aberto se encontra diante de Deus, menos possibilidade tem de compreender o pecado. Daí que, teologicamente falando, o pecado, sendo a negação do amor, o fechar-se em si mesmo, provoca naturalmente a atitude paradoxal de sua autoignorância. Quanto mais pecador, tanto menos se sente pecador. No momento em que alguém se julga realmente pecador, nesse momento a graça de Deus o atingiu e ele começou a caminhada de ascensão do pecado para a graça e se torna de fato menos pecador. Afirmar que quem vive de fato no pecado

não aceita o pecado é uma tautologia. Ele é uma realidade teológica que só pode ser entendida à luz da Revelação, sob o influxo da graça (LIBANIO, 1976, p. 22).

A correta interpretação teológica cristã de ser pecador começa quando a pessoa se encontra com a certeza de que "Deus é amor" (1Jo 4,8). Tal hermenêutica não se satisfaz

com a análise do sentimento de culpa. Vai além da dimensão meramente psicológica. Consegue mostrar que, diante do "não" do ser humano (a experiência de pecado), há um "sim" perene, pronunciado por Deus em Jesus Cristo (a salvação).

Nesse sentido, então, o pecado pode ser considerado, metaforicamente, a "porta" de acesso ao sacramento da reconciliação, onde "Deus não se cansa de estender a mão" (MV 19). Para muitos, infelizmente, esse caminho de retorno libertador a Deus parece ficar fechado. E as razões são diversas.

A dificuldade de aceitar existencialmente como pecado pessoal algo estipulado como tal nos questionários dos exames de consciência tem levado, entre outras razões, a uma queda bem notável na prática do sacramento da penitência, mesmo por parte de pessoas que antigamente se confessavam com frequência. Houve um esvaziamento da concepção antiga de pecado, ainda que muitas vezes não percebido, que não foi preenchido por uma visão mais real, mais autêntica, mais exigente. Não menos funesta tem sido uma benignidade sentimental dos confessores, que confundem compreensão, abertura, com o minimizar da realidade tremenda do pecado. Outros não menos esclarecidos continuam ator-

"O pecado pode ser considerado, metaforicamente, a "porta" de acesso ao sacramento da reconciliação, onde "Deus não se cansa de estender a mão."



mentando as consciências com uma casuística que corresponde a uma visão do homem de outra época (LIBANIO, 1976, p. 22).

Na Bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, o papa Francisco ressalta, entre outras coisas, a urgência de um renovado empenho na celebração do sacramento da reconciliação. Tal empenho exige confessores prontos para ser “sempre e por todo lado, em cada situação e apesar de tudo, o sinal do primado da misericórdia” (MV 17), para que, no sacramento da reconciliação, o pranto do pecado se transforme, verdadeiramente, na alegria da conversão.

3. A conversão: porta de saída do sacramento da reconciliação

Não basta entrar no sacramento da reconciliação pela porta do pecado. É necessário sair pela porta da conversão.

Não é totalmente ausente da mentalidade cristã contemporânea uma compreensão grosso modo legalista da conversão [...]. O momento celebrativo sacramental precisa se inserir numa continuidade de atenção espiritual e pastoral no qual se traduza o cuidado para uma conversão real e profunda, o cuidado para um contínuo aprofundamento da vida de fé e, igualmente, para um contínuo afinamento da sensibilidade ética e da capacidade de escolha moral positiva (BASTIANEL, 1990, p. 147, tradução nossa).

É útil recuperar o sentido bíblico da conversão. Para o Antigo Testamento, converter-se é muito mais do que reconhecer o próprio pecado e arrependê-lo. Significa, positivamente, dirigir-se para Javé. Comporta a obediência à sua Lei e à voz de seus profetas, fugindo da idolatria. Afinal, consiste em resta-

belecer a aliança rompida com uma resposta livre do ser humano ao convite generoso de Javé, o primeiro que se converteu à humanidade (cf. MARCHETTI-SALVATORI, 2012, p. 605). Não há dúvida: a conversão se realiza por meio da saída de si mesmo.

O perigo básico de nossa vida consiste em girarmos demais ao redor de nós mesmos, apenas nos perguntando o que a vida pode nos dar. Assim, as coisas sempre se concentram em nós e em nosso bem-estar. Para Jesus, esse é um caminho equivocado que leva a um beco sem saída (GRÜN, 2006, p. 59).

Por isso, ele começa a atividade pública convidando à conversão, à *metanoia*, isto é, à mudança de mentalidade: “Convertam-se (*metanoete*) e acreditem no Evangelho, porque o Reino de Deus está próximo” (Mc 1,15). Segundo o Novo Testamento, o motivo básico dessa mudança não somos nós, e sim a proximidade do Reino de Deus. É a pertença a esse Reino que determina a conversão como experiência de ressurreição ou vida nova, até o ponto de poder dizer com Paulo: “Não sou mais eu que vivo, mas Cristo que vive em mim” (Gl 2,20), ou também: “O que sou, devo-o à graça de Deus, e a sua graça não foi vã a meu respeito; pelo contrário, eu trabalhei mais do que eles todos: não eu, mas a graça de Deus que está comigo” (1Cor 15,10).

O sacramento da reconciliação deve conduzir a essa sinergia entre a graça de Deus e a liberdade humana, para chegar a um seguimento real e radical de Jesus Cristo. Nesse sentido, a Introdução Geral ao Sacramento da penitência afirma: “Para que este sacramento de salvação produza realmente seus efeitos nos fiéis cristãos, deve lançar raízes em toda a sua vida, impelindo-o a servir com maior fervor a Deus e aos irmãos” (IGSP, n. 7). Com efeito,



o valor fundamental que deve sempre estar presente, na prática e na teologia da penitência, é a *conversão*, como dimensão própria da vida do cristão, já que a Palavra de Deus nos revela todos como pecadores e continuamente necessitados de conversão e de reconciliação. O sacramento da penitência, como toda outra forma eclesial de viver este valor, não teria sentido se não fosse autêntica realização da conversão. Utilizando terminologia tradicional, poder-se-ia dizer que é mais importante a *res sacramenti* (a conversão e a reconciliação do cristão) do que o *sacramentum* (sua celebração eclesial) (RAMOS-REGIDOR, 1989, p. 353).

Da graça da conversão, ninguém é excluído. Na *Misericordiae Vultus*, o papa Francisco lançou um apelo de conversão até para quem cometeu crimes graves:

Este é o momento favorável para mudar de vida! Este é o tempo de se deixar tocar o coração. Diante do mal cometido, mesmo crime grave, é o momento de ouvir o pranto das pessoas inocentes espoliadas dos bens, da dignidade, dos afetos, da própria vida. Permanecer no caminho do mal é fonte apenas de ilusão e tristeza. A verdadeira vida é outra coisa. Deus não se cansa de estender a mão. [...] Basta acolher o convite à conversão e submeter-se à justiça, enquanto a Igreja oferece a misericórdia (MV 19).

Em suma, a conversão tanto de quem cometeu crimes graves quanto de quem cometeu erros leves não fica enclausurada numa dimensão intimista. Manifesta-se numa vida pautada pelo Evangelho que leva a ser “mise-

ricordiosos como o Pai” (cf. Lc 6,36), isto é, a sair do próprio egoísmo para assumir a vida do outro e, sobretudo, do outro desvalido.

O sacramento da reconciliação, então, não termina com a absolvição. Continua a ser celebrado ao lado dos últimos e empobrecidos, cuja dignidade foi desfigurada pelo nosso pecado pessoal e social, ou estrutural. Quem se reconcilia com o Pai deve se reconciliar também com os irmãos e irmãs, e sobretudo:

Abrir o coração àqueles que vivem nas mais variadas periferias existenciais, que muitas vezes o mundo contemporâneo cria de forma dramática. Quantas situações de precariedade e sofrimento presentes no mundo atual! (MV 15).

Conclusão

É necessário, conforme o papa Francisco escreveu na *Misericordiae Vultus*, que “a palavra do perdão possa chegar a todos, e a chamada para experimentar a misericórdia não deixe ninguém indiferente” (MV 19). Tal meta exige uma reconsideração do sacramento da reconciliação à luz de três dimensões: catequética, litúrgica e pastoral.

A dimensão catequética resgata o sentido salvífico e eclesial da reconciliação sacramental. A recuperação do sentido salvífico mostrará a reconciliação como evento pascal e encontro com Jesus Cristo, que não veio para chamar à conversão os justos, mas os pecadores (cf. Lc 5,32). A reafirmação do aspecto eclesial terá a vantagem de evidenciar o horizonte comunitário que possui tanto o pecado quanto a reconciliação. Se por um lado o pecado de um só fere toda a comunidade, por outro lado, a busca de perdão se encontra com a reconciliação que a comunidade toda lhe concede, por meio da

“A conversão tanto de quem cometeu crimes graves quanto de quem cometeu erros leves não fica enclausurada numa dimensão intimista. Manifesta-se numa vida pautada pelo Evangelho.”



celebração sacramental.

Reconsiderar o sacramento da reconciliação à luz da dimensão litúrgica comporta manter vivo o espírito de renovação litúrgica do Vaticano II, que, a respeito desse sacramento, exorta para de que “os ritos e as fórmulas da Penitência sejam revistos de tal forma que expressem mais claramente a natureza e o efeito deste sacramento” (SC 72), permitindo uma visibilidade maior da reconciliação do penitente com a comunidade e o exercício do sacerdócio de toda a comunidade (cf. RAMOS-REGIDOR, 1989, p. 363). Nessa perspectiva, o Novo Ritual da Penitência contempla três formas de celebração do sacramento: 1) reconciliação individual dos penitentes; 2) reconciliação de vários penitentes com confissão e absolvição individuais; 3) reconciliação de vários penitentes com confissão e absolvição geral.

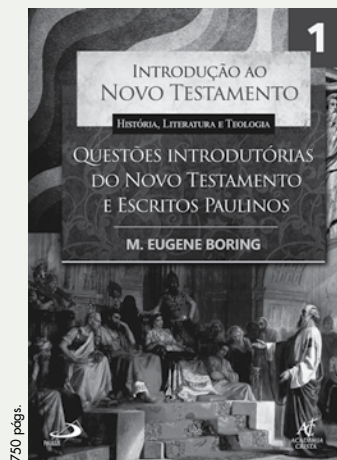
A celebração comunitária da reconciliação é ainda uma opção pouco explorada. Às vezes, é adotada mais pela carência de ministros ordenados do que pelo valor que tal forma celebrativa tem em si. Quando isso acontece, dois perigos podem surgir. O primeiro é que, por causa de um número excessivo de penitentes, a confissão individual aconteça de forma mecânica e apressada. O segundo é que, em vez de ser uma celebração de comunidade, se torne uma celebração de massa, com perda do empenho pessoal de conversão de cada membro (cf. RAMOS-REGIDOR, 1989, p. 366-367). Já em 1977 os Bispos do Brasil, no documento *Pastoral da penitência*, alertavam:

As celebrações podem tomar caráter autenticamente comunitário ou ter apenas cunho coletivista. Um exame de consciência individualista considera só sua relação com Deus, faz da celebração ato coletivo, mas não comunitário. À medida que todos tomam consciência da dimensão comunitária do pecado e de suas implicações sociais e querem contribuir

Introdução ao Novo Testamento: História, Literatura e Teologia – Volume 1

Questões Introdutórias do Novo Testamento e Escritos Paulinos

M. Eugene Boring



Defendendo que todo o Novo Testamento é um conjunto formado pelos gêneros Carta e Evangelho, inclusive o Apocalipse, M. Eugene Boring elabora esta *Introdução ao Novo Testamento*, obra monumental e referencial no que tange aos estudos do NT. É um livro que vem marcar a segunda década deste terceiro milênio e que certamente veio para colaborar muito com os estudos sobre o Novo Testamento.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





para que a comunidade saia do pecado, então temos uma celebração comunitária (CNBB, 1977, p. 406).

Para dar continuidade ao espírito do Ano Santo da Misericórdia, será muito proveitosa a revalorização de outras celebrações de reconciliação não sacramentais, como as liturgias penitenciais, que podem ser vividas em pequenos grupos ou famílias.

A terceira e última dimensão à luz da qual queremos reconsiderar o sacramento da reconciliação é a dimensão pastoral. Sabe-se que, a partir do Vaticano II, a moral rompeu o esquema individualista tradicional, assumindo uma concepção mais personalista e comprometida com a história. À medida que o sacramento da reconciliação atinge também os pecados sociais e estruturais, seguirá uma ação pastoral sempre mais moldada por uma reconciliação transformadora que não deixará as coisas como estão.

Nesse sentido, é ainda válida a exortação que o papa Francisco nos dirigiu no começo do Jubileu Extraordinário da Misericórdia:

Abramos os nossos olhos para ver as misérias do mundo, as feridas de tantos irmãos e irmãs privados da própria dignidade e sintamo-nos desafiados a escutar o seu grito de ajuda. As nossas mãos apertem as suas mãos e estreitemo-los a nós para que sintam o calor de nossa presença, da amizade e da fraternidade. Que o seu grito se torne o nosso e, juntos, possamos romper a barreira de indiferença que frequentemente reina soberana para esconder a hipocrisia e o egoísmo (MV 15).

Dessa forma, a comunidade, alimentada pelo perdão recebido no sacramento, faz se sinal da gratuidade do amor de Deus para os que vivem às margens da sociedade e da Igreja. ●

Bibliografia:

BASTIANEL, S. *Conversione*. In: COMPAGNONI, F.; PIANA, G.; PRIVITERA, S. (Org.). *Nuovo dizionario di teologia morale*. San Paolo: Cinisello Balsamo, 1990, p. 145-159.

FRANCISCO, Papa. *Misericordiae Vultus: bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia*. São Paulo: Paulinas, 2015.

GRÜN, A. *Penitência: celebração da reconciliação*. São Paulo: Loyola, 2006.

HÄRING, B. A dimensão terapêutica da liturgia. Liturgia como terapia, saúde e salvação no universo ritual. In: DAL PINO, F. et al. *Liturgia e terapia: a sacramentalidade a serviço do homem na sua totalidade*. São Paulo: Paulinas, 1998. p. 23-40.

LIBANIO, J. B. *Pecado e opção fundamental*. Petrópolis: Vozes, 1976.

MACKENZIE, J. L. Pecado. In: _____. *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulus, 1984, p. 705-709.

MARCHETTI-SALVATORI, B. Conversão. In: ANCILLI, E. et al. *Dicionário de espiritualidade*. V. 1. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 605-608. v.1

RAMOS-REGIDOR, J. *Teologia do sacramento da penitência*. São Paulo: Paulinas, 1989.



Dom Helder: um testemunho para os presbíteros

Pe. Ivanir Antonio Rampon*

Quão alegres são os presbíteros que escolhem como exemplo de vida a pessoa de Dom Helder Camara, este expoente da profecia, símbolo mundial da não violência ativa, místico, poeta, Dom de Deus... O papa Paulo VI frisava que Dom Helder era um grande homem do Brasil e da Igreja; um místico que havia recebido de Deus a missão de pregar a justiça e o amor como caminho para a paz. João Paulo II, por sua vez, o intitulava, com muita propriedade, “Irmão dos Pobres, meu Irmão”. Certamente, a abrangência do testemunho de Dom Helder para os presbíteros é ampla.

*O autor é presbítero da Arquidiocese de Passo Fundo (RS). Mestre em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Belo Horizonte) e doutor em Teologia Espiritual pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma). É autor de *O caminho espiritual de Dom Helder Camara*, *Paulo VI e Dom Helder Camara – exemplo de uma amizade espiritual*, e *Francisco e Helder – sintonia espiritual*, publicados pelas Paulinas. Estes e outros elementos foram desenvolvidos nos livros citados acima. iarampon@yahoo.com.br

1. Dom Helder tinha consciência de que sacerdócio e egoísmo não combinam

“Ser padre” exige da pessoa o “colocar-se a serviço.” Significa não buscar honras, aplausos, fama, vaidades pessoais de nenhum tipo. Esse modo de pensar e de ser, Helder herdou de sua família, especialmente do pai. Quando tinha entre 7 e 9 anos, o pai lhe disse algo inesquecível, e que sempre procurou vi-



ver: “Filho, você está crescendo e continua a dizer que quer ser padre, mas você sabe de verdade o que significa ser padre?”. O menino ficou quieto, meio acabrunhado com o questionamento do pai, que prosseguiu: “Você sabia que para uma pessoa ser padre ela não pode ser egoísta, não pode pensar só em si mesma? Ser padre e ser egoísta é impossível, eu sei, são duas coisas que não combinam”.

Atento, Helder não sabia o que dizer. O pai continuou: “Os padres acreditam que, quando celebram a eucaristia, é o próprio Cristo que está presente. Você já pensou nas qualidades que devem ter as mãos que tocam diretamente no Cristo?”. Helder, convicto, disse: “Pai, é um padre como o senhor está dizendo que eu quero ser”. “Então, filho”, disse o pai, “que Deus o abençoe! Que Deus o abençoe! Você sabe que não temos dinheiro, mas, mesmo assim, vou pensar como ajudá-lo a entrar no seminário.”

2. Dom Helder, antes de tudo, foi um místico

Desde menino, Helder se enveredara pelo caminho da oração, do contato profundo e amigável com Deus. Mas foi sobretudo quando estava perto da ordenação presbiteral é que percebeu que, graças ao seu temperamento e sua vontade de servir e doar-se, seria “engolido pela vida”. Resolveu, então, ma-
drugar para realizar as vigílias. Nada fazia sem consultar o seu maior amigo. Empréstava seus olhos, ouvidos, boca, coração a Jesus. Tinha consciência de que sua ação e sua palavra eram expressões da sua união mística com Cristo.

Dom Helder geralmente acordava às 2 da manhã e permanecia em oração até as 5 horas. Nesse momento, avaliava o dia anterior e planejava o futuro, conversando com Jesus,

com Maria, com anjos e com santos e santas; preparava homilias e conferências, escrevia meditações, cartas e circulares. Diante de e unido a Jesus e unido a ele, escrevia, dançava, chorava, brincava. Através da vigília, contemplava as verdadeiras dimensões do mundo, tal como “os anjos e Deus contemplam”. Às 5 horas, retornava a dormir e acordava as 6 para a Santa Missa – momento que considerava o mais importante e alto de todo o seu dia.

Durante a missa, emocionava-se – às vezes sorria e outras até chorava – ao tocar o Corpo de Cristo que se faz comunhão, partilha, alimento, vida, doação, sacrifício... Durante a jornada, geralmente, dedicava-se a atender e conversar com as pessoas (lideranças, religiosos, jornalistas de muitos países). Estava sempre cercado pelos pobres, pelos excluídos. Portanto, antes de ser profeta, ou peregrino da paz, ou bispo, ou fundador da CNBB e do Celam, ou um dos

mais importantes padres do Vaticano II... era um místico.

3. Dom Helder viveu profundamente a profecia

A profecia foi, em Dom Helder uma expressão de sua experiência mística. De fato, sem a vigília e a Santa Missa, ele não teria sido o bispo das favelas no Rio de Janeiro, o arcebispo do Nordeste miserável, o advogado do terceiro Mundo, o apóstolo da não violência, a esperança de uma sociedade renovada segundo o ideal cristão, o poeta e o profeta de uma fé jovem e forte; não seria o *dom* da justiça, da paz, do amor, da libertação... o *Dom* de Deus!

A profecia é a expressão mais conhecida da mística helderiana, tanto que parece – como disse Dom Antônio Frágoso – quase

**“Dom Helder
geralmente acordava
às 2 da manhã e
permanecia em oração
até as 5 horas. Nesse
momento, avaliava o
dia anterior e planejava
o futuro, conversando
com Jesus, com Maria,
com anjos e com santos
e santas.”**



uma redundância associar Dom Helder ao profetismo. Parodiando Tomás de Celano, o primeiro hagiógrafo de Francisco de Assis, Dom Helder não apenas profetizava, mas era a profecia feita homem. Pouco antes de morrer, fez-nos seu último pedido: “Não deixe cair a profecia”.

4 Dom Helder realizava um trabalho pastoral orgânico e em conjunto

Desde o seminário, Helder tinha uma capacidade enorme de trabalhar em equipe. Ele aglomerava, liderava, despertava para o bem, para a verdade, para o belo, para a unidade. Com isso, Deus fez grandes maravilhas em sua vida e, por meio dele, na vida da Igreja e do mundo. Esse seu modo de ser, essa sua espiritualidade e mística foram extremamente importantes para que fundasse a CNBB e o Celam, que conduziu o Congresso Eucarístico Internacional de 1955 e a renovação da Ação Católica Brasileira e fosse um dos grandes articuladores dos padres no Vaticano II.

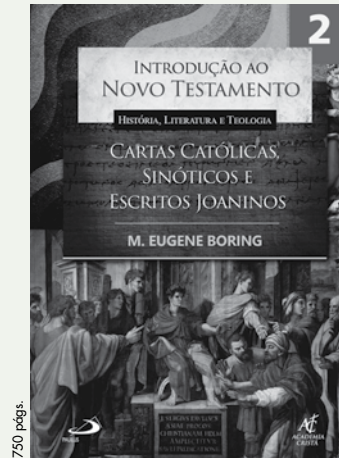
Em Puebla, Dom Helder – com Dom Evaristo Arns, Dom Ivo Lorscheiter, Dom José Maria Pires, Dom Aloísio Lorscheider, Dom Luciano Mendes de Almeida – conseguiu “salvar Medellín”, quando forças conservadoras queriam abafar a profecia que brotava das CEBs, da Teologia da Libertação e da educação libertadora, os quais cresciam em todo o país e continente, apesar das reações das ditaduras militares e de grupos direitistas.

O estilo helderiano de “governar” despertava para a “eclesiologia do povo de Deus”, na qual o clero se sentiu presbítero, corresponsável com seu bispo pela caminhada local, enquanto os leigos se organizavam em comunidades, em pastorais, em associações, em movimentos e setores paroquiais e, em comunhão com a hierarquia, assumiam suas responsabilidades na evangelização, dando conscientemente sua indispensável contribuição para a construção do Reino de Deus – Reino de paz, justiça e amor.

Introdução ao Novo Testamento: História, Literatura e Teologia – Volume 2

**Cartas católicas, Sinóticos
e Escritos Joaninos**

M. Eugene Boring



Neste segundo volume da *Introdução ao Novo Testamento*, o autor se debruça sobre as cartas católicas, os sinóticos e os escritos joaninos. Além de toda a parte específica de cada livro do Novo Testamento, que o autor defende ser um livro narrativo de história que a Igreja editava, ele também apresenta uma primeira parte, bastante ampla, sobre questões introdutórias referentes ao Novo Testamento, com diversos mapas, fotos e quadros ilustrativos.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





Citamos apenas quatro aspectos, sabendo que em muitos outros Dom Helder é testemunha e modelo espiritual para os presbíteros. Basta lembrar, por exemplo, sua fidelidade e resistência incondicional à causa da democracia quando difamado, execrado e silenciado pelo regime militar, que o viu como o “maior inimigo político”, o “arcebispo vermelho”; a sua atuação missionária pelo mundo afora como “missionário da justiça e da paz”; ou a sua amizade espiritual com várias expoentes da fé e da humanidade, como o papa Paulo VI.

Neste tempo de mudança de época, no qual se “carece de grandes testemunhas”, o testemunho espiritual do Servo de Deus¹ e dos Pobres é um farol a iluminar a estrada dos presbíte-

ros que querem: a) ser padre para servir, doar-se, sabendo que “padre” e “egoísmo” são uma horrível (des)combinação; b) experimentar a força do Mistério Trinitário e do Mistério da Encarnação libertadora do Filho de Deus; c) não deixar morrer a profecia, mas, ao contrário, aticá-la neste tempo capitalista-neoliberal; d) trabalhar pastoralmente de modo orgânico, fecundo, articulado, promovendo as forças da vida, da justiça, da libertação, da fraternidade.

Finalizo recordando que precisamos dedicar cuidados especiais aos seminaristas. No dizer do próprio Dom Helder, “as vocações sacerdotais e religiosas merecem de todos nós cuidados especiais e orações. Não porque padres, religiosos e religiosas são mais importantes, mas pelo papel que exercem dentro da Igreja e junto à humanidade. Quer dar uma alegria especial a Cristo? Trabalhe pelas vocações religiosas: numerosas e santas! Vocações sacerdotais: santas e numerosas!”.

“As vocações sacerdotais e religiosas merecem de todos nós cuidados especiais e orações. Não porque padres, religiosos e religiosas são mais importantes, mas pelo papel que exercem dentro da Igreja e junto à humanidade.”

1 Desde 25 de fevereiro de 2015, Dom Helder foi declarado “Servo de Deus” pela Congregação para a Causa dos Santos. A mesma Congregação autorizou o Processo de Beatificação e Canonização de Dom Helder, que está em andamento (cf. RAMPON, I. A. *Francisco e Helder, sintonia espiritual*, São Paulo: Paulinas, 2016. p. 24-25).

Madre Teresa

Tudo começou na minha terra

Cristina Siccardi

Madre Tereza não foi uma assistente social, como alguns a veem, confundindo a missionária com uma enfermeira voluntária da Cruz Vermelha. Ela mesma sempre repetia: “Tudo o que fazemos o fazemos por amor, com amor e por Jesus”. Este livro conta a história dessa mulher que dedicou toda a vida aos necessitados, a servir o mundo e a Cristo. Uma mulher de fé, esperança, caridade e indizível coragem, com uma espiritualidade cristocêntrica e eucarística: “Eu não posso imaginar nem mesmo um instante da minha vida sem Jesus. O maior prêmio para mim é amar Jesus e servi-lo nos pobres”.



Imagens meramente ilustrativas.

PAULUS,
dá gosto de ler!

paulus.com.br
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br



Também na internet:
vidapastoral.com.br



Pe. José Luiz Gonzaga do Prado*

Todos os santos
6 de novembro

Os santos preparam o Reino

I. Introdução geral

A solenidade de Todos os Santos é tão importante que tem precedência sobre o domingo do Tempo Comum. Ela celebra todos os santos, não só os canonizados. A canonização de um santo é algo custoso em todos os sentidos, e muitíssimos de nossos pobres perseguidos, que contribuíram fortemente para o advento do reinado de Deus no mundo, não deixaram recursos suficientes para serem canonizados. De Dom Oscar Romero, ainda não canonizado em razão de protelações no processo, até as humildes, analfabetas e desconhecidas Donas Sebastianas, todos os santos são comemorados hoje.

Eles mereceram ser assinalados para que escapassem da segunda morte, a morte definitiva. Os trabalhos de sua vida, quando não sua morte em favor das vítimas deste nosso mun-

* Mestre em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma, e em Sagrada Escritura pelo Pontifício Instituto Bíblico. Autor dos livros *A Bíblia e suas contradições: como resolvê-las* e *A missa: da última ceia até hoje*, ambos publicados pela Paulus.



do, uniram-nos ao sangue do Cordeiro e deram-lhes a faixa de campeões e o troféu da vitória. Viveram como fiéis filhos de Deus. Essa grandeza de serem filhos de Deus, a qual procuraram preservar contra tudo e contra todos, agora se abriu, como o botão de uma rosa, na glória de Deus. Entre eles, pobres e perseguidos que enxugaram as lágrimas dos que choravam, mataram a fome dos famintos da verdadeira justiça, tornaram senhores os que não eram ninguém neste mundo. Fizeram a sua parte, construíram a verdadeira paz.

II. Comentários aos textos bíblicos

1. I leitura: Ap 7,2-4.9-14

O livro do Apocalipse foi escrito para dar esperança às comunidades cristãs da Ásia Menor, comunidades pobres e vítimas de perseguição. Eram perseguidas por não adorarem o império.

As cidades da Ásia Menor, onde surgiu o primeiro templo dedicado à deusa Roma, ali é que estava “o trono de satanás”, o lugar onde se cultuava a imagem do divino imperador, o “deus acessível”. Quem participava desse culto recebia uma marca que lhe abria todas as portas. Quem não participava, além de excluído, poderia ser até mesmo condenado à morte. Os cristãos não participavam e por isso eram marginalizados e perseguidos.

Chamava-se João o missionário itinerante que animava essas comunidades, incentivando-as a não ceder ao culto ao império. Por isso, ele foi preso na ilha de Patmos e de lá enviou o escrito, numa linguagem que os pobres e perseguidos poderiam entender e as autoridades do império não. Deu-lhes ânimo e aumentou-lhes a autoestima.

No trecho da primeira leitura de hoje, ele fala de uma visão do céu. Multidões, milhares de cada clã (12), de cada uma das doze tribos (12 x 12 = 144) do povo hebreu que não cederam ao culto imperial, receberam outra marca

que não os deixou ser vítimas do castigo que virá para os opressores. Além deles, estão presentes também as multidões incontáveis dos santos de todas as outras tribos e nações.

Todos eram vencedores, vestiam mantos brancos, a cor dos vencedores nas competições esportivas – poderíamos dizer hoje: traziam a faixa de campeões – e tinham o troféu, a palma, nas mãos. Não cultuavam mais Roma e o imperador; passaram a cultuar a Deus e ao Cordeiro. De onde vieram eles? Vieram da grande tribulação, a pobreza unida à exclusão social e à perseguição. Sua morte, seu sangue, unidos ao sangue e à morte do Cordeiro, deram-lhes o manto branco da vitória. A resistência até a morte deu-lhes a vida sem fim.

2. II leitura: 1Jo 3,1-3

Os que nós chamamos de santos e hoje celebramos são os nossos irmãos que estão na glória. Como diz a segunda leitura de hoje, a graça de ser filhos de Deus, o botão que estava dentro deles, já se abriu em flor. Essa graça, esse dom de amor do Pai em nosso favor, faz-nos diferentes, como o mundo distante do Pai não é capaz de entender.

Falta-nos hoje apenas aquilo que não falta aos santos que celebramos: ver Jesus Cristo. Só nos falta ver segundo o conceito joanino de experimentar, conviver, ter comunhão plena com o Filho, Jesus. Isso nos tornará totalmente semelhantes a ele. E é essa convicção que nos faz manter-nos distantes do mal, tal como ele fez e como todos os santos fizeram.

3. Evangelho: Mt 5,1-12a

Um detalhe, geralmente não observado na maioria das traduções, faz grande diferença na interpretação do Evangelho de hoje. Trata-se da primeira frase. Em geral, dizem as traduções: “Vendo as multidões”. O tempo do verbo grego utilizado (*aoristo*), porém, pede que se traduza: “*Tendo visto as multidões*, Jesus subiu à montanha”. Foi porque viu



aquelas multidões que Jesus subiu à montanha e passou a dar a instrução aos discípulos, como Moisés, da montanha, deu ao povo a Lei ou Instrução de Deus. À vista das multidões, ele faz o Sermão da Montanha.

Que multidões eram essas? Eram as multidões de sofrendores da Judeia e da Galileia, como também de fora, que, no final do capítulo 4 de Mateus, vinham buscar em Jesus uma solução para os seus problemas. Podemos dizer que são toda a humanidade sofredora. Por causa dela, para benefício dela, Jesus se senta como mestre, rodeado pelos discípulos, sobre uma montanha que lembra o monte Sinai. Ele instrui os discípulos não para que estejam voltados para o próprio umbigo, mas para que cuidem das multidões sofredoras que acorrem de toda parte.

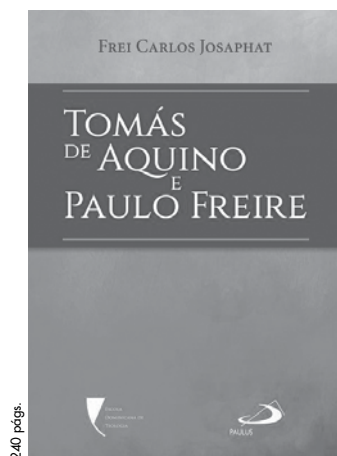
Isso ajuda a entender a instrução. Note que, das oito bem-aventuranças básicas, a primeira e a última se referem ao tempo presente: “deles é o Reino dos céus”.

É preciso ter bem claro que “Reino dos céus” não é o céu, a glória eterna. “Reino dos céus”, frequente no Evangelho de Mateus, é o mesmo que reino ou reinado de Deus. Ele começa aqui na terra, onde o que se liga ou desliga é confirmado no céu; assemelha-se ao campo de terreno bom e terreno ruim, à rede que pega peixes bons e maus, à lavoura na qual o joio se mistura ao trigo. Só o respeito judaico pelo Nome o faz ser substituído pela palavra “céus”. A eles – aos pobres e aos perseguidos – pertence, portanto, o reinado de Deus, que tem início aqui na terra.

Os primeiros são os “pobres por espírito”, isto é, por força interior, por convicção, e os últimos são os “perseguidos por causa da justiça”, perseguidos por buscarem a justiça do reinado de Deus, tema caro a Mateus. Assim, os pobres e os perseguidos, de certo modo, identificam-se. E quem diz que aquele que aceita a pobreza, que não faz caso do dinheiro, não incomoda a sociedade e não sofre por isso? Mas destes é o reinado de Deus; eles é

Tomás de Aquino e Paulo Freire **Pioneiros da inteligência,** **mestres geniais da educação** **nas viradas da história**

Frei Carlos Josaphat



Seria oportuno, ou mesmo viável, confrontar Tomás de Aquino, frade dominicano do século XIII, e Paulo Freire, mestre e filósofo de nossos dias? Este livro aposta que sim, analisando como dois gênios, atentos aos diferentes momentos históricos, souberam enfrentar os problemas fundamentais da inteligência, do estudo, da cultura, da linguagem e da consciência. Fundamental para estudantes e interessados em Filosofia e nas Ciências Humanas.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





que estabelecem o reinado que não é dos cé-sares nem do dinheiro. São os santos que hoje celebramos.

Nas bem-aventuranças seguintes estão as consequências disso. Os que agora estão chorando mais adiante vão parar de chorar, serão consolados. Os que têm fome e sede de ver acontecer a verdadeira justiça hão de matar essa fome. Os carentes, em geral traduzidos por “mansos”, os que não são ninguém, que não têm vez nem voz, serão senhores, serão os donos da terra.

Na sequência, outras três bem-aventuranças: os que colaboram, ou seja, os que têm misericórdia, os que têm intenções retas (“coração puro”) e os que promovem a paz ou a felicidade plena também terão sua recompensa. São a quinta, a sexta e a sétima bem-aventurança.

Voltando-se depois para os discípulos – nós e os santos hoje festejados – Jesus nos diz que somos felizes quando perseguidos por causa dele. É pena que o Lecionário tenha cortado o final do v. 12, que dá o motivo da bem-aventurança da perseguição: “Porque foi assim que sempre trataram os verdadeiros profetas”. Quem não é perseguido, quem não incomoda os senhores deste mundo, sejam pessoas, sejam instituições, não é profeta, não é santo.

III. Pistas para reflexão

São oito as bem-aventuranças. Oito está além da plenitude, que é o sete. Oito é Jesus Cristo, só ele vai além da plenitude. Ele é o primeiro pobre por opção e o primeiro mártir, o primeiro perseguido. Só ele põe os fundamentos do reinado de Deus. Só ele tira os pecados do mundo. Na cruz, o príncipe deste mundo, o que manda neste mundo, é posto para fora.

Nossos irmãos, os santos, “lavaram seus mantos no sangue do Cordeiro”, alcançaram a vitória, assemelhando-se à pobreza e à perseguição de Jesus.

Quando, na eucaristia, celebramos a morte do Cordeiro pascal, com ele celebramos o martírio, os trabalhos e a pobreza dos santos de ontem e de hoje. O pão e o vinho partilhados, que celebram o horizonte da comunhão perfeita e plena, sem lágrimas, sem fome e sem exclusão, significam também a pobreza de quem se parte em pedaços e a coerência que torna capaz a resistência à mais cruel perseguição.

Feliz não é o rico, o que tem tudo, mas não tem a si mesmo, pois pertence ao seu dinheiro.

Feliz não é o elogiado por todos, o aprovado por todos os poderosos do mundo, aquele que por ninguém é perseguido, porque nada tem para dizer, em nada colabora, nada acrescenta, só sabe negar-se a si mesmo e à própria consciência para agradar aos que podem. Parece agradar a todos, só não agrada a si mesmo.

Felizes são o pobre e o perseguido, e, com eles, muitos outros também serão felizes. Isso é ser santo.

33º Domingo do Tempo Comum

13 de novembro

O dia do Senhor está próximo

I. Introdução geral

No dia 11 de setembro de 2001, talvez mais completamente do que tinha sido planejado, foram destruídos os dois prédios do chamado centro do comércio mundial. Foi um fim de mundo. Entretanto, ninguém viu no fato a necessidade de uma mudança nos rumos da humanidade: fazer que não seja o comércio, o “mercado”, o único governante do nosso mundo. A reação foi apenas mais violência, agressão armada e econômica. A possível razão dos “inimigos” nem foi considerada.

O Evangelho deste domingo fala da destruição de Jerusalém, ocorrida no ano 70. Co-



meça com a admiração das pessoas pela grandeza, beleza e riqueza do Templo e com a previsão de Jesus: “Não ficará pedra sobre pedra”. No final, diz que os discípulos devem sobreviver por sua perseverança ou resistência.

Estamos chegando ao final do ano litúrgico, e isso nos faz pensar no fim, pois nada deixa de ter o seu término. As grandes crises, as catástrofes da natureza ou das estruturas humanas são ocasião de nova tomada de posição. A própria palavra crise quer dizer julgamento. E tudo nos lembra o fim de cada um e a necessidade de mantermos a coerência, pois só a fidelidade a si mesmo e ao projeto de Deus é capaz de salvar da destruição total. Mantida essa coerência, a crise, o Dia, é de salvação.

II. Comentários aos textos bíblicos

1. I leitura: Ml 3,19-20a

O último livro da coleção dos Profetas termina anunciando o Dia do Senhor, dia de condenação dos perversos e de alívio para os justos. Responde aos que pensavam: “Não vale a pena servir a Deus! Que proveito a gente tira guardando os seus mandamentos ou caminhando amargurado na presença do Senhor? Pois, então, vamos dar os parabéns aos atrevidos, eles progridem praticando injustiças, desafiam a Deus e acabam salvando-se” (vv. 14-15).

O Dia do Senhor há de chegar “como forno aceso a queimar”. Há de destruir os atrevidos, como se fossem palha. Mas, “para vocês que buscam seguir a lei do Senhor, o sol da justiça há de brilhar”, diz o texto.

Quando se fala hoje em apocalipse, em julgamento final da humanidade, geralmente se pensa em destruição indiscriminada de tudo e de todos. Frequentemente se cita a Bíblia como testemunha que anuncia uma próxima catástrofe final e universal. Contudo, o castigo que os profetas, como Malaquias,

anunciam é apenas para os maus, pois, para “os que temem o Senhor”, o Dia traz “o alívio em suas asas”.

2. Evangelho: Lc 21,5-19

A destruição do Templo e da cidade de Jerusalém foi um fim de mundo. É disso que o Evangelho nos fala. Firmes até o fim, os cristãos escapam da destruição. O Evangelho não fala do fim do mundo, do final da história da humanidade, mas de um fim que é novo começo, de um fim que está sempre acontecendo.

A destruição de Jerusalém foi, para o cristianismo inicial, algo parecido com a morte da mãe antes do corte do cordão umbilical. Os primeiros cristãos estavam ainda muito ligados à religião judaica. Com a grande revolta do ano 66 e a destruição do Templo e da cidade de Jerusalém no ano 70, toda a estrutura física e humana daquela instituição judaica foi demolida. Foi um fim, mas também um novo começo.

Sinais de que a hora da destruição está chegando serão os fatos ligados à revolta judaica. Na Galileia, grupos de pequenos proprietários, em consequência da exploração exercida pelo império romano e das altas taxas de juros cobradas pelos judeus ricos, perderam tudo o que possuíam e passaram a formar quadrilhas de assaltantes, então chamados de *lestês*, bandidos. Chegavam a assaltar uma caravana romana e depois repartir os alimentos nas aldeias, pois o povo morria de fome. No ano 66 (36 anos depois da morte de Jesus), eles entraram em Jerusalém, queimaram os documentos de suas dívidas, que lá estavam, e dominaram a cidade. Foi a grande revolta.

Seus líderes passaram, logo em seguida, a competir entre si, cada qual reivindicando para si o título de Messias, pretendendo ser a realização das esperanças de todo o povo. Cada um dizia: “ó Messias, o salvador da pátria, sou eu!”, “chegou a hora!”. O Evangelho aconselha os



discípulos de Jesus a não acreditar nisso, nem se apavorar com a guerra em curso.

Como era de se esperar, Roma não ficou passiva; ao contrário, mandou seus exércitos que estavam na Síria invadir a Palestina e acabar com a “brincadeira”. Isso, em decorrência também da momentânea instabilidade política em Roma, demorou algum tempo: só no ano 70 (quatro anos depois) a cidade de Jerusalém foi destruída e os últimos focos de resistência, alguns anos depois, foram eliminados.

E os cristãos? Não devem participar da loucura da revolução nem ficar apavorados, apesar de perseguidos por todos os lados. Especialmente nessas circunstâncias, a fidelidade a Jesus cria problemas até mesmo dentro de casa. Quantas vezes os mais próximos é que vão denunciar o discípulo, que age e fala de maneira contrária aos critérios deste mundo (que são os mesmos tanto do lado dos revoltosos quanto do lado do império romano)? Devem, no entanto, os discípulos ficar firmes no testemunho de Jesus e ser coerentes até o fim. O que salva, diz Jesus, não é filiar-se a um dos dois lados, mas a coerência resistente até o fim.

3. II leitura: 2Ts 3,7-12

Entre as comunidades que são Paulo havia fundado, muitas pessoas insistiam na expectativa próxima da parúsia, ou segunda vinda de Jesus. Daí surgiu esta maneira de pensar: “Como Jesus volta logo e resolve todos os nossos problemas, ninguém precisa mais cuidar de ter um trabalho, nem se preocupar com os rumos que o mundo vai tomando; é só esperar mais um pouco, que tudo estará resolvido. Para sobreviver até lá, dá-se um jeito, outros ajudam, falta pouco tempo para a vinda gloriosa de Jesus...”.

Foi então que a segunda carta aos Tessalonicenses veio esclarecer a questão com a autoridade do próprio Paulo. O trecho a ser lido hoje vai direto ao assunto.

O testemunho do próprio Paulo é fundamental. Na primeira carta aos Tessalonicen-

ses (2,9), ele lembrava que, quando lá esteve evangelizando da primeira vez, trabalhava dia e noite para não ser pesado a ninguém.

Como disse no capítulo 9 da primeira carta aos Coríntios, Paulo teria o direito de ser mantido pela comunidade, mas o dispensou. Fez isso em Corinto para manter sua independência e não prejudicar a pregação do Evangelho; fez isso em Tessalônica por coerência com os fatos e por solidariedade com os trabalhadores braçais, os primeiros a aceitar sua pregação. O texto lido hoje vê aí o exemplo de amor ao trabalho, que sustenta e dignifica a pessoa. Era isso que aqueles cristãos precisavam ouvir.

III. Dicas para reflexão

Quando leem essas passagens do Evangelho, muitos ainda pensam em um fim de mundo como catástrofe final da humanidade, que ninguém quer ver. Há os que, apoiados nessas palavras da Escritura, vivem anunciando que o fim do mundo está próximo. Nada disso. A crise pode ser dura, difícil, dolorosa, mas é um novo começo, abertura de novos horizontes.

A cada momento, um mundo está acabando e outro, começando. O importante é saber ler os sinais dos tempos e estar preparado para o novo começo.

É preciso saber descobrir em cada acontecimento, por menos importante que pareça, o mundo velho que está acabando e a novidade de vida que começa, o horizonte novo que se abre. Em todo acontecimento, uma crise se revela, e em toda crise, uma ou mais portas se abrem.

Quando uma porta se fecha, duas se abrem, basta ter olhos para ver.

Porque esperamos de Deus a intervenção final e decisiva na história para estabelecer o seu reinado, não vamos ficar omissos, deixá-los vencer pela preguiça, desistindo da busca por outra Igreja possível e por outro mundo possível.



Da mesma forma que rezamos no Pai-nossoso “o pão nosso de cada dia nos dai hoje”, mas não deixamos de ir à luta pelo pão de cada dia, assim também, porque pedimos que sua vontade aconteça “na terra como no céu”, não vamos abandonar a luta pela construção da nova sociedade, diferente da que aí está, de outro mundo, que comece a realizar no presente o que esperamos para o futuro.

Na última ceia, Jesus estava para ser preso e condenado à mais humilhante das mortes. Sabia que iria ficar sozinho. Mesmo assim, ao passar o pão para que cada qual tirasse seu pedaço, disse: “É o meu corpo, sou eu, que me entrego por vocês”. Na missa, lembramos o que ele fez, mandando-nos fazer o mesmo. Aí está a resistência que salva.

34º Domingo do tempo comum –
Cristo Rei
20 de novembro

O reinado da justiça, do amor e da paz

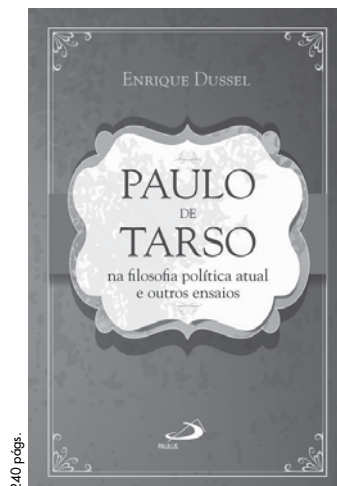
I. Introdução geral

No fim da Copa de 1958, ao receber os cumprimentos do rei da Suécia, Pelé colocou-lhe a mão no ombro. Os comentaristas esportivos, num primeiro momento, escandalizaram-se com a quebra do protocolo, pois ninguém podia tocar o rei. Logo em seguida, concluíram: “Não faz mal! Hoje o rei é ele!”. A partir de então, Pelé passou a ser chamado de rei do futebol. Algum tempo depois, a popularidade do cantor Roberto Carlos rendeu-lhe também o título de rei.

Hoje, os reis não governam, são apenas chefes de Estado, representam a nação. Quem governa é o primeiro-ministro ou o conselho de ministros. No passado, não era assim. O

Paulo de Tarso na filosofia política atual e outros ensaios

Enrique Dussel



Este conjunto de trabalhos recentes mostra alguns aspectos dos temas que estão sendo tratados na filosofia atual. Certos temas tabus na tradição secularista do Iluminismo vêm perdendo sua essência, e se inicia uma nova maneira de encarar a realidade cultural, com novo olhar. Essa temática, unida a uma busca da origem da cultura ocidental, que não pode referir-se nem única nem principalmente à filosofia helênica ou romana, apresenta a possibilidade de abordar novos problemas.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





rei tinha todo o poder; a vontade ou até mesmo um capricho do rei eram lei.

O papa Pio XI instituiu a solenidade de Cristo Rei para incentivar os cristãos a fazer da presença de Cristo no mundo uma força de transformação. Por meio dos cristãos, Jesus deve governar o mundo. O objetivo não é dar brilho e poder à instituição eclesiástica, mas trazer ao mundo o reinado de Deus com os critérios de Jesus Cristo. Contrário à busca de brilho, fama e poder, critérios deste mundo, o reinado de Cristo se manifesta na vergonha e no fracasso da cruz.

A paz, tão sonhada hoje, é fruto da justiça e do amor, como diz o prefácio da oração eucarística desta solenidade. A busca da verdadeira justiça e a coerência do amor levam inúmeros cristãos ao martírio, à morte semelhante à de Cristo. É por esse caminho, e não pela participação nos poderes temporais, que seu reinado vai acontecer no mundo.

II. Comentários aos textos bíblicos

1. I leitura: 2Sm 5,1-3

A primeira leitura narra como as tribos do Norte aceitaram o reinado de Davi. A unção de Davi como rei de Israel lembra hoje o reinado de Cristo.

Davi era o menor e o mais humilde de oito irmãos da aldeia de Belém. Quando Samuel, guiado por Deus, foi escolher um dos oito filhos de Jessé para ser o novo rei, apresentaram-se os sete maiores; o menino Davi foi deixado no campo, olhando as ovelhas. Mas foi a ele que Deus escolheu. É por meio dos fracos que Deus reina. Davi se tornará, depois, o modelo dos reis.

Suas façanhas (1Sm 17; 1Sm 18,20-36; 1Sm 24; 1Sm 26) já lhe tinham alcançado a aprovação por parte da sua tribo, Judá (2Sm 2,1-4a). O episódio narrado na leitura de hoje fala de sua aprovação pelas dez tribos do Norte. O reinado de Davi foi o reinado da

união de Israel e Judá, de todo o povo de Deus; foi o reinado do consenso.

2. II leitura: Cl 1,12-20

É na sua morte de cruz (*sangue de cruz*, na maneira bíblica de falar) que Jesus se torna rei do universo, centro de toda a criação, razão de ser de tudo o que existe.

Essa carta, ditada por Paulo ou, mais provavelmente, por um de seus discípulos, procura responder a uma questão surgida nas primeiras comunidades: uma confusão entre a mensagem de Jesus Cristo e as religiões cósmicas. Segundo essas antigas religiões, os astros é que governam o mundo. E são os anjos, em suas diversas categorias – Tronos, Dominações, Potestades etc. –, os condutores dos astros que governam o mundo. Não sobriaria muito espaço para o Messias Jesus. O texto da carta, diferentemente do linguajar de Paulo, é carregado de semitismos, de maneiras semitas de falar. Assim, “o Filho do seu amor” quer dizer “o seu Filho amado” (v. 13); “o sangue de sua cruz” quer dizer “sua morte de cruz” (v. 20).

O mundo, governado pelos anjos e pelos astros, não muda, não admite mudança, porque o sol, a lua, as estrelas sempre fazem a mesma órbita, o mesmo giro. Tudo se repete e tudo está em ordem. Não há nada para mudar. Jesus vem fazer o que aí?

Se nada há para mudar, podemos nos deixar guiar cegamente pelos astros, anjos ou poderes deste mundo. Pode-se dizer que este é o reino das trevas, onde todos são cegos. O reino da luz, onde todos enxergam, é o reino de Jesus Cristo – por isso o batismo era chamado de iluminação. Os que antes seguiam as religiões cósmicas e se tornaram cristãos passaram do reino das trevas para o reino da luz.

Jesus torna visível o Deus invisível, existe antes dos anjos e de qualquer outra criatura de Deus. Por ele e para ele, Deus criou tudo; ele é a nossa cabeça, cabeça da Igreja, o primeiro renascido da morte; ele resume tudo,



tudo só tem sentido nele. Isso não se dá, porém, em virtude de nenhum grandioso espetáculo. É por meio de sua morte de cruz que ele realiza a reconciliação, quer dizer, a reorganização de todo o universo material e imaterial, como os anjos. Jesus tudo governa, mas, antes de tudo, ele reina pela cruz.

3. Evangelho: Lc 23,35-43

Na cruz vai morrer o Rei dos Judeus, a esperança de um salvador da nação judaica apenas. Na cruz podemos chamar Jesus de rei, não dos judeus, mas da humanidade inteira, a começar pelos criminosos crucificados com ele.

Jesus, na ocasião, é visto como um rei de palhaçada, é objeto do olhar curioso do povo, olhar de desinteresse e de desprezo. É também objeto de zombaria por parte das autoridades judaicas e dos soldados romanos.

A zombaria por parte dos dirigentes judeus é, em Lucas, mais discreta do que em Mateus e em Marcos, Evangelhos nos quais eles fazem alusão ao título de “rei de Israel” e desafiam Jesus a descer da cruz. “O Cristo”, “o Ungido”, de Lucas, contudo, também lembra a esperança de um Messias rei. Lucas acrescenta o título de “Eleito” ou Escolhido, o querido de Deus. Nem por isso o que dizem as autoridades dos judeus deixa de ter o caráter de zombaria e de tentativa de desmoralizar o “reinado” de Jesus.

Os soldados romanos, representando o império, os senhores deste mundo, caçoavam da placa que chamava Jesus de rei dos judeus, rei incapaz, um rei totalmente fracassado. Oferecem ao “rei” o vinagre ou vinho azedo dos soldados e dos escravos.

Entretanto, o vinagre que lhe oferecem lembra o Salmo 69,22, que diz: “para a minha sede deram vinagre”, fazendo eco ao v. 5 do mesmo salmo: “odiaram-me gratuitamente”. A resposta ao ódio gratuito é um amor mais gratuito ainda.

Vem, então, o outro lado, o verdadeiro reinado do Cristo. Seu trono é a cruz, as tes-

temunhas de sua entronização são dois criminosos. Ele reina porque perdoa; seu poder se manifesta acima de tudo no perdão, jamais na crueldade, como era próprio da onipotência de César.

Um dos criminosos ou malfeitores com ele crucificados reproduz os insultos das autoridades judaicas e dos soldados romanos. O outro o recrimina e chama-lhe a atenção. Apela para o “temor de Deus”, expressão que, em toda a Bíblia, traz a conotação de respeito ao mais fraco. Eles estão sendo punidos por seus crimes; Jesus, não: ele é inocente.

Em seguida, esse malfeitor dirige-se a Jesus, pede-lhe que se lembre dele quando entrar em seu reino ou reinado. Na Ceia, Jesus havia dito aos apóstolos: “Assim como o Pai me confiou o reino, assim também eu vos confio o reino. Haveréis de comer e beber em minha mesa no meu reino e de vos sentar em tronos para julgar as doze tribos de Israel” (Lc 22,29-30). Agora, morrendo na cruz, ele toma posse do seu reino.

Assim é que ele responde ao criminoso: “Hoje estarás comigo no paraíso!”, hoje estarás comendo e bebendo comigo em meu reino. É o último “hoje”, tão presente nos lábios de Jesus em todo o Evangelho de Lucas (“hoje se cumpre essa palavra”, “hoje devo me hospedar na tua casa”, “hoje a salvação entrou nesta casa”). Hoje, morrendo na cruz, Jesus toma posse do seu reinado.

III. Pistas para reflexão

Na homilia (conversa) de uma missa em sua comunidade, dona Julieta disse: “Nem que vivesse mais duzentos anos a gente acabaria de entender o significado da morte de Jesus”. Não vamos acabar de entender, mas vamos procurar entender cada vez melhor.

“É rei pela sua cruz.” Essa ideia não cabe bem na nossa cabeça. Para nós, rei é o que está no topo do prestígio e do poder, não um pobre coitado de braços pregados numa peça de madeira, pendurado entre o céu e a terra e



considerado pela Bíblia (Dt 21,23) um mal-dito de Deus.

Os caminhos do prestígio e do poder humanos jamais levarão o mundo a alguma mudança, só farão reafirmar o reinado do dinheiro e da arrogância. Outro mundo e outro reinado só poderão vir dos caminhos opostos, os caminhos da humildade e do serviço. A cruz significa o caminho novo que se abre.

Quem pensa que a festa de Cristo Rei deve motivar maior prestígio e poder para a instituição eclesiástica está redondamente enganado; está querendo levar a Igreja pelos caminhos do mundo, e não trazer o mundo para os caminhos de Jesus Cristo.

“É rei pela sua cruz.” Isso dificilmente entra na nossa cabeça. É preciso primeiro desarraigar da nossa mente as ideias de prestígio e de poder. O reinado de Cristo há de chegar ao nosso mundo por meio das pequenas coisas, escondidas, ignoradas, relegadas à humilhação do esquecimento, tal como a morte de cruz era a humilhação máxima.

No mundo governado pelo dinheiro, pela injustiça, pelo saber, aproveitar-se do outro, é a ferramenta principal. Amor não existe; isso é considerado sentimentalismo tolo, que só leva a perder dinheiro. Paz é inércia, inatividade, é ficar parado; o que movimenta o mercado é a guerra, a competição. O reinado de Jesus Cristo é o reinado da justiça, do amor e da paz.

1º Domingo do Advento
27 de novembro

É sempre a vinda do Filho do homem

I. Introdução geral

Advento não é simplesmente tempo de preparação para o Natal. O comércio, aliás, já

está se preparando para o Natal há bastante tempo. Advento significa vinda, chegada. É tempo de celebrar a vinda de Jesus, do Senhor, do Filho do homem. O Natal é apenas o momento e a motivação privilegiada para, nos quatro domingos, celebrarmos essa vinda.

Para as comunidades primitivas, a destruição de Jerusalém e do Templo ocorrida no ano 70 significou uma vinda do Messias Jesus, o “Filho do Homem”. O cristianismo nasceu da religião judaica, centralizada até então no Templo de Jerusalém. Assim, a destruição da cidade e do Templo, embora tenha sido um grande choque também para os cristãos, um fim de mundo, abriu, ao mesmo tempo, novos horizontes, foi um novo começo.

Todo acontecimento, de pouca ou grande monta, deve ser considerado uma vinda de Jesus. Em tudo o que acontece, ele está vindo ao nosso encontro, está mostrando-nos nova esperança e novo caminho, está lançando diante de nós um desafio e nos pedindo de a resposta de uma atitude nova, diferente. Nós é que muitas vezes não percebemos.

Estaremos preparados para o encontro final com Jesus se soubermos atender a esses apelos que ele nos faz por intermédio dos fatos.

II. Comentários aos textos bíblicos

1. I leitura: Is 2,1-5

Em meio às guerras e ameaças de guerra, o profeta fala da Lei divina e da comunidade de fé, chamada de Sião ou Jerusalém. Tanto a do seu tempo como a de hoje devem ser esperança e luz para todas as nações.

A maneira pela qual Isaías fala de Sião ou Jerusalém, da “montanha da casa do Senhor”, de onde vem o ensinamento, a lei de Deus para todas as nações, dá a entender que ele pensa mais numa comunidade ideal do que na realidade física da cidade. Isso se torna claro até pelo fato de falar de um futuro, “nos últimos dias”.



A “montanha da casa do Senhor” não é apenas aquela montanha que se eleva oitocentos metros acima do nível do mar Mediterrâneo (onde está Jerusalém), mas um lugar de encontro com Deus que se situa muito acima de qualquer alta montanha ou serra; é uma comunidade de fé ideal, presença de Deus no mundo. Esta é que atrai para si todas as nações.

Todos vão à sua procura para encontrar os melhores caminhos. Todos querem aprender dela. Todos buscam a paz, e isto é o que ela ensina: “fundir suas espadas para fazer bicos de arado, fundir as lanças para delas fazer foices”, transformar as armas em instrumentos de trabalho, mudar a força de destruição em força de construção, abandonar as guerras e partir para a colaboração.

O profeta-poeta projetava essa comunidade ideal, promotora da harmonia universal, para um futuro, os “últimos tempos”. Esses “últimos tempos” não podem ser apenas o momento final da história, o fim da humanidade no planeta. É o futuro que já deve estar presente, é o futuro-presente que podemos hoje entender e pôr em prática como a etapa decisiva da humanidade após a ressurreição do Crucificado.

2. II leitura: Rm 13,11-14a

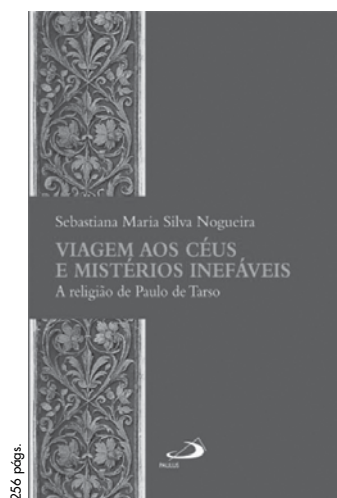
As comunidades de Roma, apesar de pobres, viviam na capital do império. Ali não havia limites para o consumo e o gozar a vida. Paulo as convida a não cair na tentação.

Quanto mais escura a noite, mais próximo está o clarear do dia; quanto mais difícil a situação (era o tempo do imperador Nero em Roma), mais perto está uma solução.

Paulo tinha falado em 1Ts 4,15 na possibilidade de estar vivo na segunda vinda de Cristo. Depois, sentindo provável sua condenação à morte, desejou-a (Fl 1,23) para estar com Cristo. Agora ele fala da proximidade da salvação. Seria a vinda final de Cristo? Seu propósito, no entanto, era encerrar sua mis-

Viagem aos céus e mistérios inefáveis **A religião de Paulo de Tarso**

Sebastiana Maria Silva Nogueira



O livro de Sebastiana Nogueira apresenta uma abordagem interdisciplinar, com as vantagens e os riscos que esta decisão apresenta. Trata-se de uma detalhada exegese de um dos textos paulinos que maior dificuldade traz ao intérprete: o relato de 2 Coríntios 12 sobre um homem que, no corpo ou fora dele, subiu ao terceiro céu e ouviu palavras inefáveis! Pode haver texto paulino mais misterioso e enigmático?

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





são na parte oriental do império, passar por Roma e ir evangelizar a Espanha, o lado ocidental (Rm 15,22-24). Ele não teria esses grandes e arriscados projetos se esperasse para breve o fim do mundo.

Os problemas internos nas comunidades de Roma também não eram poucos. Os cristãos judeus tinham sido expulsos da cidade e agora podiam voltar. A situação da Palestina era cada vez mais grave, estava se tornando explosiva. Eles voltavam para Roma influenciados pelas ideias de revolução e muito mais aferrados à sua identidade judaica. Enquanto isso, os cristãos gentios de Roma, sem dúvida, tinham se afastado mais e mais dos costumes judaicos. Os dois grupos iriam se entender?

Roma, a capital do mundo, era, além disso, uma tentação: tentação, acima de tudo, de consumismo, pois tudo o que se produzia de melhor em todo o império era carreado para Roma. Cair nessa tentação seria deixar-se envolver pelo mundo das trevas.

Estão dormindo aqueles que não têm esperança de que o mundo possa mudar nem nisso pensam. Um mundo novo está chegando, está para ser construído; é preciso, então, estar acordados, viver como em pleno dia – alerta Paulo –, fugir do consumismo, que não dá nenhum sentido à vida. Como o mesmo Paulo disse em 1Ts 5, os que dormem, é de noite que dormem; os que se embriagam, é de noite que se embriagam. Estes serão pegos de surpresa. Nós, ao contrário, somos da luz e, como tais, vivemos unidos ao Senhor e Messias Jesus.

3. Evangelho: Mt 24,37-44

A vinda de Cristo, quando será? O Evangelho responde que ninguém pode saber, é imprevisível. Diz, porém, que precisamos ficar atentos, ligados a Deus e seu projeto, mesmo no trabalho cotidiano, dentro ou fora de casa.

O Evangelho, das palavras de Jesus que se referem diretamente à destruição de Jerusalém, passa a falar do encontro final do fiel

com o Cristo juiz. O trecho que lemos hoje faz exatamente essa passagem.

Ele havia falado da comparação com a planta que começa a brotar, anunciando a chegada da primavera e do verão (vv. 32-36). Sinais do dia decisivo seriam a autoproclamação messiânica dos líderes da revolta judaica (vv. 5-8), dificuldades, incompreensões e perseguição aos cristãos, além da divulgação do Evangelho (vv. 9-14) e da violação do Templo (v. 15). Mas, nos vv. 34-35, é dito que os fatos acontecerão ainda “nesta geração”, o que só pode ser entendido com a destruição de Jerusalém.

Depois de dizer que o dia e a hora só Deus sabe (v. 36), o Evangelho entra no texto de hoje comparando a situação de então com a do tempo de Noé. No episódio bíblico do dilúvio, ninguém se interessou pela arca que Noé preparava, ninguém pensou que sua vida seria interrompida: todas continuavam sua rotina até que Noé entrou na arca – e, em seguida, veio o dilúvio e todos se foram.

É uma advertência para estarmos conscientes de um fim inevitável, mas de data e hora imprevisíveis. E estar conscientes disso significa estar atentos aos apelos de Deus por meio dos fatos. O fim vem, é certo. Quando? Só Deus sabe. As duas certezas nos preparam para ir ao encontro do Senhor que vem.

Por ocasião da invasão do exército romano, nas proximidades ou dentro de Jerusalém, dois homens no campo ou duas mulheres em casa, exercendo a mesma atividade, têm sortes diferentes. Essa afirmação leva naturalmente a uma reflexão: o que importa não é exatamente o que estão fazendo, mas o modo como cada um está agindo na sua rotina cotidiana. Está vigilante, com o pensamento voltado para Deus e seu projeto, ou voltado apenas para si mesmo e seus sonhos?

Vem a comparação do ladrão, que chega sempre quando menos se espera. Para não ser pegos de surpresa, é preciso vigiar, ficar



acordados, atentos, alertas. Paulo (1Ts 5,1ss) já fazia a comparação com o ladrão, que vem à noite. E dizia: “Mas nós não somos das trevas nem da noite, nós somos do dia e da luz”.

III. Pistas para reflexão

Em tudo o que acontece, Jesus está mostrando-nos nova esperança e novo caminho, está lançando diante de nós um desafio, está nos pedindo de nós a resposta de uma atitude nova, diferente. É o seu advento, a sua vinda que celebramos. Nós é que muitas vezes não percebemos.

O desafio de hoje é a violência, uma ordem social violenta, de pura competição, que explode em acontecimentos trágicos, mas está no coração da sociedade e no coração de cada um. A comunidade que acredita em Deus e não no dinheiro ensina a transformar as armas em instrumentos de trabalho, mudar a força de destruição em força de construção, abandonar a violenta guerra da competição e partir para a colaboração.

A “montanha da casa do Senhor” não é apenas aquela montanha que se eleva oitocentos metros acima do nível do mar Mediterrâneo, mas um lugar de encontro com Deus, uma comunidade de fé que deve ser luz para a humanidade.

Quanto mais escura a noite, mais próximo está o clarear do dia; quanto mais difícil a situação, mais perto está uma solução.

Aqueles que não têm esperança em outro mundo possível estão dormindo. Um mundo novo está vindo, está para ser construído; é preciso estar acordados, viver como em pleno dia, fugir do consumismo, que não dá nenhum sentido à vida, e fazer da sobriedade ferramenta de partilha.

O fim vem, é certo. Quando? Só Deus sabe. A certeza é que vem e a certeza é que não podemos saber quando vamos ao encontro do Senhor. É preciso estar conscientes de um fim inevitável, mas de data e hora imprevisíveis. E estar conscientes disso significa estar atentos

aos apelos de Deus por meio dos fatos.

O que importa não é o que as pessoas estão fazendo, mas o modo como cada um está agindo. Está vigilante, com o pensamento voltado para Deus e seu projeto, ou voltado apenas para si mesmo e sua cobiça? Isso é o que vai definir a sorte de cada um.

“Nós não somos das trevas nem da noite, nós somos do dia e da luz.” Que significado tem isso no nosso dia a dia?

Os “últimos tempos” são o futuro que já está presente, são o futuro-presente que podemos hoje entender e pôr em prática. São a etapa decisiva da humanidade após a ressurreição do Crucificado, que celebramos.

2º Domingo do Advento
4 de dezembro

Preparados para o Natal?

I. Introdução geral

Os noticiários já falam nas previsões para o Natal deste ano, se será bom ou ruim, melhor, igual ou mais fraco que o do ano passado. Isso para o comércio, que, sem dúvida, já se preparou de acordo com as previsões mais realistas. Esse Natal é um grande motor da economia, é a grande festa do consumo, a grande festa do capitalismo.

O nosso preparar-nos para a vinda do Senhor é outra coisa. Neste domingo, já aparece a figura de João Batista, o anticonsumo. A austeridade com que ele se apresenta, a sua roupa e sua comida já revelam sua mensagem: mudar de mentalidade.

A palavra grega *metanoia*, que, nos três primeiros Evangelhos, resume a pregação de João e também a de Jesus, é fácil de entender. *Meta* é o mesmo prefixo grego que encontramos em “*metamorfose*”, indica mudança, significando aqui “mudança de forma”. *Noia* nós conhecemos de “*paranoia*” e refere-se à



cabeça. *Metanoia* é, então, “mudança de cabeça”, mudança de mentalidade, de maneira de pensar e agir.

Assim, a nossa preparação para a vinda do Senhor – não apenas para a celebração do nascimento de Jesus – vai remar contra a corrente do capitalismo, que governa o nosso mundo. E essa corrente não é um filete de água, mas um caudal imenso, que vai arrasando tudo com sua força avassaladora. É contra essa corrente que remamos.

Diz a antiga fábula: o lobo e o cordeiro foram ao mesmo córrego beber água. Vendo o cordeiro, o lobo diz: “Vou te matar porque estás sujando a minha água!”. O cordeiro responde: “Não pode ser, eu estou mais embaixo, a água está correndo daí para cá”. O lobo diz: “Então eu vou te devorar porque na semana passada teu pai me insultou!”. “Não pode ser”, responde o cordeiro, “faz dois meses que meu pai morreu.” “Ah! Se não foi teu pai, foi teu irmão, teu tio...” E avançou sobre o cordeiro. O fabulista conclui: “O mais forte sempre acha uma razão para devorar o mais fraco”. Não será esse o princípio que governa o nosso mundo?

II. Comentários aos textos bíblicos

1. I leitura: Is 11,1-10

Isaías depositava grande esperança no futuro rei. Com ele, a lei do mais forte vai acabar, pois tanto o rei como o país inteiro, todos vão defender os fracos. Deixaremos, então, de ser bichos uns para os outros. Isso resume o belo texto de Isaías, motivo de muitos cânticos de Advento.

Isaías era familiar ao palácio de Acaz e conhecia bem seu filho Ezequias, em quem depositava grande confiança. Ezequias foi realmente um dos melhores reis de Judá, mas o poema de Isaías que expressa sua confiança nele vai muito além.

A dinastia de Davi, o filho de Jessé, estava enfraquecida, quase liquidada diante do po-

derio crescente da Assíria. Falando em ramo familiar, o de Jessé estava reduzido a quase nada, a um toco cortado quase rente ao chão. Como de uma velha parreira decepada, do toco ou até das raízes, ainda pode surgir um broto novo, assim também surge aqui o broto novo do ramo familiar de Jessé.

O Espírito do Senhor lhe dará as qualidades dos famosos antepassados, a sabedoria e a perspicácia de Salomão, as qualidades bélicas de prudência e ousadia de Davi, e ainda vai lhe acrescentar outras duas: o temor e o conhecimento de Javé. O próprio texto vai explicar o que é “temor de Javé”: é não julgar por interesses escusos (v. 3), mas fazer justiça aos fracos e castigar o opressor. “Conhecer Javé”, Jeremias explica em 22,15-16. É praticar o direito e a justiça, fazer justiça ao humilde, ao indigente.

Inspirado no temor de Javé, o novo rei vai acabar com a estória do lobo e do cordeiro, quando o mais forte sempre tem razão e sempre encontra um motivo para devorar o mais fraco. Então, “o lobo será hóspede do cordeiro, o leopardo vai se deitar ao lado do cabrito...”. As pessoas deixam de ser bichos umas para as outras.

Inspirado no temor de Javé, ele vai usar de sua autoridade para fazer justiça ao fraco e reprimir o opressor. Assim, o resultado será que, não só ele, mas o país inteiro estará inundado do “conhecimento de Javé”, todos sabendo respeitar os direitos dos fracos.

Aquilo em que o profeta foi além em seu poema ficou como esperança messiânica, esperança de um salvador definitivo para o porvir. Será que o Cristo já realizou isso?

2. II leitura: Rm 15,4-9

Os cristãos judeus tinham sido expulsos de Roma. Agora, autorizados a voltar, retornavam para Roma e para as suas comunidades. Seriam bem recebidos pelos irmãos que não eram judeus?

Essa situação é que nos dá o contexto geral da carta aos Romanos. Aqui, já na parte



parenética ou nas recomendações finais, Paulo diz que é tempo de esperança, esperança fundamentada na palavra de Deus, nas Escrituras. Nelas encontramos encorajamento e firmeza, palavras frequentemente traduzidas por “paciência” e “consolação”.

O Deus do encorajamento e da firmeza é que deve levar os cristãos a ter um mesmo pensar, seguindo o Cristo Jesus. Só assim se podem superar as dificuldades de relacionamento entre os cristãos judeus que voltam e os cristãos gentios que ficaram. Só assim poderão participar unidos numa mesma celebração para louvar a Deus.

A prática é esta mesma, saberem acolher uns aos outros, sem discriminação e sem preconceitos. Assim é que o Cristo nos acolhe. Ele se pôs a serviço dos judeus para realizar as esperanças consubstanciadas nas promessas contidas em suas Escrituras Sagradas. Nem por isso os não judeus, “gentios” ou “nações”, são esquecidos, pois as mesmas Escrituras os convidam também a louvar o Senhor.

3. Evangelho: Mt 3,1-12

Estamos nos preparando não para a festa do Natal, mas para a chegada de Jesus, o Messias, o Salvador! O Evangelho vai nos responder quem é esse que prepara os caminhos do Senhor, como é que ele vive, qual a sua mensagem.

Aparece João Batista. Ele prega no deserto da Judeia, num lugar ermo e sem vida. Sua mensagem se resume em *metanoia*, a mudança de cabeça, mudança de mentalidade, a coragem de remar contra a corrente do pensamento dominante, a coragem de pensar e agir diferente.

O motivo é que o reinado de Deus está chegando. O Evangelho de Mateus, sendo de cristãos judeus, fala de “céus” para substituir a palavra Deus, por respeito ao Nome. Quando diz reino dos céus, então, está dizendo reinado de Deus, mundo onde manda Deus, não o dinheiro ou um de seus súditos.

Adultos na fé Pistas para a catequese com adultos

Ir. Mary Donzellini, mjc



Adultos na fé apresenta pistas para a catequese com aqueles adultos que ainda não foram evangelizados, vieram de outras religiões, eram indiferentes à questão religiosa, não foram iniciados na fé e na vida da Igreja, se afastaram da Igreja e desejam retornar ou, por fim, com aqueles que aprenderam a viver a religião como um ato social, sem compromissos. É urgente e essencial fortalecer a catequese com adultos para formar pessoas e comunidades maduras na fé.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





João prepara os caminhos do Senhor. Sua figura é sua mensagem e já contrasta fortemente com o pensamento dominante do seu tempo, quanto mais o de hoje. Como o profeta Elias, ele veste uma roupa tecida de pelos de camelo, com uma cinta de couro. Seu alimento também não combina com os banquetes e as bebedeiras dos poderosos do seu tempo nem do nosso Natal consumista. Ele prega a *metanoia*.

Representantes de dois poderosos movimentos religiosos rivais – o dos fariseus, que dominavam a consciência do povo, e o dos saduceus, que comandavam o Templo e o sinédrio – vão à procura do batismo de João. Estarão também querendo mudar de mentalidade?

João os aborda sem meios-termos: bando de cobras venenosas! A *metanoia* tem de ser efetiva, produzir resultados práticos; não é mero ritual, o batismo, para tentar enganar os outros, a si mesmo e a Deus! O título de filho de Abraão (ou de cristão) não dá isenção a ninguém, todos têm de mudar de mentalidade.

Não adianta parecer uma árvore frondosa e bonita; o machado já está ao pé das árvores, e a que não estiver produzindo frutos vai ser cortada e jogada ao fogo. Frutos de verdadeira *metanoia*!

Depois, João fala de Jesus. “Não sou digno de carregar suas sandálias” pode significar também: não mereço ficar no lugar dele, assumir a função dele. Como em Rt 4,7ss: o que desiste da tarefa e a passa a outro tira e lhe entrega a sandália.

“O Espírito Santo e o fogo”, no contexto da comparação com o lavrador que abana o seu cereal, poderia significar “o vento e o fogo”, o vento que carrega a palha e o fogo que vai queimá-la. Jesus, que vem, é o último juiz da humanidade; ele separa o grão da palha, ele guarda o grão no seu celeiro e joga ao fogo a palha, o que não tem serventia. No final do capítulo 25 do mes-

mo Evangelho, ele vai dizer: “Vinde, benditos” e “ide, malditos”.

III. Pistas para reflexão

Advento não é tempo de preparar as comemorações do Natal, os presentes, as comidas, bebidas e roupas. É tempo de caminhar ao encontro pessoal e comunitário com o Cristo, o Messias Jesus. Seu berço foi um cocho, dentro de um estábulo, e seu leito de morte foi a cruz.

Nossa caminhada ao encontro do Cristo exige a *metanoia*, a mudança de cabeça, porque o reinado de Deus está chegando. Se é Deus, Pai de todos, e não o dinheiro, pai só de alguns, que deve comandar, então é preciso mudar as cabeças.

Metanoia nos leva a nadar contra a corrente, embora esta seja mais volumosa que o rio Amazonas. Na minha prática cotidiana, na chegada do próximo Natal, por exemplo, o que isso significaria?

Jesus realizou as palavras de Isaías e acabou com a estória do lobo e do cordeiro? Todos já deixamos de ser bichos uns para os outros? Que fez Jesus? Que falta ainda para esse sonho acontecer? Quem será o responsável por levá-lo a cabo? Basta cantar: “Da cepa brotou a rama...”?

Celebrações vazias, que não movem o coração e a mente nem dos que as presidem, quanto mais dos participantes, tornam todos semelhantes aos fariseus e saduceus que foram pedir o batismo a João.

João cobrava deles o fruto ou resultado, que é uma *metanoia* verdadeira, sincera. A vinda de Jesus é a vinda do juiz que não se engana, pois sonda os rins (os sentimentos) e o coração (a mente).

Na eucaristia, celebramos um mundo diferente, que vem por um caminho diferente; a mesa comum da humanidade, que vem da partilha de si, do partir-se em pedaços como aquele pão. O caminho é a austeridade, não o consumo exasperado; é o sacrificar-se pelo



outro, não o aproveitar-se da situação. A chegada é a mesa comum.

Imaculada Conceição de Nossa Senhora
8 de dezembro

Por Aíla Luzia Pinheiro Andrade

O Senhor está contigo!

I. Introdução geral

O pecado e a encarnação aparecem na Bíblia como dois movimentos que têm por objetivo a eliminação do abismo entre o Criador e a criatura. O pecado significa que o ser humano quis superar a distância existente entre ele e seu Criador, pretendendo fazer-se igual a Deus. A encarnação é o movimento inverso. Deus, de fato, superou a distância entre nós e ele, quando o Verbo eterno se fez homem.

II. Comentário aos textos bíblicos

1. Evangelho (Lc 1,26-38): Faça-se em mim conforme a tua palavra

O Evangelho de hoje nos apresenta um modelo de colaboração no propósito de Deus para a salvação humana. O texto enfatiza dois aspectos principais: a presença eficaz de Deus, que realiza o seu propósito, e a colaboração humana que diz “sim”. Em Maria, vemos esses dois aspectos se realizarem. A atitude dela se torna, para nós, um paradigma a ser seguido.

O texto é bem estruturado e nos apresenta a realização das promessas feitas ao povo de Israel no passado. Todo o discurso está permeado de alusões às profecias messiânicas do Antigo Testamento (cf. Is 7,14; 49,6; 2Sm 7,12-14). Com isso se quer conectar o cumprimento das promessas salvíficas ao menino cujo nascimento constitui o início de sua efetivação.

Alguns termos são de extrema importância e nos ajudam a compreender melhor o sentido profundo desse texto.

A saudação contém duas expressões importantes: “cheia de graça”, uma alusão à alegria messiânica que ora se inicia, e “o Senhor está contigo”. Esta última expressão não é dita a pessoas em circunstâncias normais, ainda que possa haver exceções (cf. Rt 2,4), mas se refere ao povo de Deus em sua totalidade ou a alguma pessoa que Deus tenha convocado para realizar um trabalho árduo. A presença eficaz de Deus dirige a pessoa à finalidade proposta por ele.

A expressão “cobrir com sua sombra” faz alusão à nuvem que cobria o tabernáculo no deserto, representando a glória de Deus que ali habitava (cf. Ex 40,34). A mesma expressão é utilizada no texto da transfiguração (cf. Lc 9,34), porque era símbolo da presença de Deus. O tabernáculo no deserto era chamado de Tenda do Encontro (cf. Ex 27,21), pois ali Deus se encontrava com o ser humano por meio da representação da nuvem. Dessa forma, quando o texto, ao se referir a Maria, utiliza a expressão “cobrir com sua sombra”, a identifica-a com a Tenda do Encontro, significando que no útero dela Deus e o ser humano se encontram no Menino que vai nascer.

Ante a vontade de Deus, Maria deu a resposta: aceitou. Ela proclama-se “serva do Senhor”, frase usual no ambiente oriental quando um subalterno se dirige ao seu superior com o propósito de aceitar seus desígnios. Essa disposição para a obediência é uma manifestação de confiança (fé) na Palavra de Deus.

2. I leitura (Gn 3,9-15.20): Onde estás?

O texto de Gn 3,10-11 alerta sobre a inviabilidade atual do propósito divino de habitar com a criação, pois o casal humano, em decorrência do pecado, se esconde de Deus. E como o ser humano é o responsável pela criação, então, esta, em sua totalidade, fica afastada de



Deus. Por isso, para a fé de Israel, a presença divina na criação somente poderá ser eficaz quando o ser humano parar de se esconder de Deus, isto é, quando a humanidade ouvir a voz daquele que a interpela: “Onde estás?” (Gn 3,9). A escuta da voz de Deus possibilitará ao ser humano o arrependimento que, no sentido bíblico, significa “retorno” à aliança ou à “colaboração” (trabalhar junto) com Deus.

O pecado, muito mais que uma revolta contra Deus, é um aviltamento da natureza do ser humano. O chamado de Deus procura reconduzir a humanidade – e, com esta, a criação inteira – à sua própria dignidade. Assim, o arrependimento (ou a colaboração) do ser humano significa a criação retornando ao seu verdadeiro propósito.

Quando cada ser humano se arrepender, então, manifestar-se-á toda a beneficência da criação. E quanto mais se retarda o arrependimento do ser humano, mais demora a presença divina na criação. Assim sendo, a plena manifestação da criação em sua beneficência depende da decisão humana. O mundo vindouro não significa apenas a vinda de Jesus, mas é também o retorno do ser humano para Deus. É o retorno do Criador (cf. Is 52,8) e da criatura.

3. II leitura (Ef 1,3-6.11-12): Santos e imaculados diante de Deus

A segunda leitura consiste num hino cristológico (a Cristo) com forte teor batismal. Seu tema principal é a obra de Deus através de Cristo. As consequências dessa obra no ser humano são a filiação divina, o perdão dos pecados, o tornar-se membro do Corpo de Cristo e a ação santificadora do Espírito Santo. Todos esses temas fazem parte de uma catequese batismal. Portanto, o hino também esclarece o sentido do batismo para nós.

À luz desse texto, fica esclarecido que, antes de tudo, a eleição (vocação à filiação divina) não é algo accidental. A encarnação não aconteceu para resolver o problema do pecado humano. Quer dizer, a encarnação

não foi determinada pelo ser humano, não é consequência de suas ações. A eleição que recebemos para nos tornar filhos de Deus faz parte do propósito divino desde toda a eternidade. A eleição do ser humano em Cristo é anterior à criação. Deus tomou a iniciativa de nos tornar filhos no Filho.

Por isso, desde toda a eternidade, cada ser humano é chamado a ser “sem mancha” (imaculado, v. 4). Esse termo (*ámomos*), no Antigo Testamento, designava o cordeiro do sacrifício (cf. Lv 1,3.10) e muitas vezes é traduzido em português por “sem defeito” ou “irrepreensível”, mas literalmente significa “sem mancha” ou “imaculado”. No Novo Testamento, o mesmo termo se refere à vida daquele que se une a Cristo.

É fato que o ser humano sempre pecou, apesar de ter recebido um chamado, desde toda a eternidade, para ser santo e imaculado. E já que “todos pecaram” (Rm 3,23; 5,12), a graça da encarnação (a vida inteira de Jesus) se tornou redenção, libertação da tirania do pecado que escraviza o ser humano.

Como a graça é anterior ao pecado, pois é anterior à criação (v. 4), a eleição significa que somos atingidos pela graça desde o primeiro momento de nossa existência. Disso decorre que a vivência do batismo é a adesão consciente e livre à graça da eleição eterna, que se opõe ao pecado e realiza em nós aquilo a que fomos chamados: ser santos e imaculados diante de Deus.

III. Pistas para reflexão

Maria, dotada de “uma santidade inteiramente singular” (LG 56), representa a humanidade nova redimida por Cristo, ou seja, a Igreja.

A homilia deve mostrar que essa festa mariana harmoniza com o espírito do Advento. Enquanto a Igreja se prepara para a vinda do Senhor, é adequado celebrar Maria como figura da Igreja, ou seja, da nova humanidade redimida por Cristo e chamada a ser santa e sem mancha, conformando-se à vontade do Criador.



Uma exaltação exagerada a Maria pode quebrar o dinamismo litúrgico do Advento, que enfatiza a espera pelo Senhor. Uma ênfase exagerada nos privilégios de Maria pode também favorecer uma devoção desraigada de Cristo. Pode, além disso, ofuscar o papel da graça da eleição à filiação divina, vocação de todo ser humano, a qual foi decidida desde toda a eternidade, age desde a criação e vai se consumir na segunda vinda de Cristo. Maria teve papel singular na história da salvação e não deve ofuscar a obra redentora de Cristo. A homilia deve remeter-se a Cristo, o protagonista, e deixar a Maria o papel de coadjuvante, a saber: representante da humanidade renovada pela redenção realizada por Jesus.

3º Domingo do Advento
11 de dezembro

Os sinais do Salvador

I. Introdução geral

Quando dirigimos pelas estradas ou pelas ruas das cidades, encontramos muitos sinais de trânsito. Seria extremamente ridículo a pessoa parar o carro em frente a um sinal verde para admirar a cor. O resultado seria uma batida. E se a pessoa parasse para examinar se a placa é de latão ou de madeira, se os símbolos ou as letras estão bem ou mal desenhados? O sinal não é para ser admirado ou discutido, mas para ser entendido e seguido.

Fazemos isso frequentemente com as narrativas de milagres nos Evangelhos. Chegamos a pensar que talvez Jesus tenha feito curas e mandado seus discípulos fazer curas como demonstrações de poder em favor dos que nele cressem. Estamos cansados de ver “igrejas” que curam a torto e a direito, não se sabe por quais interesses.

A hora de Deus A crise na vida cristã

Amedeo Cencini



Há quem afirme que o verdadeiro problema da vida religiosa ou sacerdotal reside no fato de muitos consagrados viverem tranquilamente situações críticas, sem aparentar nenhum tipo de incômodo. Para o autor, “seria verdadeiramente coisa boa aceitar entrar em crise, pelo menos uma vez”. Neste livro, ele nos explica justamente aquilo que torna a crise, e o faz mediante um caminho amplo, oferecendo análise aprofundada dos possíveis percalços que ainda estão para se revelar em nossa caminhada.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





Depois do episódio dos pães no capítulo 6 do Evangelho de João, muitas pessoas vão à procura de Jesus. Ele as acolhe, dizendo: “Vocês me procuram não porque viram sinais, mas porque comeram e ficaram satisfeitos”. O que interessa não é a placa, mas o que ela indica; não é o milagre ou seu resultado, mas o que aquilo significa dentro da mensagem de Jesus.

No Evangelho de hoje, reaparece a figura do Batista. Ele manda seus discípulos perguntar a Jesus se este é o Messias esperado e recebe de Jesus os maiores elogios.

A resposta de Jesus é indireta: fala dos sinais que estão acontecendo. Abrir os olhos aos cegos, soltar a língua dos mudos, abrir os ouvidos dos surdos, soltar os braços e as pernas dos entrevados, enfim, dar nova vida aos mortos é o núcleo da missão do Messias.

Nós não esperamos um simples curandeiro; esperamos o Messias, que dá nova vida à multidão cega, muda, surda, inválida e morta.

II. Comentários aos textos bíblicos

1. I leitura: Is 35,1-6a.10

O povo estava no cativeiro. Os inimigos tinham vazado os olhos de alguns, outros estavam mutilados, todos desiludidos e desanimados. O profeta canta de maneira espetacular a esperança de saída do cativeiro e retorno para a própria terra. Será para nós símbolo de uma esperança maior.

O caminho da volta é o deserto, tal como o caminho da escravidão do Egito até a Terra Prometida. É um novo êxodo. O caminho é o deserto, mas a certeza da esperança faz do deserto um jardim.

A esperança é a força para a caminhada: nada de braços cansados ou joelhos cambaleantes, nada de medo, coragem! É Deus que vem para salvar! Se o caminho da liberdade e da vida é difícil, é um deserto, a certeza de que a salvação vem de Deus dá força e coragem e transforma o deserto em jardim.

Aí já não haverá cego, surdo, mudo ou pessoas com deficiência física. Estas não apenas vão andar por si: vão pular como cabritos; os mudos vão soltar a voz e cantar um hino. Acabou a cegueira, a mudez, a surdez, a invalidez a que eram submetidos no cativeiro; a libertação que chega faz a todos videntes, ouvintes, falantes, caminhantes, até saltitantes e agentes. Deixam de ser objetos, tornam-se sujeitos, senhores de si. Vivam!

2. II leitura: Tg 5,7-10

Depois de fazer fortes ameaças aos ricos (vv. 1-6), o escrito de Tiago parece se dirigir aos pobres. Para a gente sofrida e cansada, ele fala de esperança, paciência e resistência, confiantes na vinda do Senhor, juiz justo.

A comparação com o agricultor é clara. A certeza do agricultor de que a semente lançada na terra vai produzir frutos é que lhe dá segurança de esperar até o dia da colheita. A natureza não dá saltos, já dizia o antigo ditado, e o agricultor sabe bem disso: por isso, espera tranquilo e seguro.

A expectativa próxima da vinda do Senhor, justo juiz, significa a certeza da vitória da justiça, por mais que demore e por mais que a injustiça pareça prevalecer. Isso leva ao comportamento mais moderado e maduro de quem não se queixa dos outros, atribuindo-lhes os próprios males, mas aguarda seguro o verdadeiro juiz, que está às portas.

3. Evangelho: Mt 11,2-11

João Batista tinha dito, no texto lido domingo passado, que depois dele viria um mais forte que ele, pronto para cortar e queimar as árvores que não estivessem produzindo e para abanar o cereal, guardar os grãos no celeiro e pôr a palha para queimar. Seria o juiz definitivo e implacável.

O que João ouviu falar de Jesus, entretanto, parece não corresponder exatamente a essa ideia de juiz rigoroso. Onde o sentido da pergunta que ele manda fazer a Jesus: é você mes-



mo ou virá outro para o julgamento definitivo?

João ouviu falar das curas, sem dúvida, e da compaixão de Jesus pelas pessoas, também pelos pecadores. A resposta de Jesus aponta para esses sinais. Ele primeiro veio salvar, libertar. As curas são sinais da solidariedade com os sofredores e do mais importante de sua missão: abrir os olhos a todos os cegos, mesmo aos que tenham olhos perfeitos; abrir os ouvidos a todos os surdos, mesmo aos que tenham ouvidos perfeitos; fazer andar e agir os inválidos, mesmo os que têm mãos, pés e pernas perfeitos; purificar todos os leprosos, tirar da exclusão social todos os “sujos” postos à margem; enfim, dar vida a todos os que vivem mortos.

Tudo isso se resume numa palavra: anunciar a Boa-nova aos pobres. Alguém perguntou certa vez por que se fala tanto em evangelizar os pobres, já que eles geralmente estão mais perto da fé do que os ricos. É que “evangelizar” significa levar boa notícia. E que melhor boa notícia há do que fazer os oprimidos ver, ouvir e agir, algo proibido na sua atual situação?

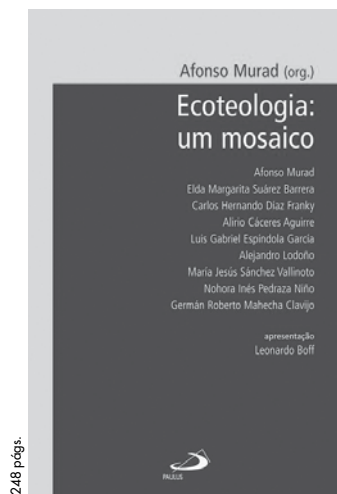
Muitos não gostam disso, de dizer que a missão de Jesus é levar boa notícia aos pobres, levar esperança e força aos que são o refugio da sociedade, abrir os olhos, os ouvidos, a boca aos que são proibidos de fazê-lo. Muitos se escandalizam com a afirmação de que Jesus veio para libertar os oprimidos. Mas Jesus termina: “Felizes os que não se escandalizam comigo!”.

Depois que os discípulos de João se afastam, Jesus se dirige ao povo para falar de João. Pergunta inicialmente o que foram ver no deserto e responde: não foram ver um bambu agitado pelo vento, de um lado para o outro, nem alguém vestido com roupas finas. No deserto estava um profeta; mais do que um profeta, aquele que abre os caminhos.

“No entanto, o menor no Reino dos céus é maior do que ele.” Reino dos céus é o mesmo que reino de Deus, conforme está no texto paralelo de Lucas. Esse reino de Deus aqui se entende como a comunidade cristã. Assim,

Ecoteologia: um mosaico

Afonso Murad (org.)



A ecoteologia é, hoje, uma das grandes esperanças para a recuperação e a preservação da nossa Casa Comum: o planeta Terra. Esta obra reforça a formação de uma nova consciência necessária, sem a qual poderemos conhecer crises ecológico-sociais de graves consequências. Textos de grandes personalidades promovem reflexões atuais sobre temas como ecologia, consciência ambiental e o papel da religião na formação dessa consciência coletiva.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





qualquer membro da Igreja do Novo Testamento é maior do que João Batista.

O reino sofre violência, diz o versículo 12, que segue o trecho do Evangelho lido hoje e faz parte da mesma perícopes. A afirmação soa um tanto misteriosa. Significa que a comunidade dos discípulos de Jesus é perseguida, vítima de violência? Parece, no entanto, que se trata da violência exigida de quem quer conquistar ou arrebatado o reino. É a práxis contra a entranhada mentalidade deste mundo e dos que o dominam. Não significa exercer essa mesma forma de violência, mas vencê-la com firmeza por meio do amor.

III. Pistas para reflexão

Será que estamos prontos para conquistar, raptar, como diz o texto evangélico, o Reino de Deus?

A ação de evangelizar os pobres constitui o principal sinal de que Jesus é o Messias esperado pela humanidade. Evangelizar não é impor a alguém um conjunto de doutrinas ou submetê-lo a enorme código de leis e regulamentos. Evangelizar é levar boa notícia, levar esperança e ânimo a quem precisa, aos pobres, aos sofredores, às vítimas deste mundo.

A um morador de rua, você não vai dizer que ele deve ir à missa todo domingo; você vai dizer que Jesus também era “trecheiro”, não tinha nem uma pedra onde encostar a cabeça.

A boa notícia para os oprimidos pode ser má notícia para os opressores, mas é a mensagem de Jesus. Quando ficamos com medo de magoar os opressores, não nos estamos escandalizando com Jesus?

É preciso saber combinar a ideia do juiz implacável, que separa o que presta – o grão – do que não presta – a palha, que vai para o fogo –, com a ideia daquele que vem curar a todos, abrir os olhos aos cegos, os ouvidos aos surdos e purificar os “sujos”, enfim, trazer boas notícias para os pobres.

Abrir os olhos aos cegos, os ouvidos aos surdos, a boca aos mudos, fazer os inválidos

ficar de pé, com o entendimento disso como milagres ou manifestações de poder, em pouco ou nada modifica o nosso comportamento e a caminhada da humanidade. Quando essas coisas são sinais do objetivo de fazer todos se tornarem sujeitos, senhores da própria vida, já incomodam bem mais.

O reino sofre violência. Não é fácil a busca do reinado de Deus. O mais difícil talvez seja desembaraçar-se do reinado do dinheiro e de tudo o que ele oferece. “Só os violentos o arrebatam”, só os fortes raptam esse reinado.

Trata-se da força usada por João, o precursor, que preparou a vinda daquele que haveria de começar o reinado de Deus no mundo. Ele não era um ramo agitado por qualquer vento, nem vestia roupas chiques: era um profeta, já pela própria austeridade e firmeza, e mais do que um profeta, pois preparava os caminhos do Senhor.

Mais violento ainda foi Jesus, ao entregar-se livremente à morte de cruz a fim de rasgar os caminhos para uma humanidade nova. Essa sua violência e o mundo novo celebramos na eucaristia.

Advento não é preparação para comemorar o Natal. Advento é celebrar a chegada do Senhor e reunir forças para arrebatado o reinado de Deus.

4º Domingo do Advento

18 de dezembro

A mãe do Salvador

I. Introdução geral

O quarto domingo do Advento nos traz, todo ano, a figura de Maria, a mãe do Senhor. Neste ano A, seguimos o Evangelho de Mateus. Nesse Evangelho, ela aparece realizando em plenitude as palavras de Isaías pronunciadas mais de setecentos anos antes. A roupagem literária com que o profeta vestiu a mãe e o filho que ele anunciava era grande demais: só Maria e Jesus preenchem as palavras do profeta.



A jovem mãe torna-se virgem mãe; o nome “Emanu-el”, de simples grito de guerra, passa a significar verdadeira presença de Deus no meio da humanidade. O nascimento já ocorrido, ou que Isaías previa para breve, torna-se geração e nascimento totalmente imprevisíveis, possíveis apenas por intervenção direta de Deus.

E a origem em Davi é assegurada por José, o homem justo. A origem em Davi é lembrada por Paulo, que anuncia em Jesus a realização de todas as esperanças do povo judeu. José, justo, pratica a justiça do reinado de Deus, tema central do Evangelho de Mateus: justiça que, mais do que observância rigorosa da Lei, é toda uma ordem social justa, fundada no respeito ao outro e na misericórdia.

Todo filho traz à mãe a lembrança do pai. O nascimento virginal faz Maria, ao ver Jesus, lembrar-se não de José, mas de Deus e do seu Espírito. E seu Filho realiza, não só para ela, mas para toda a humanidade, aquilo que dizia o nome da criança anunciada a Acáz: Emanuel, Deus-conosco.

II. Comentários aos textos bíblicos

1. I leitura: Is 7,10-14

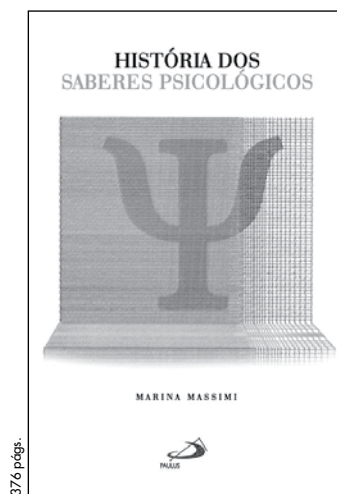
O rei Acáz estava com medo dos reis de Israel e da Síria, que planejavam derrubá-lo do poder e pôr outro em seu lugar. Isaías vai dar-lhe coragem. Diz que o plano deles vai fracassar, pois os dois reinos não têm forças para isso, nem para resistir aos assírios, e diz também que “quem não crê não sobrevive” (vv. 7-9).

Em seguida, diz a Acáz que peça um sinal de Deus, seja de vida (“das alturas”), seja de morte (“das profundezas”). Acáz não crê e arranja uma desculpa religiosa para não pedir o sinal, não tentar o Senhor. Mesmo assim, Isaías lhe indica qual será o sinal.

Fala de uma moça que terá um filho. Essa moça pode ser a esposa de Acáz e o filho, Ezequias, talvez até já nascido. Toda a esperança se concentra numa pessoa que,

História dos saberes psicológicos

Marina Massimi



376 págs.

O que é a psicologia? Quais são os fenômenos de que ela se ocupa? Em *História dos saberes psicológicos*, a professora da USP Marina Massimi responde a essas perguntas sob a perspectiva histórica. O livro reconstrói o caminho através do qual o homem buscou atingir o conhecimento de si e do outro, da vida mental e dos comportamentos – os “saberes psicológicos”. Obra essencial para a formação crítica do psicólogo contemporâneo.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





mais tarde, na tradição judaica, será o Messias. O nome simbólico dele será Emanuel, Deus-conosco. Na época, isso poderia ser apenas um grito de guerra: antes de atacar, o comandante gritava por três vezes *emanu* (conosco), e os soldados, *El* (Deus). É o sinal da vitória na guerra.

Na introdução (v. 10), Javé aparece como o Deus de Acáz: “Pede um sinal a teu Deus Javé”, mas, como o rei se recusa a se socorrer dele, Javé se torna o Deus apenas do profeta: “passais a incomodar até o meu Deus!” (v. 13). Deus, sem que Acáz queira ou peça, dar-lhe-á o sinal de que os dois reis que o ameaçam não passam de “dois gravetos em brasa fumegantes”.

Esse sinal será a jovem que vai gerar um filho e dar-lhe o nome de Deus-conosco. A jovem mãe é que dá nome ao filho. Essa “jovem” do texto hebraico tornou-se “virgem” na tradução grega dos Setenta e, assim, abriu o caminho para a interpretação que os Evangelhos lhe dão: a virgem mãe é Maria e o filho é Jesus.

2. II leitura: Rm 1,1-7

Paulo escreve às comunidades nas quais conviviam cristãos judeus e gentios. Os judeus tinham sido expulsos de Roma e agora, autorizados, estavam voltando em situação de grande inferioridade. A fim de dar-lhes apoio, Paulo inicia a carta lembrando que Jesus é a boa-nova de Deus há tempos anunciada nas Escrituras sagradas dos judeus, é Filho de Deus, mas judeu de nascimento, da família de Davi.

Ele é definido Filho de Deus com poder a partir da ressurreição, a partir de sua vitória sobre a morte, quando Deus ratificou sua obra e mensagem. A partir daí o judeu crucificado é Messias e Senhor nosso.

Com base no entendimento de que o Crucificado é o Messias, Paulo foi chamado a levar a todas as nações, a todos os não judeus, a fé, que se traduz em obediência, aten-

ção e resposta positiva aos apelos de Deus na vida, como aconteceu consigo mesmo.

A boa notícia do reinado de Deus levada a todo o mundo (Evangelho) se resume, pois, nesse judeu nascido de Maria, incluído na descendência de Davi mediante José e por Deus ressuscitado dos mortos como Messias e Senhor.

3. Evangelho: Mt 1,18-24

O Evangelho de Mateus é um Evangelho de judeus cristãos. Começa com a genealogia de Jesus, filho de Abraão, como todo judeu.

Numa sociedade patriarcal, na árvore genealógica só aparecem os homens. Na de Jesus, aparecem quatro mulheres que conquistaram seu espaço por meio da geração de um filho ou da relação sexual. São elas: Tamar, que conseguiu permanecer na família de Judá por gerar um filho deste; Raab, a prostituta de Jericó que protegeu os espiões hebreus e salvou sua família; Rute, a moabita que recuperou sua ligação com os clãs de Belém mediante seu casamento com Booz, tornando-se avó de Davi; Betsabeia, a mulher que Davi tirou de Urias.

Além dessas quatro, aparece Maria, com grande destaque. Ela é a mãe de Jesus, ao passo que José é apenas seu esposo; na concepção patriarcal, apenas faz a ligação dela com a casa de Davi.

No texto lido hoje, um anjo do Senhor anuncia o nascimento de Jesus por intervenção direta de Deus. Várias grandes figuras da Bíblia, como Ismael (Gn 16,7-12), Isaac (Gn 17,1-19) e Sansão (Jz 13,3-22), tiveram seu nascimento anunciado por mensageiros divinos.

O nome “Jesus” quer dizer “Deus salva”. O nome lembra que “ele vai salvar seu povo”. Seu povo é o povo judeu? Salvar de quê? Do poder de Roma? Dos seus dirigentes corrompidos? Vai salvar “dos seus pecados”. O evangelista vai mais fundo, chega ao pecado, raiz de toda opressão. E, mais adiante, a visita dos magos vai mostrar que “seu povo” não é ape-



nas o povo judeu, mas abrange os mais distantes e estranhos povos.

Maria, já comprometida com José, encontra-se grávida antes que passem a conviver. A primeira etapa do casamento estava realizada; faltava passarem a morar juntos. Deve-se notar que o evangelista chama José de seu marido, o que significa que o casamento estava realizado.

Por ser justo, por pôr em prática a justiça do reino, que não é o simples seguimento do rigor da Lei – a qual o levaria a denunciar Maria como adúltera – ficou pensando na possibilidade de deixá-la sem provocar escândalo.

Tudo isso prepara o anúncio da geração divina de Jesus. A mensagem do anjo vai além do que José imaginava: nem a denúncia pública nem a saída discreta; ao contrário, acolher a esposa, pois o que ela traz no ventre vem de Deus.

E o Evangelho toma o texto de Isaías 7, o sinal do Emanuel, para demonstrar como tudo o que acontece agora realiza plenamente o que está no livro do profeta, sobretudo ao considerar a tradução dos Setenta que diz “virgem” em vez de “jovem”. Aquilo que poderia parecer bem misterioso no diálogo entre Isaías e Acáz aqui adquire sentido total.

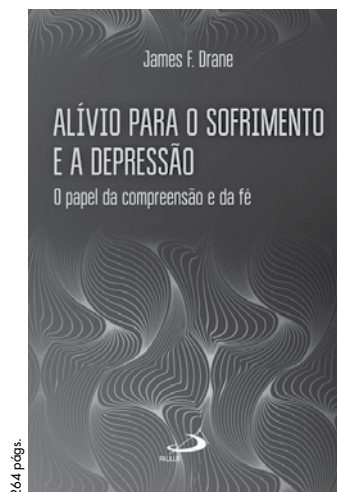
O Filho da virgem mãe será chamado Emanuel. Se no diálogo de Isaías com Acáz esse nome poderia lembrar apenas um grito de guerra, aqui tem significado pleno. Ele é Deus conosco, não apenas nos dando forças — tal como a aclamação guerreira pretendia convencer os soldados —, mas também sendo a presença de Deus no meio da humanidade, sendo Deus que vem caminhar com a gente. Jesus é a presença vitoriosa de Deus no meio da humanidade, é o Emanuel, o Deus-conosco.

III. Pistas para reflexão

Emanu! El! Emanu! El! Emanu! El! Atacar! O antigo grito de guerra passa a ter ago-

Alívio para o sofrimento e a depressão **O papel da compreensão e da fé**

James F. Drane



O sofrimento e a depressão são questões muito presentes na vida do ser humano da pós-modernidade. Mas como lidar com esses problemas? Neste livro, Dr. Drane, valendo-se de seu vasto conhecimento da natureza humana e de sua extraordinária competência nas áreas da psicologia, filosofia, literatura, arte e religião, demonstra que a compreensão e a fé podem ter um papel potente no alívio da depressão em todas as idades do indivíduo.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





ra um significado mais profundo. Antes significava apenas confiança no Deus que apoiava o povo em suas guerras. Visava apenas dar coragem aos soldados. Agora significa que Jesus é presença de Deus entre nós, que nele Deus veio acampar conosco.

A luta de Jesus parecia tê-lo levado ao fracasso da cruz. Mas Deus estava com ele também aí: prova disso é que o ressuscitou dos mortos, fazendo dele o Senhor da vida e da morte. Com ele estava Deus, e ele é Deus conosco. Nossa luta para estabelecer no mundo o reinado de Deus não vai fracassar. *Emanuel*, Deus está conosco.

Na eucaristia, lembramos a luta que culminou na cruz e a vitória da ressurreição, fazendo, na comunhão, partilha da vida em plenitude para todos igualmente.

José era um homem justo. Sua justiça, porém, não se reduzia àquela coisa pequenina de só ver a Lei. Se ele só visse a Lei, teria denunciado Maria publicamente. Sua justiça, muito além da Lei, era deixar-se reger pelos critérios do reinado de Deus, Pai de todos, que respeita a todos, que a todos entende e compreende. Sua justiça “superava de muito a justiça dos escribas e fariseus”. Essa justiça nos faz muita falta.

Maria passa quase despercebida. É a figura principal, e nós quase nem a notamos. É a figura principal exatamente por isto: não pretende aparecer, não está em busca dos holofotes nem das câmeras. É a figura principal porque foi na sua humildade, em todos os sentidos, que Deus quis se fazer presente na humanidade.

“A virgem conceberá e dará à luz.” Se, para a mãe, o filho sempre lembra o pai, para Maria, Jesus não lembra José, mas o Espírito de Deus; não lembra uma experiência vivida com o marido, mas Deus, que a quis. Seu amor ao filho não passa pelo amor do marido, mas vai direto ao Filho. Seu amor a Jesus é isento de qualquer segundo interesse, é totalmente puro.

Nosso amor não é puro; nada fazemos sem um pouco de interesse próprio, sem uma ou mais segundas intenções. A fecundidade de Maria é tão grande, a ponto de gerar Deus, porque é virginal, porque é pura, isenta de qualquer segunda intenção.

Natal do Senhor – Missa da noite
24 de dezembro

O pobre, salvador dos pobres

I. Introdução geral

Jesus não nasceu no dia 25 de dezembro. No Oriente, o Natal é celebrado no dia 6 de janeiro. A Igreja do Ocidente optou por celebrar a memória do nascimento do Senhor no dia 25 de dezembro porque nele se celebrava o nascimento do Sol Invicto. No hemisfério norte, essa é considerada a noite mais longa do ano. O sol vinha se escondendo, os dias cada vez mais curtos, agora o sol começa a voltar. Jesus é o sol que nasce. É o verdadeiro sol invicto, que não se deixa vencer pelas trevas.

Por isso, as três missas de Natal. A da meia-noite lembra o livro da Sabedoria: “Quando... a noite chegava ao meio do seu curso, a tua palavra todo-poderosa vinda do céu...” (18,14-15). A do raiar do dia lembra Jesus, o dia que nasce, e a missa do dia é a claridade de meio-dia da Palavra encarnada.

Os textos da missa da noite falam de luz e de trevas. O cativeiro era um mundo de trevas, próximas das trevas do *hades* ou *sheol*, que nossa versão do credo transformou em “mansão dos mortos”. A libertação é a luz que volta a brilhar. A luz volta a brilhar porque um menino nos foi dado.

A noite dos arredores de Belém é iluminada pelo clarão do anjo do Senhor. A vida escura dos pobres pastores se ilumina, porque para eles nasceu um salvador, em tudo semelhante a eles.



II. Comentários aos textos bíblicos

1. I leitura: Is 9,1-6

Para Isaías, a esperança de sair do cativeiro é como uma luz que brilha na escuridão. Hoje, Jesus deve ser a luz que brilha na noite da humanidade, ainda debaixo do peso de um cativeiro sempre renovado.

O povo havia sido levado para o cativeiro da Babilônia passando pela Galileia – dominada pelos gentios –, precisamente pelas regiões de Zabulon e Neftali. Agora volta do cativeiro pelos mesmos caminhos. Isso foi dito no final do capítulo 8. No texto de hoje, esse retorno é a luz que brilha para os que já se consideravam na caverna escura debaixo da terra, como imaginavam o lugar dos mortos.

Sua alegria se manifesta na presença de Deus. É a alegria da colheita. Se o plantio foi duro e sofrido, a alegria da colheita compensa e muito. A canga que lhes pesava no pescoço, a vara com que lhes batiam nos ombros, o chicote dos capatazes, tudo foi quebrado. Se no cativeiro viviam como bois de carro ou animais de carga, agora tudo isso acabou.

No episódio de Madiã (Jz 7), Gedeão, para mostrar que era Javé quem lutava por eles, derrota, com um pequeno grupo de combatentes, o poderoso exército dos madianitas, que oprimiam os israelitas. Agora, também, a libertação é obra de Deus.

Acabou o clima de guerra, acabou o tempo das armas, das botas barulhentas dos soldados, das fardas sujas de sangue. Isso deve desaparecer, deve ir para o fogo. Chegou o tempo da paz e da felicidade completa para todos.

A alegre esperança se concretiza na pessoa de um menino nascido para trazer a felicidade completa, a paz, para todo o povo. Quem seria esse menino na mente do poeta-profeta não se sabe com certeza. A verdade é que essa esperança em um personagem concreto vai se firmando na tradição judaica até tornar-se esperança no futuro Messias.

Mobilidade humana e identidades religiosas

Fábio Baggio, Paolo Parise, Wagner Lopes Sanchez (coords.)



O fenômeno da migração compulsória tem sido uma constante na história da humanidade, mas, nos últimos anos, no entanto, tem se despontado com muita força em virtude do "êxodo sírio" desde que começou a guerra civil na Síria. Este livro traz reflexões acerca do papel das religiões no acolhimento daqueles que são forçados a deixar seus países de origem em busca de uma vida melhor.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





2. II leitura: Tt 2,11-14

As palavras atribuídas a Paulo falam da ternura de Deus que se revela na encarnação de Jesus. Só a mansidão de Deus pode vencer a nossa arrogância.

As chamadas epístolas pastorais supõem uma situação eclesial bem posterior ao tempo de Paulo. As comunidades cristãs já podem ser identificadas no meio do mundo gentio ou pagão, já têm certa visibilidade. O comportamento dos cristãos é um testemunho positivo ou negativo de sua fé.

A epístola a Tito manda dar orientações aos idosos (2,2), às idosas (2,3), às jovens e às esposas (2,4-5), aos jovens (2,7) e aos cristãos escravos (2,9-10), todas reforçadas pelo bom exemplo do destinatário da epístola (2,7-8). De todos se pedem humildade e moderação, para que sua fé não seja objeto de críticas, mas de elogios e de simpatia.

Tudo desemboca no trecho lido na missa da noite de Natal. O Menino do presépio é a manifestação da graça salvadora de Deus. Aquele que teve como berço um cocho, onde se coloca alimento para os animais, e teve como leito de morte a vergonhosa cruz, ele é que nos revela a graça salvadora de Deus, ele é que mostra à humanidade o caminho da vida, ele é que mostra como é gratuita a salvação.

Ele não nos tira deste mundo, mas não nos deixa ser arrastados pela cobiça e pela arrogância que governam o mundo. Ao contrário, sua pobreza e humildade nos ensinam a viver com moderação, sem a ganância em que se converteu a celebração do nascimento do Menino: a viver humildemente, procurando a justiça e a piedade, sem procurar a glória do presente, na serena expectativa da glória que virá.

3. Evangelho: Lc 2,1-14

Jesus nasceu na extrema pobreza e foi anunciado por Deus como salvador dos pobres pastores. Nasceu no meio da história humana, submisso aos poderosos do mundo.

Seu nascimento dá glória a Deus e traz a plena realização aos pobres.

Pouco interessa a exatidão histórica desse “primeiro recenseamento, quando Quirino governava a Síria”. A referência aos poderosos do mundo de então vai contrastar com a pobreza e humildade do nascimento daquele que se tornou realmente o centro da história da humanidade.

O Evangelho de Lucas é o Evangelho do amor de Deus, o Evangelho dos pobres, dos pecadores, das mulheres, de todos os discriminados e excluídos. José, que é da descendência de Davi, está submetido às ordens dos senhores deste mundo e vai com Maria, grávida, até Belém. É preciso que o Filho de Davi venha de Belém.

Não há lugar para eles na hospedaria. Ficam fora, como tantos outros. Vão dormir na estrebaria, e o berço do Menino será um cocho, um lugar onde se põe alimento para o gado. Não nasce num berço de ouro; ao contrário, nasce pobre entre os mais pobres.

Os pastores eram pobres, temidos e discriminados. Sua situação era semelhante à dos ciganos de hoje. Eram nômades, iam de um lugar para outro, conduzindo suas ovelhas. Passavam as noites ao relento, olhando seus rebanhos. Eram temidos pela suspeita de serem ladrões de gado.

A eles aparece o anjo do Senhor. No Primeiro Testamento, o anjo do Senhor é como que uma duplicata de Javé, que diretamente ninguém pode ver, senão morre. É a maneira de o próprio Deus Javé aparecer. O anjo do Senhor diz aos pastores que nasceu um salvador para eles, um salvador para os últimos da sociedade.

De onde virá o salvador dos pastores? O sinal será este: um recém-nascido envolto nas faixas comuns dos recém-nascidos e deitado num cocho, dentro de uma estrebaria. É aí, não em um palácio, que vão encontrá-lo. Num palácio, os pastores não poderiam entrar. Só mesmo numa estrebaria, num ambiente que



lhes era familiar, vão encontrar o seu salvador.

Ele será também uma alegria para todo o povo. Ele não deixa ninguém constrangido; dele todos podem se aproximar, a ele todos podem procurar. A pobreza é o sinal da salvação que chega. Isso abala os critérios da nossa sociedade humana, contrasta com a mentalidade reinante, vai contra a corrente do pensamento único. Isso não combina com a maneira atual de celebrar o Natal. Choca. Incomoda. Mas é fato incontestável.

E a multidão de anjos que se une ao anjo do Senhor diz, cantando, que esse nascimento significa a glória de Deus nas alturas e, na terra, o bem, a felicidade, a plena realização – pois *shalom* significa plenitude – daqueles que se encaixam nesse projeto de Deus. A palavra grega *eudokia*, traduzida antigamente por “boa vontade” e atualmente por “bem-querer” – daí queridos, amados por Deus –, parece significar algo mais, o próprio projeto do bem-querer de Deus. Por isso foi dito: “aqueles que se encaixam no projeto compassivo de Deus”, aqueles que, sem arrogância, se veem carentes do amor compassivo e salvador de Deus.

III. Pistas para reflexão

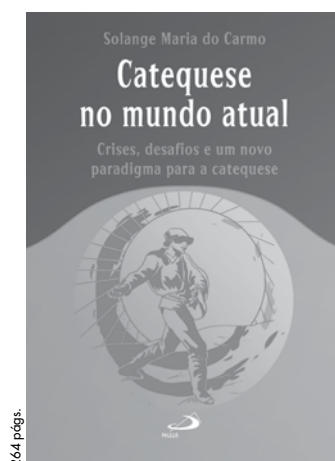
A alegre esperança daqueles que, em todos os tempos, buscam a verdadeira paz se concretiza na pessoa de um menino nascido para trazer a felicidade completa, a paz, para todo o povo.

A ternura de Deus se revela no presépio. Só a mansidão de Deus pode vencer a nossa arrogância. Paz na terra àqueles que, sem arrogância, se veem carentes do amor compassivo e salvador de Deus.

O Menino do presépio é a manifestação da graça salvadora de Deus. Aquele que teve como berço um cocho e teve a cruz como leito de morte, ele é que nos revela a graça salvadora de Deus, ele é que mostra à humanidade o carinho de Deus, ele é que nos revela como é gratuita a salvação. O anjo do Senhor

Catequese no mundo atual Crises, desafios e um novo paradigma para a catequese

Solange Maria do Carmo



Se a Igreja, de fato, deseja transmitir a Boa-nova de Jesus Cristo, já é hora de pensar em um novo paradigma catequético, capaz de falar ao coração das pessoas hoje. É sobre esse novo paradigma catequético que este livro fala. Ele é o resultado da tese de doutorado da professora Solange Maria do Carmo mas ganhou versão mais popular, com texto leve, poético e muito claro. A partir da teologia catequética do francês Denis Villepelet, Solange propõe repensar a catequese hoje.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





diz aos pastores que nasceu um salvador para eles, um salvador para os últimos da sociedade. Mas de onde virá o salvador dos pastores? Não é em um palácio que vão encontrá-lo. Num palácio, os pastores nem poderiam entrar. Só mesmo numa estrebaria eles vão encontrar o seu salvador.

A pobreza é o sinal da salvação que chega. Isso abala os critérios da nossa sociedade humana, contrasta com a mentalidade reinante, vai contra a corrente do pensamento único. Isso não combina com a maneira atual de celebrar o Natal. Choca. Incomoda. Mas é o fato incontestável que celebramos esta noite.

Na missa celebramos aquele que teve como berço um cocho e por leito de morte a cruz. Nasceu na estrebaria, não num berço de ouro. Celebramos como ele assume a maldição que era a cruz a fim de abrir-nos o caminho da vida, da salvação.

Ele vem ao nosso encontro não numa “Noite feliz” que cantamos, nem apenas na comunhão ritual de que participamos. Ele vem ao nosso encontro em tudo e todos os que encontramos.

Natal do Senhor – Missa do dia
25 de dezembro

O pobre menino é a fala de Deus

I. Introdução geral

As leituras da missa do dia do Natal nos dizem quem é esse Menino nascido na extrema pobreza. É a comunicação eterna de Deus, que acampa no meio de nós para caminhar conosco. É a fala, a palavra, a sabedoria, o projeto de Deus que existiu antes de o mundo ser criado. O Menino nascido no estábulo é quem nos explica como é o Deus invisível.

Somos tentados a imaginar um Deus todo-poderoso como os césores, que podiam, com um simples gesto, decretar a vida ou a morte

de alguém sem ter de justificar seu ato. Somos tentados a imaginar Deus como um rei oriental das *Mil e uma noites*, cuja riqueza é incommensurável. Não. Deus é frágil e pobre como o Menino nascido num refúgio de animais. Somos tentados a imaginar Deus ao lado dos ricos e poderosos. Não. Ele é reconhecido Salvador dos pobres pastores, dormindo num cocho, não em um berço de ouro.

Ele é a fala de Deus. A fala eterna: anterior à criação e a fala que agora se manifesta. Ele é a fala e é o Filho. Se Deus havia falado por meio dos profetas, agora nos fala diretamente no Filho, que é a sua fala. Ele é o Filho que nos faz filhos, nascidos de Deus, livres de qualquer escravidão. Ele é o Filho que realiza o que a Lei manda, mas não faz. Ele é o Filho reclinado à direita do Pai, que nos faz a exegese do Deus que ninguém jamais viu.

II. Comentários aos textos bíblicos

1. I leitura: Is 52,7-10

O poema lido na primeira leitura de hoje canta a esperança próxima do fim do cativeiro da Babilônia e a volta para Jerusalém ou Sião. Feliz é o mensageiro que traz a notícia da liberdade e do retorno à pátria! Que belos são os pés daquele que vem ligeiro, trazendo a Boa-nova! O que ele anuncia é que agora Deus reina.

Talvez seja um dos primeiros empregos na Bíblia da expressão anunciar a Boa-nova, evangelizar. O verbo hebraico utilizado chegou à nossa língua por meio do árabe, língua irmã do hebraico. No hebraico, a raiz verbal é *vsr*. Ela chegou para nós na palavra “alvissaras”, usada classicamente para falar da recompensa de quem traz boas notícias. Alvissarar é dar boas notícias; alvissareiro é quem dá boas notícias ou faz boas previsões. O grego e o latim traduziram esse verbo por evangelizar. E aqui o Evangelho ou notícia alvissareira é o fim do cativeiro e o retorno a Jerusalém, sinal de que Deus voltou a reinar.



O poema se desenvolve imaginando a chegada dos exilados de volta a Jerusalém. As sentinelas da cidade são os primeiros a ver. Ao verem o grupo de exilados que retornam, estão vendo frente a frente Javé de volta para Sião: é a salvação, a vitória de Javé acontecendo. Seus gritos de alerta se transformam em algazarra de alegria, em cânticos e dança. Até as ruínas da cidade deserta são convidadas a jubilar com o alegre coro. É Javé que arregaçou as mangas para enfrentar as nações e salvar o seu povo. É a sua esperada salvação que chega inesperada.

2. II leitura: Hb 1,1-6

O texto da segunda leitura não é uma carta ou epístola; costumeiramente chamado de homilia, é apenas um texto exortativo dirigido a judeu-cristãos.

Com a destruição de Jerusalém, no ano 70, pelas forças romanas comandadas por Tito, os judeu-cristãos consideravam ter perdido o que tinham de melhor e mais atraente: as celebrações festivas e o culto no Templo. Pensavam também em abandonar o cristianismo, um pouco descrentes de tudo. O escrito pretende reanimá-los e fazê-los entender que Jesus realiza tudo o que esperavam de melhor e supera o que tinham de mais valioso.

Eles valorizavam muito a Bíblia, a palavra de Deus que lhes chegou por meio dos profetas, os quais falaram aos seus antepassados em nome de Javé. Assim é que o escrito começa lembrando que Javé nos fala hoje, já não por meio de um intermediário, mas por seu próprio Filho. Esse Filho é também a Palavra, a fala, a sabedoria de Deus existente antes da criação do mundo e por meio de quem o próprio mundo foi criado.

Ele é a Palavra, a Fala, o Resplendor, a Revelação, a Comunicação de Deus. Essa sabedoria, esse projeto de amor é que sustenta o universo. Presente neste mundo, com sua morte de cruz ele desfez os laços do pecado,

realizou de uma vez por todas a purificação que todos os anos os judeus celebravam no dia da expiação.

Agora, porém, ressuscitado, ele está reclinado à direita do Pai no banquete celeste, em lugar superior a todos os outros habitantes do céu. Esse Jesus morto e ressuscitado, que teve como berço um cocho e como leito de morte a cruz, fala-nos de Deus e da sua salvação. É nele que Deus se revela. Acima de todos os outros profetas, ele é a Fala definitiva do Pai. Não precisamos de outros profetas, basta Jesus para nos falar de Deus.

3. Evangelho: Jo 1,1-18

O evangelista colocou na abertura do seu Evangelho um hino da sua comunidade, que é, como nas grandes obras musicais, o que se chama de *ouverture*. Apenas dá as primeiras notas, passando brevemente por alguns dos motivos mais significativos da obra.

O hino já era estruturado de acordo com a retórica semita (o paralelismo quiástico ou cruzado), em que o primeiro tópico está em paralelo com o último, o segundo com o penúltimo, e assim por diante. Podemos compará-lo a um sanduíche, aqui bem grande: nos dois extremos, duas fatias de pão, depois duas fatias de queijo, duas folhas de alface, duas fatias de tomate etc. e, no centro, a carne ou presunto, o que é mais suculento.

O evangelista apenas acrescentou ao hino duas referências a João Batista, que não era a luz, como poderiam pensar discípulos seus, mas, ao contrário, testemunhou que Jesus, que veio depois, é anterior a ele. No entanto, o evangelista fez isso respeitando a estrutura anterior do hino. Inseriu as duas observações sobre o Batista em dois pontos que se correspondiam, mantendo inalterado todo o restante do poema. Fez como se, no nosso grande sanduíche, colocasse mais duas rodela de ovo, uma de um lado e outra do outro. Basta observar que, retirando as duas referências ao Batista, a sequência das ideias corre me-



lhor. Não é difícil notar neste esquema a estrutura do hino:

Na Criação	Na Nova Criação
O VERBO	O FILHO
A - em Deus (vv. 1-2)	A' - no Pai (v. 18)
B - na Criação (v. 3)	B' - Na Graça (v. 17)
C - luz para os homens (vv. 4-5)	C' - plenitude para nós (v. 16)
D - o Batista (vv. 6-8)	D' - o Batista (v. 15)
E - vem ao mundo (vv. 9-11)	E' - encarna-se (v. 14)
F - e deu-lhes o poder de se torna- rem filhos de Deus	

O centro do hino, a carne ou o presunto do nosso sanduíche, é o tópico “deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus”. Esse é o ponto de chegada, a dignidade de filhos de Deus para os que creem em Jesus. Até aí, o Verbo, a Palavra, a Fala, a divina Sabedoria de Deus, antes do mundo, já estava voltada para Deus (A). Foi ela que criou o mundo e nada se fez sem ela (B). Era a luz e a vida para a humanidade (C), e essa luz vem ao mundo, que não a acolhe (E). Até então, o mundo, eles, a humanidade.

Depois o hino se volta para nós, que acolhemos o Verbo-Filho. O Verbo encarnado que veio participar do nosso êxodo – literalmente, “acampou entre nós” – é o Filho, cuja glória vimos, cheio de amor e fidelidade (E’). Recebemos da sua plenitude (C’) e ele nos faz cumprir a Lei de Deus, pois Moisés, que queria ver a face de Deus, mas não a viu, apenas trouxe a Lei. O

Verbo é quem pratica, realiza, faz (o mesmo verbo utilizado para dizer que a Palavra criou o mundo) o amor e a fidelidade (B’). Se ninguém, nem Moisés, viu a Deus, foi o Filho que – agora reclinado à direita do Pai, voltado para o colo do Pai – nos explicou quem é Deus (A’).

III. Pistas para reflexão

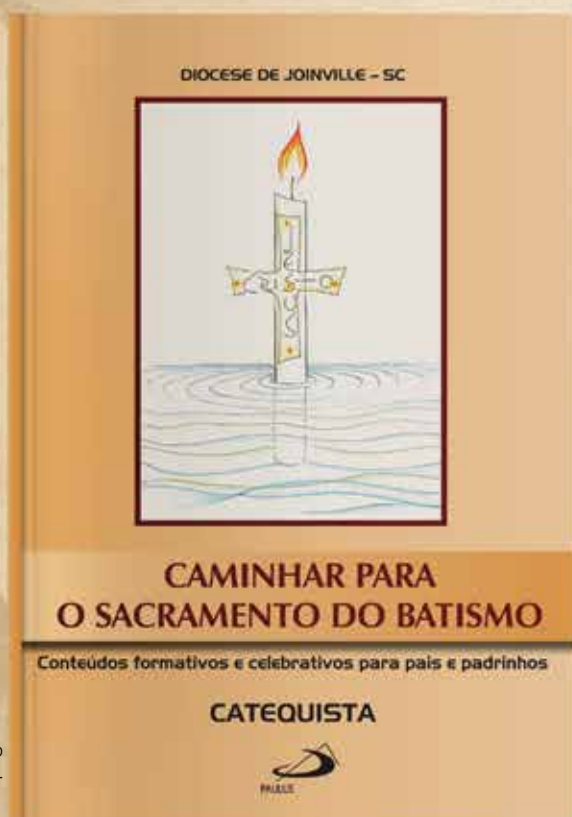
O Menino nascido no estábulo é quem nos explica como é o Deus invisível. Ele é a fala de Deus. A fala eterna: anterior à criação e a fala que agora se manifesta. Ele nos fala ainda hoje, basta prestar atenção, estar alertas.

Ele é a fala e é o Filho. Se Deus havia falado por meio dos profetas, agora nos fala diretamente no Filho, que é a sua fala. Ele é o Filho que nos faz filhos, nascidos de Deus, livres de qualquer escravidão. Ele é o Filho que realiza o que a Lei manda, mas não faz. Ele é o Filho reclinado à direita do Pai que nos faz a exegese do Deus que ninguém jamais viu.

É preciso vencer a tentação de ver Deus no poder como os poderes podres deste mundo, de ver Deus nas grandezas monumentais de pés de barro deste mundo, de ver Deus nos espetáculos fúteis e enganadores deste mundo. É preciso aprender a ver Deus em Jesus. Só ele, nenhum imperador deste mundo, nos revela quem é Deus.

Que belos são os pés daquele que vem ligeiro trazendo a Boa-nova! O que ele anuncia é que agora Deus reina. O reinado de Deus se manifesta quando os cativos deste mundo adquirem a liberdade, os desalojados voltam para casa, os expatriados voltam à sua cidade. A Boa-nova, o Evangelho, é que Deus liberta os cativos e repatria os exilados, deixa a todos livres e em casa. ●

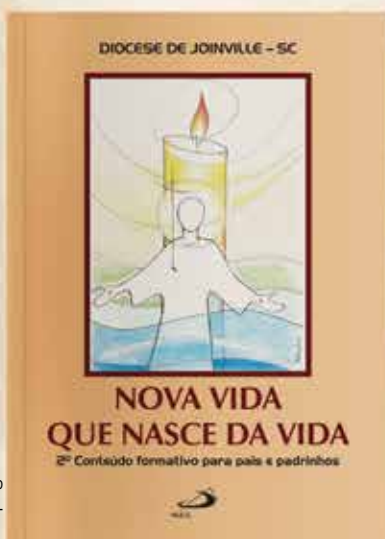
O Domingo – Celebração da Palavra: O objetivo deste periódico é celebrar a presença de Deus na caminhada do povo de Deus e servir às comunidades eclesiais na preparação e realização da **Liturgia da Palavra**. Ele contém as leituras litúrgicas de cada domingo, proposta de reflexão, cantos do Hinário litúrgico da CNBB e um artigo que trata da liturgia do dia ou de algum acontecimento eclesial.



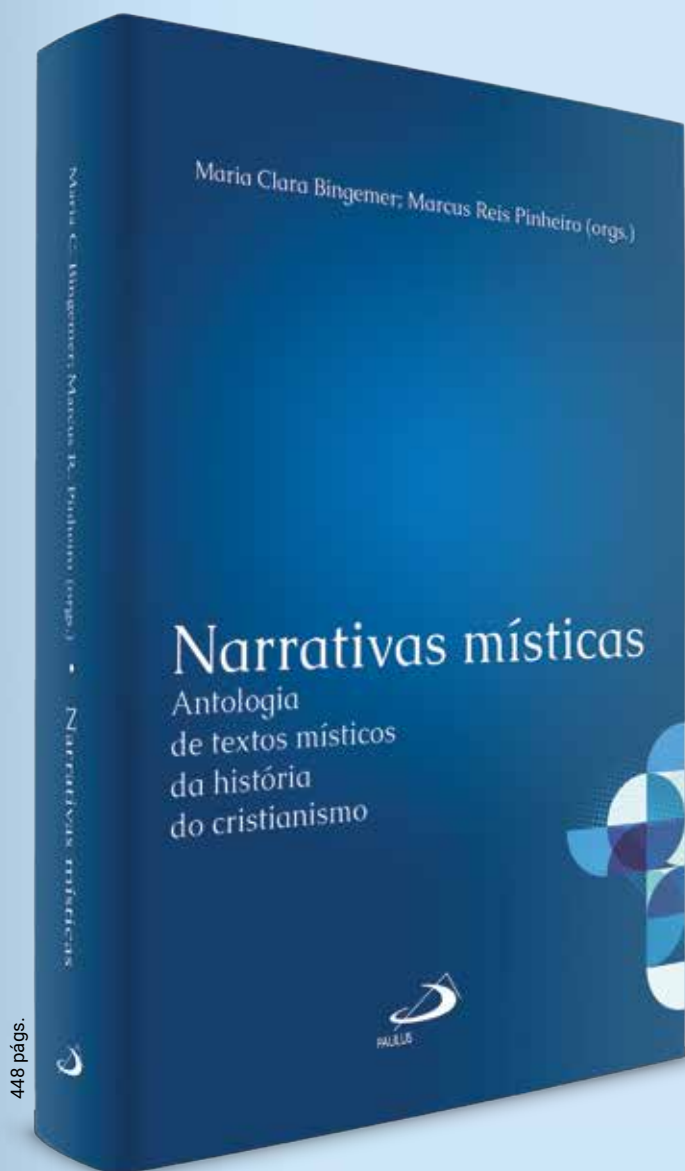
CAMINHAR PARA O SACRAMENTO DO BATISMO

Conteúdos formativos e celebrativos para pais e padrinhos – Catequista
Diocese de Joinville – SC

Este material oferece a pais e padrinhos a oportunidade de retomar a vida cristã, aprofundar a fé e assumir o compromisso de educar filhos e afilhados como cristãos comprometidos. A metodologia prepara em três etapas para o sacramento do batismo, com os conteúdos formativos *A vida que inicia*, *Nova vida que nasce da vida* e *A alegria de ver você crescer*. Os volumes contêm anexos com orações, celebrações, bênçãos e orientações.



A EXPERIÊNCIA **MÍSTICA** AO SEU ALCANCE



Narrativas místicas **Antologia de textos místicos** **da história do cristianismo**

*Maria Clara Bingemer
e Marcus Reis Pinheiro (orgs.)*

Parte integrante da coleção *Amantes do Mistério*, este é um volume fundamental para os estudos da mística no Brasil. Ele coloca ao alcance do leitor brasileiro textos essenciais de místicos cristãos, desde os primórdios do cristianismo até os dias de hoje. A obra preenche uma lacuna nas pesquisas sobre o contato com o Mistério Divino, familiarizando o leitor com a biografia e com os escritos originais dos místicos mais importantes da história cristã.

PAULUS,
dá gosto de ler!

paulus.com.br
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br

